Visconde de Ouguella

Gil Vicente

DEPOSITO:
Livraria A. FERIN
70, R. Nova do Almada, 74
LISBOA

Gil Vicente

Visconde de Ouguella

Gil Vicente

DEPOSITO:
Livraria A. FERIN
70, R. Nova do Almada, 74
Lisboa

Á MEMORIA

DE

Meu filho Ramiro

Este livro, começado em horas remansadas, quando a alegria enchia de luz todo este meu lar domestico, foi continuado e concluido em noites de extrema amargura, na soledade em que um filho estremecido me deixou.

Cahiu-nos nos braços, á mãe, e a mim, no doloroso arquejar de uma rapida agonia, quando nós, confiados n'aquella robusta e florente mocidade, não podiamos crêr, a despeito de uma diagnose implacavel, que a morte viria colhê-lo entre os nossos corações.

Basta.

Ha maguas tão lancinantes, que chegam a ter pejo da sua propria expansão.

Foi a 29 de Dezembro de 1889, meia hora depois do meio dia, que meu filho expirou. Fique esta data aqui, repassada de toda a tristura que nos enlutou a vida.

O unico merecimento d'este estudo, é ser como uma saudade, desfolhada sobre a sua campa.

Ao pae apagou-se-lhe todo o lume dos seus jubilos — cerraram-se-lhe para sempre as portas a todas as felicidades.

Para a mãe haverá um dia a consolação suprema — a morte.

Lisboa 9 de Fevereiro de 1890.

Visconde de Ouguella.

AO LEITOR

> La pensée est pouvoir,
> Tout pouvoir est devoir.
>
> V. Hugo.

O auctor não tem a louca vaidade de ter elaborado este livro com a perfeição e ampla lucidez que o assumpto demanda.

Perfeição absoluta não teem nunca os trabalhos humanos.

Superioridade de criterio não se desvanece o auctor com a ideia de a possuir, porque não se illude com a sua obscuridade.

Aqui ha apenas o preito rendido a uma alta individualidade — ao fundador do theatro nacional.

Demais, e é por esta razão, talvez a mais poderosa de todas, que se exora a benevolencia de quem lêr este estudo: o auctor tem pela terra que o viu nascer, e pela lingua que aqui se fala uma sincera paixão de artista.

Quiz ter a honra de entalhar o seu nome no pedestal, que os seculos erigiram a um vulto genuinamente portuguez, quiz fazer praça d'esta sua homenagem a Gil Vicente.

Foi esta toda a sua ambição.

GIL VICENTE

Se elle era homem de bem, de ingenho e portuguez! — Elle e a sua historia deviam ter este remate.

GARRETT.

I

Affirmada definitivamente a existencia politica da classe média com a acclamação de D. João I, enfreadas as desvairadas ambições dos grandes vassallos pelo braço potente de D. João II, e aberto o caminho da India, ousado commettimento este devido aos interesses e incessantes esforços da dynastia de Aviz. buscava entrar logo a nação portugueza em um periodo de civilização, cujos ideaes deslumbrassem pela grandeza e novidade dos horizontes.

A illustração com que o conde de Bolonha voltára á patria, e que se reflectiu, tão proficua, na educação de D. Diniz, as hostes anglo-normandas, que pelejaram em Portugal durante as guerras com Castella, nos reinados de D. Fernando e do Mestre de Aviz, o casamento d'este monarcha que enlaçou as

duas corôas de Inglaterra e Portugal, o alto valor mental da formosa pleiada de seus filhos, e finalmente o convivio com a côrte de França, que teve o sequito de Affonso v, na visita d'este soberano ao rei Luiz xi, todos estes factos, que se foram desdobrando em demorados estadios, avolumados depois pelo nosso poder na India, na America e na Oceania, abriram esse fulgido periodo em que D. Manoel presidiu aos destinos de um povo que, erguido de berço tão recente, maravilhava já a Europa inteira.

Era azado o ensejo para que as lettras descingissem as faixas em que as trouxeram envoltas o lyrismo provençal e a poesia castelhana, e que a par da chronica onde os factos iam sendo memorados, surgisse a arte em toda a expansibilidade e com todas as manifestações da sua rudeza medieval, sim, mas aspirando, pelo grandioso do seu ideal, a expandir-se e a synthetizar esta phase evolutiva da sociedade portugueza.

E n'estes assomos, n'estas trepidações em que a intelligencia hesitante e perplexa buscava um trilho que a encaminhasse, e um luzeiro que a podesse conduzir, encontrou em hora propicia a senda que leva ás grandes litteraturas — defrontou com o theatro.

É tradição incontrastavel entre os antigos, que na sua origem foram a tragedia bem como a comedia cantos coraes. Facto este de valioso alcance para a historia da poesia dramatica.

Foi, pois, a parte lyrica, o canto em côro o primitivo elemento da tragedia. A acção, a sorte do deus

suppunham-se ou indicavam-se simplesmente, por uma fórma symbolica, na ceremonia do sacrificio: exprimia então o côro os sentimentos que esta situação inspirava.

Se a representação dramatica, entre os gregos, nasceu no templo e teve como elo o principio religioso, o mesmo facto se repetiu com o theatro moderno.

Além de repoisarem com toda a evidencia os *Mysterios* da edade-média sobre uma tradição da antiguidade, por mais obscura que esta seja, foram, tambem, vincular-se directamente no elemento christão, e reproduziram fóra do atrio do mosteiro, as scenas mysticas que lá dentro piedosamente se rememoravam.

Foi do *Mysterio* que herdámos a moderna acção dramatica. Passando pelo nascimento e paixão de Christo, pelos *Milagres* e pelas *Moralidades,* cujos personagens eram puras abstracções das virtudes e dos vicios existentes, entrou quasi com os mesmos moldes na vida profana das sociedades.

No anno de 1502, pelo nascimento de D. João III, representou Gil Vicente perante D. Manoel e todas as princezas o *Auto da Visitação* ou *Monologo do Vaqueiro,* nos paços do Castello.

Precedeu o castelhano Juan de la Encina o nosso Gil Vicente, decerto; mas nem por isso os loiros que colheu foram mais viridentes, nos triumphos que ambos alcançaram.

Abundam escriptores que consideram Gil Vicente

o creador não só do nosso theatro, mas do theatro hespanhol tambem, e que o consideram como modelo, onde Lope de Vega e Calderon se foram inspirar na estreia das suas valiosas producções.

Diga muito embora Garcia de Resende na sua *Miscellanea:*

«E vimos singularmente
Fazer representações,
D'estilo mui eloquente,
De mui novas invenções:
Elle foi que inventou
Isto *cá,* e o usou
Com mais graça e mais doutrina,
Posto que Joam del Enzina
O pastoril começou.»

Repetiremos de pleno accordo o juizo que sobre este ponto formúla Barreto Feio: «Mas se o poeta portuguez, diz este erudito escriptor, ao encetar uma carreira inteiramente nova para a sua nação, seguiu as pisadas do poeta hespanhol, bem depressa arrebatado de sua creadora imaginação, sahiu do acanhado terreno a que este o conduzira, deixando não só a perder de vista seu antecessor e mestre, nas mesmas composições em que o tinha tomado por modelo, mas abrindo na Hespanha uma nova carreira n'este ramo da litteratura, em que depois o famoso Lope de Vega adquiriu tão grande reputação.»

Afigura-se-nos este assumpto de mesquinho al-

cance, e sobremaneira impertinente e ocioso. É evidente que nada nasce do nada, quer seja no mundo physico, quer no mundo moral. As ideias teem uma associação tão concatenadada como são os elos de qualquer cadeia, e dão á evolução mental a mesma marcha que regra a evolução da materia. Desde os phenomenos da glottica e da theogonia e theosophismo até ao augmento da capacidade craneana e desenvolução das circumvoluções do cerebro, tudo está dependente da evolução. O desenvolvimento evolutivo da humanidade faz-se pois com a regularidade com que as mesmas leis o determinam para tudo quanto povôa o universo.

Quando dizemos que Gil Vicente é o creador do theatro nacional, não pretendemos significar que a scena portugueza surgiu espontanea, sem origens, sem tradições e sem fio que a prendesse aos remotos evos.

Nem mesmo no meio das mais densissimas trevas da meia-edade, nunca o theatro desappareceu da Europa. Em toda a sua rudeza mantinha o fio que o prendia ás nobilissimas reminiscencias da Grecia.

Havia, tambem, em Portugal uns vestigios, uns arremedos informes e irregulares de uma arte dramatica qualquer, e foi com esse estudo e com a lição mais ou menos vasta que Gil Vicente colheu das producções tanto antigas como contemporaneas das outras nações europeias, que poude fundar por uma fórma artistica o theatro portuguez.

Pouco nos importa onde sugou os elementos com que organizou as suas creações.

Foi fecundo e foi original. É quanto nos basta saber.

Tambem Shakespeare fecundou com pasmosa exuberancia a scena ingleza.

E as chronicas, lendas e narrativas do seu tempo, nos estão apontando onde elle encontrou os germens das suas grandiosas concepções.

Foi sublime — e nada mais importa.

Tambem Molière fez um theatro que é a gloria da França.

E elle mesmo se encarregou de nos dizer onde fôra respigar a sua immortalidade.

Je prend mon bien où je le trouve, disse o rival de Aristophanes.

Contentemo-nos com a propria confissão do auctor no *Auto da Lusitania:*

> «D'outro cabo,
> Dizem que achou o diabo
> Em figura de donzella,
> E elle namorou-se d'ella:
> Porém ella
> Era diabo encantado.»

O diabo que Gil Vicente achára era o espirito mais comico, mais zombeteiro e mais satyrico que tem existido em Portugal.

Não lhe chamem Plauto nem Terencio. Na Grecia, no seio d'aquella esplendorosa civilização, o seu nome teria sido igual ao do primeiro comico do mundo.

Lembra Agustin de Roxas na *Loa de la Comedia*, «que o mesmo anno viu nascer, em Hespanha, a scena e a Inquisição. Estabeleceram-se dois theatros — um de lagrimas e de sangue, e o outro de ruido e de gargalhadas. É a historia da vida humana.

Outro synchronismo se deu com melhor exito e não menor ventura para a arte dramatica, não olvidado tambem por este poeta, e que coincide com alguns dos successos occorridos, e já por nós esboçados, em Portugal.

D. Fernando e D. Isabel tinham acabado com o dominio dos moiros em Granada, fôra Colombo descobrir o novo mundo, e partira Gonçalo de Cordova a conquistar o reino de Napoles.

Agustin de Roxas exprime-se assim:

«Y donde mas ha subido,
De quilates la comedia,
Ha sido donde mas tarde
Se ha alcanzado el uso de ella.
Que es en nuestra madre España,
Por que en la dichosa era,
Que aquellos gloriosos Reyes,
Dignos de memoria eterna,
D. Fernando é Isabel
(que ia con los santos reynau)
De echar de España acababan
Todos los moriscos que eran.
De aquel Reyno de Granada,
Y entónces se daba en ella
Principio á la Inquisicion,
Se le dió á nuestra comedia.

Juan de la Encina el primero,
Aquel insigne poeta,
Que tanto bien empezó
De quien tenemos tres eglogas,
Que el mismo representó
Al Almirante y Duquesa
De Castilla y de Infantado,
Que estas fuéron las primeras.
Y para mas honra suya,
Y de la comedia nuestra,
En los dias que Colon
Descubrió la gran riqueza
De Indias y nuevo mundo,
Y el Gran Capitan empieza
A sujetar aquel Reyno
De Napoles, y su tierra:
A descubrirse empezó
El uso de la comedia,
Por que todos se animasen
A emprender cosas tan buenas,
. . . .
. . . .»

Juan de la Encina, que mais tarde foi sacerdote e mestre de capella do pontifice Leão x, deu á fórma pastoril uma naturalidade e uma harmonia taes, que produzem o mais suave encanto:

«Una virgen de quince años
morenica de tal gala,
que tan chapada zagala
no se halla en mil rebaños:
nunca tal cosa se vió,
huihó!

ni jamas fue ni será,
huihá!
pues aquel que nos crió
por salvarnos nació ya:
Huihá, huihó!
que aquesta noche nació.»

Debuxou Gil Vicente quadros semelhantes com brilho e colorido por vezes inimitaveis:

«O tristes nubes escuras,
Que tan recias caminais,
Sacadme destas tristuras,
Y llevadme á las honduras
De la mar, adonde vais.
Duélanvos mis tristes hadas,
Y llevadme apresuradas
Áquel valle de tristura
Donde estan las mal hadadas,
Donde estan las sin ventura
Sepultadas.»

Este trecho da *Comedia de Rubena* dá uma leve ideia dos recursos do poeta, quando accentua o lyrismo da fórma.

O rhythmo adoptado por Gil Vicente no *Auto da Visitação* e em um grande numero de outros, pensa Ducarme, tem a maior analogia com o que Ronsard usou e pôz em voga no seculo XVI, como se vê na ode III do livro III das Odes:

«Comme out voit au point du jour
Tout autour

Rougir la rose épanie,
Et puis on la voit au soir
Se déchoir
A terre toute fanie.»

No *Auto da Visitação* entra o Vaqueiro dizendo:

«Pardiez! siete arrepelones
Me pegaron á la entrada,
Mas yo di una puñada
Á uno de los rascones.
Empero, si yo tal supiera
No veniera,
Y si veniera, no entrára.
Y si entrára, yo mirára
De manera
Que ninguno no me diera.»

Sou levado a vêr, continúa Ducarme, a proposito de Ronsard, n'este metro encantador, mais tarde empregado com tão brilhante exito por outros poetas, uma importação de origem hespanhola; o que mais evidenciado fica se lhe approximarmos uma estrophe de Juan de la Encina:

«Gran gasajo sinto yo,
huihó!
Yo tambien soncas que ha,
huihá!
pues aquel que nos crió
por salvarnos nació ya:
Huihá, huihó!
que aquesta noche nació.»

Escreveu e representou Gil Vicente o *Monologo do Vaqueiro,* sem se afastar dos costumes populares que tantas vezes o inspiraram. Observou e comprehendeu, como veremos, o povo portuguez. Foi a alma medieval em toda a sua expansão e naturalidade. E na rudeza das suas ironias, exprimiu o estado de uma sociedade que ia passar do deslumbramento das suas ousadas navegações e conquistas, para a decadencia que lhe estava preparando a sua incuria e fanatismo.

No theatro de Gil Vicente espelha-se todo este periodo historico.

É depois da Renascença, lembra o escriptor citado, que a litteratura e particularmente a poesia teem pedido muitas vezes inspirações a uma natureza convencional, observada atravez dos livros. Embora sejam estes obras-primas, acabam por turbar o espirito e perverter o gosto, se não foi equilibrada a sua leitura, pelo aturado estudo do conjuncto das coisas creadas em toda a sua realidade. É esta a fonte pura e sempre inexhaurivel, onde os mestres vão buscar a verdadeira orientação artistica, e a noção do bello em todo o seu esplendor.

Quaesquer que sejam os defeitos de Gil Vicente, possuiu elle em summo grau esta superioridade de tino e amor pela arte. Conhecedor como era indisputavelmente da antiguidade, nunca se deixou fascinar pelo ouropel da imitação, nunca o seduziu a phantasia de crear uma falsa sociedade, nunca o deslumbrou a vaidade de se transmudar em Plauto ou em Terencio.

Gil Vicente, no meio em que viveu, foi o que podia ser: a fiel expressão do seu tempo.

Não podemos consideral-o nem como um rhapsodista, nem como um plagiario, nem como servo adscripto á litteratura então existente. Fundou o theatro nacional no seculo XVI, fecundando a sua obra com as tradições e vestigios encontrados. Possuia, é fóra de duvida, a illustração da sua epocha, que grangeara na universidade e no convivio dos espiritos cultos. Em varios dos seus trabalhos deparamos com allusões a personagens historicos, e a factos occorridos ou fabulados em remotos evos. Conhecia a poesia franceza, como o patenteia na *Comedia de Rubena*, onde cita a canção de *Carabi*, que um escriptor portuguez encontrou em uma collecção franceza, servindo de estribilho ao *Compère Guilleri*:

> «Il était un pétit homme
> Qui s'app'lait Guilleri,
> *Carabi*
> Il s'en fut à la chasse
> A la chasse aux perdrix,
> *Carabi*
> *Titi, carabi*», etc.

No *Auto dos Quatro Tempos* vão cantando os actores, até chegarem ao presepio, uma cantiga franceza:

> «Ay de la noble
> Villa de Paris», etc.

Na *Farça chamada Auto das Fadas, vem hum Diabo chamado da Feiticeira, o qual lhe falla em lingua picarda, d'esta maneira:*

«Ó dame, jordene
Vu seae la bien trouvee.
Tu es fause te humeyne,
Sou ye vous esposee.»

Ao que responde a Feiticeira:

«Que linguagem he essa tal?
Hui, e elle falla aravia!
Olhade o nabo de Turquia!
Fallade aramá Portugal.»

Mostra tambem no *Auto da Mofina Mendes*, que tinha a exacta noção do que os francezes denominavam Mysterio:

«Aqual obra é chamada
Os mysterios da Virgen.»

Termina o *Auto da Fé cantando os actores a quatro vozes uma enselada que veiu de França.*

No *Auto da Fama* está patente a illustração não vulgar do auctor, distribuindo papeis aos seus personagens em francez, italiano e hespanhol, e no *Auto de Sam Martinho*, representado na egreja das Caldas, perante a rainha D. Leonor, viuva de D. João II,

vêmos uma allusão ás *Martinales* tão usadas em França, e em esse seu trabalho reproduzidas com tão seductora singeleza.

Não era, pois, hospede nas diversas litteraturas da Europa, e com as noções que lhe promanaram d'estes estudos, avolumaram-se-lhe os intentos, fecundando a sua intensa elaboração poetica.

Bem diz Garrett: «O ultimo conhecido dos nossos poetas populares antigos, o verdadeiro fundador do theatro de Hespanha, Gil Vicente, não era só poeta comico, segundo vulgarmente se crê ás cegas, porque poucos abrem os olhos para o lêr com attenção, para estudar n'elle, como todos deviam, lingua, costumes, stylo, côr e tom nacional da epocha: nenhum outro escriptor portuguez os teve tão verdadeiros, tão caracterisados e sinceros.»

As estreitas relações da côrte ingleza no reinado de D. João I, a que já de passagem alludimos, influiram tambem no nosso meio litterario, e de lá recebemos provavelmente o conhecimento das suas producções dramaticas, taes quaes então eram, e dos *Mysterios* representados nos mosteiros, assim como muitas outras noções, que vieram tão directamente actuar nos nossos costumes. A cada passo citavamos estes nossos alliados, e de molde nos vem aqui um exemplo, na narração feita por Fernam Lopes ao descrever a morte de João Fernandes Andeiro:

«Entrou o mestre de Aviz no paço acompanhado dos seus», escreve o primoroso chronista, «trazia elle uma cota vestida, e até vinte comsigo com cotas

e braçaes e espadas cintas, como homens caminheiros...» Vendo a rainha todos assim armados, «não lhe aprouve em seu coração, e disse falando contra todos: *Sancta Maria Val! como os Ingreses hão muy bom costume, que quando sam no tempo da paz, não trazem armas, nem curão dandar armados, mas boas roupas alvas nas mãos como donzellas, e quando sam na guerra entam costumam as armas, e usam dellas, como todo o mundo sabe.*»

Não é para crêr que Gil Vicente desconhecesse completamente a litteratura ingleza, e muito menos o poderemos presumir se attendermos a que Paula Vicente, sua filha, chegára a compôr uma grammatica d'aquelle idioma, pelo vasto conhecimento que d'elle tinha. A classe nobre mesmo não desconhecia os romances de cavallaria, que faziam parte do cyclo do rei Arthur:

> «Fit roy Arthur la ronde table,
> Dont les bretons disent maint fable.»

Refere Fernam Lopes, que depois de uma arremettida infructifera no cerco de Coria, D. João I «veio a dizer como em sabor: *Gram mingoa nos fizerom hoje este dia aqui os bõs cavaleiros da tavola redonda; ca certamente se elles aqui foram nos tomaramos este logar.* Estas palavras não pode ouvir cõ paciencia Mem Rodrigues de Vascogoncellos, que viera com outros fidalgos, que logo nom respondeo, e disse: *Senhor: nom fizerom aqui mingoa os cavalei-*

ros da tavola redonda, que aqui está Martim Vazquez da Cunha, que he tam bom como Dom Galaz, e Gonçalo Vazquez Coutinho que he tam bom como Dom Tristam; e exaqui Johão Fernandez Pacheco: que he tam bom como Lançarote, e assi doutros, que vio estar acerca; e exme eu aqui, que valho tanto como Dom Quea; assi que nom fizerom aqui mingoa estes cavaleiros, que vos dizeis: mas fezenos a nos aqui gram mingoa o bom rey Artur, flor de lis senhor delles, que conhecia os bõs servidores; fazendolhes muitas merces, porque aviam desejo de o bem servir.»

Sem largo conhecimento de todos os idiomas dos povos cultos da Europa, que se reduziam então á Italia, França, Inglaterra e Allemanha, sem um estudo profundo das suas litteraturas, porque nem era compativel com as frouxas luzes que por esses tempos recebiamos do extrangeiro, sabia o poeta, comtudo, quanto cumpria, para ser um dos mais cultos espiritos n'aquelle periodo historico, em Portugal.

O nosso atrazo, melhor será dizer: o atrazo intellectual de toda a Peninsula hispanica era grande, e a educação da sociedade resentia-se d'esta rudeza, d'esta inferioridade mental.

«Predestinado ou reprobo, observa Camillo Castello Branco, D. João II deixou muitas saudades. Conta o padre Alvaro de Semedo no *Imperio da China*, que alguns fidalgos, por dó e lucto, se cobriram com os xaireis das cavalgaduras. Parece que não faziam grande violencia ao seu espirito, accres-

centa o vernaculo escriptor. Queriam talvez significar, amantando-se na estribaria, que a paixão os burrificára. Hoje os que se dizem bestificados pela dôr, as mais das vezes, fazem estylo; porém, aquelles bons ingenuos que não faziam estylo, punham os xaireis. Alguns seculos depois, os seus descendentes bestializados tambem pela alegria, pozeram-se aos varaes do coche de D. João VI. Mas a peor das manifestações quadrupedes n'estas almas allucinadas é o coice.

Já pelos fins do seculo XV, Nicolau de Popielovo, fidalgo da Silezia, oriundo de uma antiga familia polaca germanizada, veio a Portugal. Admittido á presença de D. João II, notou, que os cortezãos que alli se achavam, haviam-se com elle por fórma tão indelicada, e encaravam-no com tal descaro, que o proprio rei com o olhar, com a palavra, e por meio de gestos os afastava e reprimia, para que o não incommodassem. Entre todos elles, accrescenta o viajante, só D. João II é pessoa de grande viveza de entendimento. Quando respondia ás perguntas do monarcha, voltavam-se correndo para elle, a fim de escutarem o que dizia, e para examinarem pasmados as condecorações com que se ornara. Tanto fizeram que o rei, cançado de os soffrer, fel-os retirar.

Podemos talvez conjecturar que haja exaggero em esta succinta narração. Força é, porém, confessar, que muitos factos estão, sem demorada analyse, comprovando este severo juizo. Não era, por certo, digna de applauso a urbanidade dos costumes, na

côrte em que D. Affonso IV consentia ou ordenava aos seus privados, que fossem os algozes da amante de seu filho — em que D. Pedro I tentava açoitar um bispo ás proprias mãos, dentro dos seus paços, transmudado em verdugo da sua justiça — em que D. Fernando viveu em fama de mancebia com sua irmã consanguinea, roubando mais tarde a esposa a um vassallo, seu affim — em que o Mestre de Aviz matou a cutelo o conde de Andeiro, tingindo de sangue o palacio real — em que D. Affonso, nos campos d'Alfarrobeira, deixa trucidar o duque de Coimbra, seu tio, seu sogro e seu educador — onde D. João II, depois de mandar degollar por mysterioso saião o duque de Bragança, é elle mesmo, que com o seu braço, apunhalando o duque de Vizeu, revinga as affrontas feitas á corôa, e atalha d'esta sorte o premeditado regicidio.

Eram estas as tradições, estes eram os costumes, e por isso Nicolau de Popielovo, na sua narrativa, não vae além, crêmos nós, de taes usanças e barbarie.

Havia por esses tempos, em Hespanha, successos identicos a comprovarem, que ha um incessante parallelismo na marcha evolutiva d'estes dois povos.

Lembra Trigoso na sua *Memoria sobre o theatro portuguez:* As guerras e perturbações domesticas eram causas bastantes para os nossos maiores desconhecerem inteiramente um genero de litteratura, de que seus antepassados não haviam deixado exemplos nem regras, e que os outros povos da Europa, seus

contemporaneos, um pouco menos barbaros, apenas conheciam e praticavam.»

Não se nos afiguram incontroversos os fundamentos d'este parecer.

Alterações e luctas intestinas das mais ardentes teve-as a França e a Inglaterra, movidas por tão infrenes paixões, e por ambições tão desvairadas, que difficultosamente lhes poderemos encontrar comparação. A Italia, a fecundissima e prodigiosa Italia, essa ardia em pelejas despiedadas, em temerosas refertas, era o objectivo das mais audaciosas cobiças. E a despeito das pugnas travadas entre a thiara dos pontifices e a coroa de ferro dos cesares, e no meio das requestas interminaveis e da inabalavel firmeza com que algumas republicas se mantinham e elevavam, surgiram Dante, Boccaccio e Petrarcha, nas densas brumas da meia edade. Com a Renascença iam ser os grandes obreiros da civilisação Miguel Angelo, Raphael, Guicciardini, Machiavel, Benvenuto, Leonardo de Vinci e tantos outros.

Não falemos, pois, de luctas nem de perturbações domesticas. As luctas dos Orléans com os duques de Borgonha, dos Valois com os huguenotes ou calvinistas, do ramo de York com a casa de Lencastre, as guerras de França com a Inglaterra, as pugnas sanguinosas de Guelfos e Gibelinos, e as dissenções de Veneza, Genova, Pisa e Florença fazem escuras as discordias de Portugal.

Outras foram as causas.

Creou-se este paiz em um estreito espaço do Oc-

cidente, e affirmou tenaz e audazmente a sua autonomia, quando já a Europa vivia povoada de reinos e principados. Conquistamos este solo, provando as nossas forças com agarenos e castelhanos, e do seio d'estas repetidas pelejas soubemos erguer-nos tão alto, que pelos fins do seculo XV possuiamos o sceptro da navegação — tinhamos a hegemonia dos mares. Eramos para o mundo inteiro os portuguezes.

A Italia tinha os *Mysterios*, representados pela Companhia *Gonfalone* em 1440, entravam em scena na Inglaterra desde tempos que já iam longe os *Milagres*, e as *Farças*, as *Moralidades* e os *Mysterios* punha-os em espectaculo a *Confraria da Paixão*, em Paris, desde 1380.

Portugal era um paiz novo, lidara com afan pela sua vida autonomica, que acabava de crear, não tinha largas tradições historicas, nem litteratura que lhe fosse genuinamente peculiar. Possuia só dois grandes sentimentos, que, a par das ousadias da navegação, constituiam, n'esse periodo historico, todo o seu ideal: um vívido e intenso amor da patria, e o odio profundo, vivaz e intransigente contra os seus inimigos, quer fossem castelhanos ou sarracenos. Na barbarie dos costumes, eram estreitas e pouco elevadas as suas necessidades.

Accrescenta Trigoso, no logar já citado: «A caça offerecia-lhes a vantagem de poder destruir as côrças e outros animaes ferozes, que infestavam as provincias de Portugal, e a de fortalecerem o corpo para que melhor podessem supportar as fadigas da

guerra: as justas e os torneios eram uns arremedos da mesma guerra. Estes eram os passatempos dos nossos monarchas, e os povos apenas conheciam outros, porque, como dizia um dos nossos antigos versejadores:

> «Hos jogos, nojos, plaseres
> Costumes, trajes, e leys,
> Virtudes, manhas, saberes
> e bõs e maos paresceres
> Som segundo querem reys.»

E n'outra parte da citada obra, nos diz o mesmo Garcia de Rezende:

> «Vimos grandes judarias,
> Judeos, guinolas e touras,
> tambem mouras, mourarias,
> seus bailos, galantarias
> de muitas formosas mouras:
> Sempre nas festas reaes
> Seram os dias principaes
> festa de mouros havia;
> tambem festa se fazia
> que não podia ser mais.
>
> Vimos costume bem cham
> nos reys ser esta maneira
> corpo de Deos, San Joam
> aver canas, procissam,
> aos domingos carreira

> cavalgar pela cidade
> com muyta solemnidade
> ver correr, saltar, luctar,
> dançar, caçar, montear
> em seus tempos e hidade.»

Tal era a pujança e vitalidade d'este pequeno povo, manifestadas com tão intensa energia, que a despeito de lhe escassearem os recursos, que possuem as grandes nações, já entradas na sua virilidade, poude, ainda balbuciante, percorrer os estadios de uma certa desenvolução mental. Já pelos tempos de D. Sancho II, e especialmente no reinado de D. Affonso III, abundavam os trovadores nos paços reaes. Foi no reinado d'este ultimo soberano, como os factos o demonstram, a quadra florescente da poesia provençal entre nós.

Não tinhamos largas tradições — já o dissemos — aliás á mingoa de escóla litteraria propria, iamos recebendo suggestões de extranhos, e a assimilação elaborava-se dando aos seus productos um sabor nacional, um cunho genuinamente portuguez.

Uma nação é como um organismo superior. Depois dos cantos e do lyrismo da infancia, recorre á prosa já na sua adolescencia. Entrámos, pois, em phase adequada, na narração dos nossos feitos, e na historia da nossa existencia politica e social. Ainda a realeza não tinha alcançado aquelle poderio e unidade, que, subjugando todos os assomos de independencia e enfreando todas as consciencias, fez da chronica a narrativa singela dos actos do monarcha.

Assim como Gil Vicente fundou o nosso theatro, foi Fernam Lopes o creador da historia nacional. Foi elle o nosso primeiro chronista nomeado por D. Duarte, logo mezes depois de subir ao throno, em 1433, dando-lhe o *carrego de poer em caronyca as estoiras dos reys, que antygamente em Portugal foram,* como resa a carta da sua nomeação.

«O nosso celebre critico Francisco Dias, escreveu Alexandre Herculano, o homem, talvez, de mais apurado engenho que Portugal tem tido para avaliar os meritos de escriptores, diz que Fernam Lopes fôra o primeiro na moderna Europa que dignamente escrevera historia; com razão o diz; e poderia accrescentar que poucos homens teem nascido historiadores como Fernam Lopes. Se em tempos mais modernos e mais civilizados, houvera vivido e escripto, não teriamos que invejar ás outras nações nenhum dos seus historiadores. Além do primor com que trabalhou sempre por apurar os successos publicos, Lopes adivinhou os principios da moderna historia: a *vida* dos tempos de que escreveu, transmittiu-a á posteridade, e não como outros fizeram, sómente um esqueleto de successos politicos e de nomes celebres. Nas chronicas de Fernam Lopes não ha só historia, ha poesia e drama: ha a edade-média com a sua fé, seu enthusiasmo, seu amor de patria. N'isto se parece com o quasi contemporaneo chronista francez Froissart; mas em todos esses dotes lhe leva conhecida vantagem. Com isto e com chamar a Fernam Lopes o Homero da grande epopêa das glorias por-

tuguezas, temos feito a tão illustre varão o mais cabal elogio.»

Só mais tarde a França teve um historiador que por opulentos dotes se approximava do nosso tão notavel chronista — foi Philippe de Commines, que viveu ao lado do duque de Borgonha, Carlos o Temerario, e depois na privança do rei Luiz XI.

Havia esboços informes, trechos rudimentares, onde se vae prender por um rasto visivel a scena portugueza. Cita Viterbo uma doação feita em 1193 por el-rei D. Sancho I, sua mulher e filhos, de um casal dos quatro que a coroa tinha em Canellas de Poyares do Douro, ao farçante ou bobo, chamado *Bonamis* e a seu irmão *Acompaniado* para elles e seus descendentes. E accrescenta Viterbo: «e por Confirmação ou *Rébora* se diz: *Nos mimi supranominati debemus Domino nostro Regi pro roboratione unum arremedillum.*»

Não nos resta a menor duvida de que houve representações hieraticas, desde os primeiros tempos da monarchia portugueza. Já no seculo XIV existiam nas egrejas. Nas *Constituições* dos bispados de Evora e do Porto veem referencias a estes factos, prohibindo-as com varias penalidades, d'onde se deprehende que o uso já por aquelles tempos tinha larga existencia.

Na Constituição do Porto allude-se precisamente ás comedias, representações, entremezes ou colloquios profanos, prohibindo a sua representação nas egrejas, ermidas e nos proprios adros.

Os vestigios do theatro profano não são menores, e as chronicas de D. Affonso v e de D. João II nos estão attestando, quando se reportam ás representações dramaticas, que estas, pela sua fórma espectaculosa e pelo seu caracter nacional, haviam tido um começo remoto, em parte já então obliterado. Em diversas poesias do conde de Vimioso se depara com referencias comprovativas de que em 1471 não eram ignoradas em Portugal as scenas dramaticas. Perante os festejos de D. Affonso v desapparecem todas as duvidas que se poderiam levantar. Não sendo menos evidente, para corroborar esta opinião, o *Mômo ou Entremez do Anjo*, composto pelo conde de Vimioso, e representado logo depois do meado do seculo XV, onde o ensaio da fórma dramatica se mostra claramente.

Iamos em caminho de nos nivelar com as outras nações que se pretendiam cultas, acompanhando-as sem desaire no campo das lettras, das sciencias e das artes. Os nossos monumentos, os nossos feitos de armas e as nossas deslumbrantes navegações e conquistas, estavam-nos assentando os alicerces de uma poderosa e indisputavel civilização.

A nossa vida social, porém, obedeceu a causas que vieram transtornar, paralysando-a, essa intensa energia de raça. A demorada lucta, travada com os musulmanos, de que toda a Peninsula-hispanica foi theatro, enraizou tão profundamente aqui as crenças religiosas, que em breve trecho com o auxilio efficaz e ineluctavel do clero se transformou em fana-

tismo, e pela perversão dos costumes em uma odienta e feroz superstição, provocada pelo poder absoluto e pela hypocrisia dos individuos collocados na eminencia da jerarchia ecclesiastica.

É este entre nós o quadro do principio do seculo XVI, e força é dizer com Alexandre Herculano, que «debaixo da monarchia pura a sociedade, moral e economicamente gangrenada, caminhava para a dissolução.»

As heresias dos patarenos, catharos, publicanos e outros, que principalmente se espalharam pelas provincias de Alby, Tolosa, Aragão, Navarra e Vasconia não penetraram em Portugal. Reboaram apenas aqui os echos das assolações e dos gemidos das victimas de Domingos de Gusmão e de Simão de Monforte.

O que é certo é que, apesar de submettidos os albigenses, Roma, diz um illustre escriptor, d'onde partira toda a actividade externa da Egreja, e onde só se podia apreciar bem a situação geral d'ella, sentia vacillar a terra debaixo dos pés do clero. A heresia era por toda a Europa civilizada semelhante aos fogos subterraneos de um terreno vulcanico, no qual, ao passo que n'uma cratera cessa o incendio, e apenas se ouvem alguns rugidos longinquos ou se alevanta um fumo tenue, rebentam por outra parte novas crateras, que arrojam de si lava e escorias candentes. Na Allemanha appareceram em seguida os stadings, uma nova especie de manicheus, seita que a principio se limitava a negar a solução dos dizimos, e que foi a ferro e fogo exterminada.

Preferimos acreditar, observa o escriptor citado, que as execuções por heresias, de que se acham vestigios na historia d'esta epocha pela França central, por Flandres, por Italia e por outras provincias, recahiam de feito sobre heresiarchas, e não eram atrocidades gratuitas praticadas contra innocentes; mas em tal hypothese, como explicar estas tendencias de rebellião por toda a parte? D'onde este espirito de reacção contra a Egreja?

A corrupção no seio da propria Egreja tomára proporções taes, que o excesso da indignação trasbordava, e na sua caudal torrente chegava a gerar o erro.

Á Peninsula-hispanica acudiram em breve trecho os dominicanos ou prégadores, que desde a sua origem foram o flagello dos heresiarchas, e penetrando em Portugal encontraram outra ordem não menos famosa — a dos *menores, minoritas,* ou *franciscanos,* cujo desenvolvimento era na verdade prodigioso.

Lê-se na *Historia Serafica:* «Hum anno avia, que já nós aqui estavamos, quando no de 1217, appareceo nesta villa o veneravel frei Sueiro Gomes, inviado pelo grande Patriarcha S. Domingos a plantar neste reino a sua Religião.»

Era assim que os implacaveis filhos de Domingos de Gusmão, iam estendendo pela Europa a rede das suas perseguições. Esta ordem irrequieta e militante, até um certo ponto auxiliada pelos audazes e innumeros franciscanos, dentro em pouco ganhava tanta

importancia e ascendencia, que nem já era extranha ás discordias das infantas e soberanos portuguezes. Não foi menor a sua influencia por toda a Peninsula nas classes populares. Começada que foi a sua intensiva catechese, tiveram em breve trecho submissa e fanatizada toda a população christã d'estes reinos. Tão activa e pertinaz foi a calamitosa propaganda, que ainda hoje a Hespanha soffre as lastimosas consequencias d'essa suggestão nefasta e opprobriosa.

Velou-se o espirito, para muitas das lucubrações intellectuaes, que são alheias á crença religiosa. Ganháva suspeição de heresia o mais leve assomo de independencia mental. E por este tedioso despenhadeiro fomos rolando até baquear na mais funesta de todas as instituições humanas, «esse drama de flagicios» como a denomina Alexandre Herculano: a Inquisição.

Entrados sem reluctancia n'este insondavel abysmo de ignominia, parece que podiamos dar como perdida toda a esperança, na phrase commovente do poeta florentino.

Impende-nos o dever de não lançar sobre o christianismo uma mancha tão indelevel. Toda a responsabilidade d'este estigma de hediondez cabe unicamente aos seus auctores.

O christianismo nada tem de commum com os erros dos seus ministros, e com a perversão d'aquelles que, com refalsada hypocrisia, fazem da religião instrumento para satisfazer paixões ignobeis.

Depois de dezenove seculos de existencia, ainda

os moldes do christianismo tem amplidão demasiada para conter o espirito das sociedades modernas. O christianismo, que é na evolução a religião do futuro, não exprimiu ainda tudo quanto em si inclue e encerra.

Se os papas intelligentes e energicos, taes como Innocencio III e Gregorio VII, que hoje é moda exaltar acima dos seus merecimentos, observa um illustre historiador, tivessem empregado meios tão poderosos para remover o escandalo e reformar o sacerdocio como empregaram para exterminar os herejes, é necessario confessar ou que o teriam obtido, ou que era tão profunda a gangrena que o pôr-lhe obstaculo se tornaria impossivel. Preferiram, porém, todos esses espiritos absolutos, irasciveis e impetuosos, fazer passar á espada ou conduzir á fogueira os seus adversarios, em vez de reprimir severamente, como lhes cumpria, as demasias do sacerdocio.

Aguardava-nos outro desastre, consequencia necessaria do primeiro e que, exigido e forjado pelos mesmos ministros de Deus, importava a perseguição e ruina de um povo. Foi a expulsão dos judeus.

Superiores em industria e actividade, e dominados pela avidez do lucro, tinham os israelitas desde os primeiros seculos da monarchia adquirido a preponderancia, que é o resultado inevitavel da intelligencia, da economia e do trabalho. Talvez em parte nenhuma da Europa, durante a edade-média, pensa Alexandre Herculano, o poder publico, manifestado quer nas leis quer nos actos administrativos, favore-

ceu tanto a raça hebrea como em Portugal, embora n'essas leis e n'esses actos se mantivessem sempre com maior ou menor rigor as distincções que assignalavam a inferioridade da sua situação. E tal foi a influencia que exerceram no reino, que por mais de uma vez tiveram a suprema inspecção das rendas publicas, como occorreu nos reinados de D. Diniz e de D. Fernando.

Havia, tambem, no paiz, uma grande multidão de moiros que seguiam o islamismo; áquelles, porém, que se não quizeram converter, deu-se-lhes livre sahida do reino, annos antes do estabelecimento d'aquelle feroz tribunal.

Afastados dos cargos mais elevados por el-rei D. Duarte, em virtude de repetidas representações populares, continuaram os judeus a arrematar a cobrança dos impostos, e a praticarem os actos, que o povo, levado pela inveja e pela cobiça, reputava vexatorios e espoliadores. As leis que os protegiam eram a expressão da mais ampla tolerancia attendendo ao grau de cultura d'aquelles tempos. Tinham liberdade de consciencia e liberdade de culto, e podiam na conformidade da lei, regularem-se nas relações de direito privado pelos proprios costumes. Possuiam garantias, para exercerem sem coacção todas as liberdades de que gosavam, e quando pelos serviços publicos bem mereciam da patria, eram recompensados com mercês apesar da differença de religião. Emfim as bullas de ampla protecção, que successivamente obtiveram de Clemente VI em 1247, e

de Bonifacio IX em 1389, apresentadas a D. João I pelo seu physico-mór, mestre Moysés, foram confirmadas, e mandadas guardar escrupulosamente nas suas minimas provisões.

Comtudo a despeito da protecção concedida á raça judaica, a má vontade popular manifestava-se rompendo, por vezes, em excessos e tumultos. Era facil de prever, que as instigações dos frades e a cobiça de se apoderarem das suas riquezas produziam no povo, as suas consequencias naturaes.

«Depois da morte do conde Andeiro, conta Fernam Lopes, naceo entre elles (o povo de Lisboa) hum novo acordo, dizendo que era bem de roubar alguns Judeus riquos da Judaria, assi como Dom Judas, que fora Thesoureiro-mór d'El-Rey Dom Fernando, e Dom David Negro, que era grande seu privado, e outros, e que destes poderia o Mestre aver muy grande riqueza, para soportamento de sua honra. E falando huns com outros para o poer em obra começou-se dalvoraçar, e juntar muito povo. Os judeus, como isto sentiram, não curaram dir á Rainha, mas forão-se á pressa alguns delles ás Casas de Joham Miguel junto com a See, onde o Mestre aquella noite dormira, e disserão ao Mestre que os da Cidade se alvoraçavão para os hirem roubar, e matar todos, e que lhe pedião por mercê que lhe accorresse á pressa, e senão que todos eram mortos.»

Aqui fica bem claro o que se intentava fazer com esta arremettida. De semelhantes excessos conservam-nos vestigios varias chronicas.

«Sirva de exemplo, escreve um historiador, o tumulto alevantado em Lisboa nos fins de 1449. Alguns mancebos da cidade tomaram por seu recreio insultarem e maltractarem os judeus da communa, e tão longe levaram a travessura, que os offendidos recorreram aos magistrados pedindo desaggravo. O corregedor da côrte achando os accusados dignos de castigo, mandou-os publicamente açoutar. Bastou isto para suscitar uma revolta popular. Dando largas aos seus instinctos, ao mesmo tempo ferozes e vis, a gentalha e muitos que o não eram pegaram em armas, e accommetteram a judearia. Bradavam as turbas: «*matemo-los e roubemo-los!*» Este ultimo grito, observa o eminente escriptor, revelava a causa principal de tanto odio. Tentando defender-se, alguns judeus foram mortos, e a carnificina houvera continuado, se o conde de Monsanto, com as forças que tinha a seu mando, se não dirigira immediatamente ao logar do conflicto. Sopitou-se a revolta, e deu-se conta de tudo a el-rei, que se achava em Evora n'essa conjunctura. Partiu Affonso v para Lisboa, porque ao mesmo tempo fora avisado de que appareciam terriveis symptomas de novas perturbações; e sindicando dos individuos presos, por occasião do motim, mandou que fossem justiçados. Assim se começou a fazer; mas os tumultos rebentaram de novo contra o proprio rei, e com violencia tal, que se entendeu ser necessario sobreestar nas execuções, e ir gradualmente lançando no esquecimento estes deploraveis successos.

A malevolencia que a cada hora recrescia, não abrazava só o animo da plebe — essa as mais das vezes era miseravel instrumento, dava-lhe vida, e reforçava-a o clero, e muitos individuos que se não confundiam com o vulgo. A inveja e a cobiça, como já dissemos, manifestavam-se no seu mais sordido e despresivel aspecto.

Onde a irritação popular assume um mais ameaçador semblante é nas actas das côrtes de 1481 a 1482, porque já ahi as questões economicas andam de envolta com os pretextos religiosos. Na linguagem dos mandatarios populares sente-se o rugido precursor dos futuros morticinios, embora nas invectivas que fazem sobre o desenfreamento do luxo envolvam apparentemente os moiros, os christãos e os judeus. «Fallamos assim, senhor — diziam elles, — porque vemos a horrivel dissolução que lavra entre judeus, moiros e christãos, no viver, no trajar e no tracto e conversação, em que se observam cousas repugnantes e abominaveis. Vemos os judeus feitos cavalleiros, montados em cavallos e muares ricamente ajaezados, e elles vestidos com lobas e capuzes finos, jubões de seda, espadas douradas e toucas de rebuço, de modo que é impossivel conhecer a que raça pertencem. Entram por isso nas egrejas e escarnecem do sancto sacramento, ajunctando-se criminosamente com os christãos, e perpetram grandes peccados contra a fé catholica.»

Iam-se avolumando gradualmente estes odios, e o procedimento de D. Manuel para com os judeus, só

serviu para engrossar as más paixões e rancores que d'ellas dimanavam.

Pelos annos de 1504 e 1505, em virtude da irregularidade das estações, lavrava a fome por todo o reino, e n'este ultimo anno teve por companheiro um flagello então trivial, devido sempre a varias causas. Era a peste. Esquivou-se a corte a este perigo logo que na capital deu a epidemia os primeiros rebates. Foi no anno seguinte, ao chegar a Aviz, que el-rei D. Manuel foi sabedor dos inesperados successos que tinham occorrido na capital. Uma revolução popular contra os christãos-novos rebentara em Lisboa no dia 19 de abril de 1506, e essa revolução produzira uma horrenta carnificina.

Vejamos como Damião de Goes narra essas scenas de uma inconcebivel feridade:

«No mosteiro de S. Domingos da dita cidade está huma capella a que chamão de Jesu, e nella hum Crucifixo, em que foi então visto hum sinal, a que davam cor de milagre, com quanto os que se na egreja acharão julgavão ser o contrario, dos quaes hum christão novo dixe que lhe parecia huma candea acesa que estava posta no lado da imagem de Jesu, o que ouvindo alguns homens baixos o tiraram pelos cabellos arrasto fora da egreja, e o matarão, e queimarão logo o corpo no resio. Ao qual alvoroço acodio muito povo, a quem um frade fez huma pregação convocando-o contra os christãos novos, após o que sairão dous frades do mosteiro com hum Crucifixo nas mãos bradando, heresia, heresia, o que imprimio

tanto em muita gente estrangeira, popular, marinheiros de naos, que então vierão de Holanda, Zelanda, Hoestelanda, e outras partes, assi homens da terra, da mesma condição, e pouca calidade, que juntos mais de quinhentos, começarão a matar todollos christãos novos que achavão pelas ruas, e os corpos mortos, e meos vivos lançavão, e queimavão em fogueiras que tinhão feitas na ribeira, e no resio ao qual negocio lhes servião escravos, e moços, que com muita diligencia acarretavam lenha, e outros materiaes para acender o fogo, no qual domingo da Pascoella matarão mais de quinhentas pessoas. A esta turma de maos homens, e dos frades, que sem temor de Deos andavão pelas ruas concitando o povo a esta tamanha crueldade, se ajuntarão mais de mil homens da terra, da calidade dos outros, que todos juntos a segunda feira continuarão nesta maldade com mor crueza, e por já nas ruas não acharem nenhuns christãos novos, foram cometer com vaivens, e escadas, as casas em que viviam, ou onde sabiam que estavam, e tirando-os dellas arrasto pelas ruas, com seus filhos, molheres, e filhas, os lançavão de mistura vivos e mortos nas fogueiras, sem nenhuma piedade, e era tamanha a crueza que até nos mininos e nas crianças que estavam no berço a executavão, tomando-os pelas pernas, fendendo-os em pedaços, e esborrachando-os darremeso nas paredes. Nas quaes cruezas se não esqueciam de lhes meter a saco as casas, e roubar todo o ouro, prata e enxovaes que nellas achavão, vindo o negocio a tanta dissolução que das

egrejas tiravão muitos homens, molheres, moços, moças, destes innocentes, desapegando-os dos Sacrarios e das imagens de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, o outros Sanctos, com que o medo da morte os tinha abraçados, e dalli os tiravam, matando e queimando misticamente sem nenhum temor de Deos assi a ellas como a elles. Neste dia perecerão mais de mil almas sem aver na cidade quem ousasse de resistir, pola pouca gente de sorte que nella avia por estarem os mais dos honrados fóra, por caso da peste.»

Como sempre, em scenas tão hediondas, ao fanatismo tinham vindo associar-se todas as ruins paixões, o odio, a vingança covarde, a calumnia, a luxuria, o roubo. Aproveitaram tão azado ensejo as inimisades profundas para se saciar nas mais atrozes vinganças, e muitos christãos-velhos foram levados ás fogueiras com os neophitos christãos. As memorias d'este periodo historico affirmam, que alguns só obtinham salvar-se, mostrando publicamente diante dos assassinos que não eram circumcidados.

Até á terça-feira á tarde o numero dos mortos orçava por dois mil individuos, é este o numero de victimas em que as memorias do tempo e os historiadores são conformes.

«Á medida que faltavam alfaias que roubar, diz Alexandre Herculano, mulheres que prostituir, sangue que verter, a multidão asserenava, e os filhos de S. Domingos, recolhendo-se ao seu antro, iam repousar das fadigas d'aquelle dia.»

Assim tripudiou, durante tres dias, dentro da ca-

pital esta horda de malfeitores e de sicarios. E se pozeram remate ao monstruoso morticinio, não foram o cansaço e a falta de victimas, que lhes diminuiram a feridade. Acordaram os magistrados, e assumindo as suas funcções, fizeram esfriar os ardores do fanatismo.

Houve castigos — mas o estabelecimento da Inquisição no seguinte reinado, foi como a apotheose d'estes execrandos successos.

Realizada por Fernando e Izabel a expulsão dos judeus hespanhoes, e promulgada a lei de 31 de março de 1492, na qual se lhes dava apenas o espaço de quatro mezes para a sahida, muitos d'elles sollicitaram e obtiveram a permissão de entrarem em Portugal, cujo territorio, pela extensão da fronteira e facilidade do transito, lhes proporcionava mais prompto e accessivel refugio. Concedida a admissão dos judeus por D. João II, as condições foram, que o praso para a entrada e residencia no reino não ultrapassaria a oito mezes; que pagariam uma capitação, ácerca da qual variam os escriptores, talvez porque as ulteriores exigencias excederam as convenções, ficando captivos aquelles que deixassem de solvê-la ao passar a fronteira; que, emfim, o governo portuguez lhes subministraria navios para se transportarem aonde quizessem, pagando as respectivas passagens.

«Destes Judeus, escreve Damião de Goes, houve El-Rey huma grande soma de dinheiro, por que segundo se affirma entrarão nestes Regnos mais de vinte mil casaes, em que avia alguns de dez e doze

pessoas, e outros de mais.» «As sommas recebidas n'esta conjunctura, refere outro escriptor, foram avultadissimas; por que sendo o territorio portuguez o que offerecia mais facil accesso á emigração, e elevando-se esta a perto de oitocentos mil individuos, não seria calculo exaggerado suppôr que um terço d'esse numero transpôz a fronteira.» Seiscentas familias mais ricas contractaram particularmente ficarem no reino a troco de sessenta mil cruzados. O mesmo se concedeu aos officiaes mechanicos de certos officios.

O transporte de uma parte d'estes infelizes, fez-se depois com uma immanidade inaudita, abundando os maus tractos, as extorsões, as injurias, «e com lhes fazerem outras afrontas em suas pessoas e deshonras a suas mulheres e filhas.» Muitos houve que pelo receio d'estas crueldades, ou por mingua de recursos ou por falta de transportes, não poderam embarcar e sahir de Portugal no praso que lhes fora assignado. Reduzidos a captiveiro, fez D. João II mercê d'elles, como escravos, a quem lhes aprouve, sem attender nem se apiedar da sua penosa e lastimavel situação.

Não vinha longe a epocha em que D. Manuel ia expulsar os judeus de todo o reino, arrancando-lhes os filhos dos braços, para os educar na religião catholica.

Este procedimento brutal e altamente impolitico, veiu suspender a nossa marcha evolutiva, desorganizou todas as artes e officios, esmoreceu o lume da

nossa litteratura e sciencias, e occasionou mais tarde irreparaveis desastres, arremessando para paizes extranhos homens illustres, cuja falta ainda hoje devemos deplorar.

Tinham os israelitas na Peninsula-hispanica tradições e estudos de medicina, e de varios ramos de sciencias naturaes, havidos em parte dos arabes, e em parte por elles largamente accrescentados, como nenhum outro paiz da Europa possuia. Conheciam todos os systemas philosophicos da antiguidade, a par dos seus aturados estudos da cabala e do talmude. Não eram hospedes em nenhum dos generos das litteraturas hellenica e romana. Polyglottas os mais d'elles, pelas exigencias do seu vasto commercio, avaliavam a vida economica de cada povo, apreciavam-lhe as necessidades, e buscando satisfazer-lh'as eram repositorios copiosissimos de toda a especie de noções uteis e efficazes, para o bom governo e proveitosa administração dos diversos paizes.

Explicam estas breves considerações a indisputavel preponderancia, que alguns d'elles exerceram em Hespanha e Portugal, até que um torvo fanatismo os expelliu para longe dos seus lares.

Levados de envolta com os moiros, soffreu tambem a agricultura perdas incalculaveis, e não menor foi o prejuizo que immediatamente se sentiu nas arcas do erario.

A despeito da obcecação quasi geral que ensombrava os espiritos, levados na torrente raudal da cobiça e dos odios monasticos, quando D. Manuel pôz

em conselho, movido pelos soberanos de Hespanha, o grave assumpto da expulsão dos judeus, encontrou ahi animos despreoccupados, intelligencias despidas dos baixos e vis preconceitos que arrastavam o maior numero, os quaes serenamente, sem se arrecearem das vinganças do clero, e com a hombridade de quem não sabe mentir á propria consciencia, oppozeram argumentos irrespondiveis aos intentos do monarcha.

Não occulta Damião de Goes as justas ponderações d'estes ousados conselheiros, na sua *Chronica de D. Manoel,* não obstante a fórma cautelosa e reservada com que as expõe. Elle, o amigo de Erasmo, o homem que passara uma parte da vida nos paizes mais cultos da Europa, e na familiaridade e trato intimo dos homens mais eminentes do seu tempo. Reservas e precauções estas que não poderam impedir o seu encerro, quatro annos depois de concluida esta *Chronica,* nos carceres da Inquisição. Não se attendeu á sua avançada edade, nem aos seus eminentes serviços. Era considerado herege.

Lembra Sá de Miranda:

«Homem de hum só parecer,
D'hum só rostro, huma só fé,
D'antes quebrar, que torcer,
Elle tudo pode ser,
Mas de corte homem não he.»

Apesar dos termos prudentes e discretos com que se exprime, ainda assim, depois de ter mencionado

os argumentos dos que se inclinavam á expulsão dos judeus, accrescenta manso e calmo: «Na qual opinião e parecer foi el-Rei, sem ter conta com ho que se nisso perdia, nem com has satisfações, que ficava obrigado fazer, quomo depois por inteiro fez.»

Occupando-se da Inquisição, diz um illustre pensador: «Nunca a iniquidade e o arbitrio assumiram fórmas tão repugnantes.» Pelo seu systema de processo secreto, pela incrivel severidade das suas perseguições, pelo direito que assumiu de sujeitar á sua jurisdicção individuos de qualquer jerarchia social, pelo inevitavel estimulo que concedia, á inveja e á cobiça, aos mais vis instinctos das almas depravadas, corrompeu moralmente todas as classes. D'aqui promanou um terror tão profundo, que destruiu toda a independencia das lettras e das sciencias, apagando todos os ideaes a que o espirito se eleva nas suas vigorosas concepções.

Ha uma coincidencia singular que não devemos esquecer. O anno de 1536, em que Gil Vicente representou a sua ultima comedia: *Floresta de Enganos*, foi o mesmo em que se estabeleceu a Inquisição em Portugal. Sabemos que foi esta a sua ultima composição dramatica, porque na rubrica com que termina, encontra-se este dizer: «*he a derradeira que fez Gil Vicente em seus dias*.»

Emmudeceu, então, aquelle grande espirito.

Terminou aqui a sua carreira dramatica, encetada com o *Auto da Visitação* em 1502. Foram trinta e quatro annos consumidos em tentativas e esforços

para fundar um theatro todo nosso — o theatro portuguez.

As mutilações, que depois soffreram as suas obras, estão-nos a evidenciar, que cruentas torturas o esperavam nas lugubres masmorras da Inquisição, se a morte o não viesse arrancar ás garras impiedosas e implacaveis d'aquelle nefando Tribunal. A segunda edição das suas obras foi feita em Lisboa na imprensa de André Lobato, e tem a data de 1585. Acompanha-a esta execravel indicação: «*Vam emendadas pelo Sancto Officio, como se manda no Cathalogo d'este Regno.*» Os tigres da Inquisição saciaram no livro os odios que votavam ao poeta.

A terra, d'onde haviam partido tantos audazes navegadores a descobrir novos mundos, supportou impassivel e resignada essa instituição fatal.

E porque supportou impassivel e resignada?

É que o mal vinha de longe. O abatimento dos espiritos, a enervação das intelligencias, a suggestão morbida da crença, a treva da consciencia, e o fanatismo delirante de todas as classes da sociedade eram o fructo de perdição, cuja semente ás mãos cheias tinham lançado á terra os hypocritas e odientos fakires de uma religião toda de paz e de amor. Quando os reaccionarios ultramontanos e os apostolos hypermonarchicos se encarregam de salvar as sociedades, colhe-se sempre, sempre este nefando resultado.

Não podemos, nem queremos esquivar-nos ao desejo que sentimos, de reproduzir aqui um trecho, de-

vido á penna de um escriptor que nunca foi tido por anarchista nem revolucionario. Diz elle: «Quando todos os dias nos lançam em rosto os desvarios das modernas revoluções, os excessos do povo irritado, os crimes de alguns fanaticos, e, se quizerem, de alguns hypocritas das novas idéas, seja-nos licito chamar a juizo o passado, para vermos tambem aonde nos podem levar outra vez as tendencias de reacção, e se as opiniões ultramontanas e hypermonarchicas nos dão garantias de ordem, de paz e de ventura, ainda abnegando dos fóros de homens livres e das doutrinas de tolerancia, que o Evangelho nos aconselha, e que Deus gravou em nossa alma.» Basta— sirva-nos este desafogo de um espirito lucidissimo, como agua lustral, que nos purifique a nós no meio das ficções que por ahi correm desenfreadas.

O auctor do *Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil Vicente* exprime-se d'esta maneira: «Classe nenhuma foi tão perseguida por Gil Vicente como os frades. Este foi o foco em que se concentrou toda a energia, mordacidade, acrimonia da sua pungente satyra. Foi esta a unica classe que elle atacou por odio e por systema, que procurou e acommetteu de todos os lados. Não é preciso apontar logares, não ha peça em que elles não sejam o alvo de seus tiros.»

É que o vidente engenho do poeta, desenrolava-lhe a tela da depressão mental a que nos ia levando sem remedio o fanatismo, diffundido com aleivosa insistencia pelas ordens religiosas. A profunda ogeriza que os monges lhe provocavam, traduzia-se em phra-

ses candentes, onde o azedume do intento sahia envolto no grotesco da dicção.

A superioridade tão accentuada de Gil Vicente consiste, sobretudo, em ter assimilado todos os vestigios, todas as tradições e todas as noticias que alcançara, tanto da scena hespanhola, quer as recebesse de Juan de la Encina, como do theatro francez, quer estas promanassem de João Michel, ou dos *Mysterios*, *Farças* e *Milagres*, representados em França, Inglaterra ou Italia.

Com este cabedal de noções, reunido ás reminiscencias dos *Momos*, *Entremezes*, *Autos* e scenas hieraticas e jocosas que existiam entre nós, formou o seu theatro, estabeleceu a verdadeira representação dramatica em Portugal, e vasou-a nos moldes formados pela sua proeminente individualidade. E tão resaltado e saliente foi o relevo da sua originalidade, em muitas scenas dos seus *Autos*, que nem deixou discipulos dilectos, que rastreassem pelos sulcos luminosos do Mestre.

Affonso Alvares, Antonio Ribeiro Chiado, Jeronymo Ribeiro, Antonio Prestes, Balthazar Dias e todos os outros que compozeram *Autos*, estão longe de merecer os applausos que com justiça só cabem áquella gloriosa personalidade. Nem o proprio Camões—perdoe-nos o grande épico—pode rivalizar nas suas comedias: *El-rei Seleuco*, *Os Amphitriões* e *Filodemo* com o auctor dos *Autos da Feira*, *da Alma* e *das Barcas do Inferno*, *do Purgatorio* e *da Gloria*.

Bem o presume o immortal cantor no prologo de

El-rei Seleuco: «Ora quanto á obra, diz o Mordomo, se não parecer bem a todos, o Autor diz que entende della menos que todos os que lha puderem emendar.»

A Gil Vicente, quaesquer que sejam algumas vezes os seus erros de metrificação, somos forçados a reconhecer-lhe um grande talento lyrico, a par das qualidades suggestivas do seu espirito, onde se debuxavam em tons tão quentes as tradições da patria e os usos e costumes do meio em que vivia.

Não podia Sá de Miranda desfazer nem mesmo annullar a grande obra do nosso Aristophanes. Veiu, decerto, a influencia italiana quebrar os moldes d'esta eschola tão nossa, inspirada nas nossas tradições medievaes, e tão genuinamente nacional. Mas expiou aqui seus erros, porque apenas deixou memoria da sua existencia em varias tentativas de enfadonha erudição. Eram comedias sem cunho portuguez. Pallidas e insulsas imitações de Terencio e Plauto, como estes foram um frouxissimo reflexo do theatro grego.

Ha pontos de semelhança, quilates verdadeiramente comicos que approximam o nosso poeta do illustre atheniense. E se buscou de adrede a licção da antiguidade, foi no theatro grego que logrou encontrar a verdadeira inspiração.

Não ignorava certo Gil Vicente, os odios que no seio da Egreja referviam contra o theatro. Parece que era alli sobre o palco, onde o clero se temia mais da liberdade do pensamento. Já em 452 ex-

communungava o concilio de Arles todos aquelles que se entregassem aos jogos scenicos, e de infamia eram estigmatizados pelo concilio de Africa. Tambem o concilio de Chalons em 813, o segundo concilio de Reims, e o terceiro de Tours condemnavam os jogos dos histriões, prohibindo aos bispos que assistissem a essas reprehensivas scenas.

Já dissemos que do mesmo seculo da fundação da monarchia, deparamos com um documento que nos descobre o fio da tradição dramatica, no vocabulo: *arremedilho.*

Na *Constituição* de Evora de 1534 diz-se muito expressamente, que se não façam nas egrejas «nem representações, ainda que sejam da paixão de Nosso Senhor Jesus Christo ou da sua resurreição ou nascença, porque de taes *Autos* se seguem muitos inconvenientes.» E na *Constituição* do Porto prohibe-se, que nas egrejas, ermidas, ou seus adros se façam «comedias, representações, entremezes ou colloquios profanos.»

De sorte que nem esta fórma hieratica já era permittida. Deprehende-se, porém, do que fica exposto, que o uso das representações, por mais informes e embryonarias que fossem, era geral em todo o reino, e demasiado antigo, visto que a designação dos varios generos, como se exprime essa *Constituição,* mostra claramente que havia fórmas definidas.

Do theatro popular, como já referimos, existem tambem claros vestigios, e para exemplo incontrastavel temos o casamento da infanta D. Leonor, irmã de

el-rei D. Affonso v, com o imperador Frederico III de Allemanha. Na descripção das festas que por então se fizeram, narra Ruy de Pina: «E depois das justas ouve touros, e canas e mais momos e banquetes e muytos entremeses de grandes envenções, e com muita custa.»

É a estes *Momos* e *Entremezes*, que um poeta do *Cancioneiro Geral*, Duarte de Brito chama *Autos:*

«Eram vossos tempos autos
nas festas da emperatryz,
mas agora calar chiz
nam he tempo de crisautos.»

Pelo *Momo* que vem no *Cancioneiro Geral*, feito pelo conde de Vimioso para os serões da côrte de D. João II, vê-se que estas scenas não eram sempre representações mimicas, e que tinham por vezes a fórma do *Auto* e do *Entremez*. Remata esse *Momo* com o que o auctor chama:

«*Cantigua que deu o anjo.*

«Senhora, no quyere dios
que seyaes vos omecyda,
em ser Mi alma perdida
de quien se perdio por vos.

«Ordeno vuestra crueza
qu'este triste se matasse
en deixar vos, y neguasse
vuestra fée, qu'es su firmeza

mas ha permetido dios,
que por my fuesse valida
su alma, y que su vyda
se torna perder por vos.»

Na relação da entrada em Evora da princeza, por occasião do casamento do principe D. Affonso, filho de D. João II, refere Ruy de Pina: «E logo vieram outros momos do Duque, e d'outros muitos Fidalgos, em que com palavras, e envenção de muita ardideza, e galantaria, com as mesmas condições, aceptaram, e por seus *Breves* emprenderam o desafio da justa, e dançaram aquella noete, em que ouve muitos entremeses, e festas.»

Como fizera Boccaccio, e como continuaram Rabelais, Erasmo, Luthero, Margarida de Valois, rainha de Navarra, e tantos outros escriptores d'aquelle periodo historico, foram os frades o assumpto predilecto de Gil Vicente, o thema favorito e variadissimo das suas mais aceradas ironias. Preconcebia o poeta que futuro aguardava um paiz, onde o fanatismo e as ordens monasticas dominavam livremente, presentia a que enervação mental tinha de baixar um povo, onde o catholicismo cerrava as intelligencias a todo e qualquer outro genero de preoccupações, que não fosse o temor do inferno. E tendo de acceitar um meio, adaptado já a tão perniciosa e nefasta educação e tão avesso á lucidez do seu espirito, usava dos frades, ridicularizando-os, como de uma valvula de segurança, para dar vasão ao asco e te-

dio que lhes causavam estes diligentes artifices das desgraças da patria.

As peias servís que o opprimiam no meio em que viveu, explicam de sobejo as mutilações forçadas a que o seu estro estava condemnado.

Lidas com attenção as obras de Gil Vicente, somos levados a admiral-o mais pelo que elle quiz dizer, e que as mais das vezes apenas em uma phrase vaga esboçou, do que pelos motejos, travessuras e zombarias, que a frouxo gottejam da sua ousada penna. Ha ironias finissimas, dictas com um affectado desdem, e disseminadas com arte e com uma especiosa innocencia por todos os seus *Autos*, que evidentemente não foram comprehendidas nem sequer suspeitadas pelos homens do seu tempo. Como ellas transparecem scintillantes no *Auto da Feira*, no *Auto da Historia de Deos*, nas tres *Barcas* e em muitos outros logares! Se tivera nascido cincoenta annos mais tarde e que outro meio não escravizado pelo clero lhe fôra berço, talvez Shakspeare não fosse hoje reputado para o seu seculo como o unico successor de Eschylo, de Euripedes e de Sophocles. Herdeiros da scena latina, representantes de Plauto e de Terencio tivemo-los nós aqui; mas esses foram a pallida copia de uma outra mediocre imitação —o arremedo de Aristophanes e de toda a eschola grega, que outra coisa não foi o theatro latino.

Teve, porém, Gil Vicente de se sujeitar ao meio em que foi creado, e alma de poeta temperada com a excessiva sensibilidade de uma harpa eólia, apesar

da nobre e inquebrantavel independencia de caracter que o movia, acceitou as condições que o cercavam, e nas suggestivas influencias d'aquella sociedade, foi homem do seu tempo.

Impunha-lhe a epocha o genero de composições que podia tratar, e impunha-se-lhe tambem, com pressão não menos incommoda e violenta, a classe social que era admittida à ouvi-lo na côrte.

Estas duas imposições irremediaveis representavam a escravidão do poeta.

D'aqui promana a difficuldade, até certo ponto insuperavel, de se poder avaliar com a devida imparcialidade o elevado merito do fundador do theatro portuguez.

Julgar Gil Vicente só pelo texto das obras impressas, vê-lo sómente na phrase nua e por vezes desataviada dos seus escriptos, é não comprehender aquelle alto engenho e a reacção religiosa a que elle assistiu.

Forçado pelas circumstancias que ficam expostas, teve de se cingir a um limitadissimo genero de trabalhos — trabalhos que estão longe de expressar a pujança do seu talento, e a viveza da sua graciosa e opulentissima imaginação.

São, pois, tres as classes em que cumpre dividir as peças de Gil Vicente. D'ellas eram umas compostas para celebrar o Natal, outras para festejar o nascimento ou casamento de principes, e havia-as, tambem, para desenfado nos serões da côrte de Portugal.

Todos estes toscos e imperfeitos moldes, que eram comtudo, para aquelles tempos, a fórma mais acabada da elegancia artistica, em que o poeta era coagido a vasar as elaborações da sua travessa musa, deixam transluzir, sem demorada analyse, a superioridade irresistivel do seu vivo engenho.

Na primeira classe, que devera ser tão severa e decorosa pela indole e gravidade dos assumptos, soube Gil Vicente amenizar-lhe as fórmas, suavizar-lhe os contornos, fazendo irromper a gargalhada estridula, que vinha abafar as exclamações hypocritas de um estonteado mysticismo. Na segunda classe, onde se acham reunidas as *Tragicomedias*, abundam as allegorias, genero assim como o primeiro, que resiste a todo o plano dramatico rasoavel.

Só uma poderosa concepção da scena comica podia dar vida, animação e encanto a estes esboços enfadonhos e obrigados, e a magia do talento e o sal attico da tempera de Aristophanes, seduzir e maravilhar como acontece na *Fragoa d'Amor* e na *Romagem de Aggravados*.

De relance se nos afigura decerto, que na classe das *Comedias* e *Farças* poderia Gil Vicente dar mais larga expansão ás tendencias jocosas do seu espirito, e enredar com mais arte as situações dramaticas e as peripecias comicas, não só como estudo mais accentuado de caracteres, mas tambem para enlear com mais naturalidade o fio da acção. Mas a côrte era o objectivo de todas as suas inspirações. Eram para ella, e só para ella, todos os seus afans, todas

as suas lidas. Tinha por mister unico entretê-la, diverti-la, fazê-la rir. Tinha de lhe falar ás paixões, e aos gostos que a moviam e interessavam. Precisava inventar-lhe diversões no angusto ambito das suas idéas e dos seus prazeres. E quanto era acanhada e breve a esphera das suas aspirações litterarias, estão-no indicando ainda hoje, sem larga leitura, os *Cancioneiros* d'aquellas eras.

Força lhe era ser rude e impolido, para que a percepção não fosse demorada, e ia forrageando em um mediano cabedal de factos, de maneira que as allusões, por não comprehendidas, se não perdessem, que os successos a que se referia não fossem ignorados, que determinadas individualidades presentes quedassem escorchadas, e que, emfim, os virotões da satyra, entrando pelas carnes, arrancassem o gemido á victima, no meio do retumbar das gargalhadas.

O poeta era, de feito, a expressão inteira da alma medieval, mas girando em um meio que a não deixava expandir.

Gil Vicente não era um escriptor dramatico, como nós hoje concebemos esta elevada missão da arte. Forçado a ser tambem uma especie de truão ou chocarreiro — tinha de ser um jogral.

É esta a rasão porque o fanatico, o hypocrita ou o piedoso D. João III, o introductor da Inquisição e dos jesuitas em Portugal, tolerava e ria sem rebuço das vaias e mordazes gracejos que o intransigente poeta arremessava a Roma, ao clero e aos frades.

É que Gil Vicente era reputado um jogral, e

ainda se não suppunha que as suas pungentes ironias, tidas então por anodinas, poderiam alterar a crença ou turbar a fé.

Essa austera missão estava reservada ao Santo Officio.

Parece que é sorte de muitos poetas não deixarem grandes vestigios da vida intima, na sua passagem na terra. De Aristophanes ignora-se em que anno nasceu, e em que era se finou. De Plauto e de Terencio não vão muito mais longe os dados biographicos — tal é a confusão e incerteza nos pareceres.

Gil Vicente nasceu no principio do ultimo quartel do seculo xv, mas não é ponto assente, o que pouco importa, em qual das cidades ou villas de Portugal teve o seu berço. De seus paes se diz que eram de illustre origem.

No periodo historico em que nos achamos, epocha esta completamente democratica, é futilidade de ociosos entrar no exame d'essas vaidades genealogicas.

Importa-nos unicamente o poeta, e é d'elle só que aqui nos occupamos.

A proposito de Camões escreveu Latino Coelho: «Não era de admirar que o grande poeta portuguez podesse vangloriar-se de patricio, quando é sabido que nos tempos em que floresceu e poetou, e ainda mais nas eras antecedentes, talvez a maioria dos engenhos portuguezes pertenciam á nobreza. Fidalgos e cortezãos haviam sido os trovadores, cujas festivas ou amorosas composições se haviam compilado nos

varios cancioneiros. Cavalleiros haviam sido tambem os principaes chronistas e historiadores.

«Não póde parecer extranho, continua o mesmo escriptor, que na epocha de Camões e nas quadras antecedentes, fossem mais communs os poetas e prosadores sahidos da nobreza do que os talentos nascidos e educados entre a plebe. Era triste, mesquinha, desherdada a condição da gente popular. Rara e custosa a instrucção, ainda mesmo a elementar e incompleta, não alongava os seus reflexos até ás profundezas sociaes, onde o povo trabalhador vivia oppresso e esquecido, excepto para os encargos onerosos, que lhe impunha a realeza ou a aristocracia secular e ecclesiastica, senhora da terra e do poder.

«As classes eminentes constituiam uma casta, largamente distanciada da gente plebêa e sequestrada, nas instituições e nos costumes, a todo o trato politico e litterario.»

Não admira pois, que em semelhantes condições da sociedade, se recrutassem principalmente em a nobreza os nomes de que pela maior parte n'aquelles tempos se enriquece a historia intellectual.

Gil Vicente cursou a Universidade em Lisboa, onde então se achava, seguiu o curso de jurisprudencia, mas não é sabido se terminou. Não é extranho aos seus estudos o primeiro trabalho que d'elle possuimos, e aqui o reproduzimos textualmente, por não ser facil havel-o ás mãos.

Succedeu que um fidalgo da côrte de D. João II, vendo bailar uma rapariga em Alemquer, lhe dera

gracejando uma cadeia de oiro. Como depois lh'a pedisse, não quiz ella restituil-a.

Imaginou Henrique da Motta fazer d'aqui um processo, como anteriormente outro egual se instaurára com o «*Cuidar e suspirar*». Entrou Gil Vicente em este engraçado pleito, e escreveu oito estrophes, que Garcia de Rezende juntou ao seu *Cancioneiro*, com a seguinte rubrica:

«*O pareçer de Gil Vycente neste proçesso de Vasco Abul a rraynha dona Lianor.*

«Senhora!

Voss'alteza me perdoe
eu acho muyto danado
este feyto proçessado,
em que manda que rrazoe.
Vay a cura tam errada,
vay o feyto tam perdido,
vay tam fora da estrada,
que a moça condenada
Vasc'Abul fyca vencydo.

O prinçipio do çymento
asegura a fortaleza
sse o cume tem fraqueza,
gerou-sse no fundamento.
He errada a calydade
d'este caso na primeyra,
vem a tanta varyedade,
que na fym & na metade
tem os pes por cabeçeira.

Este dar moveo amor,
porqu'amor gera franqueza
no ventre da escaçeza,
por mostrar quanto he senhor.
Pois s'o caso he namorado,
fundado todo em amores;
o autor foy enframado
& o que deu, dado ou nom dado,
conuem outros julgadores.

Quem mete Bartolo aquy,
nem os doutores legistas
nem os quatro avangelistas,
mas os namorados ssy.
Mande, mande voss'alteza
este proçesso a Arrelhano;
vereys com quanta graueza
busca leys de gentyleza
no lyndo estylo Rromano.

Elle deue ser juyz
& se apelaçam queres,
apelem par'o marques,
procure Pero Monyz.
Pera que'e quy rresponder,
pera qu'era proçessar,
pera qu'e quy proçeder,
poys nam he, nem pode sser,
que se possa aquy julguar.

Vejo tanta deferença,
vay a causa tam rremota,
que os embargos do Mota
vam prymeiro qu'a sentença,

& mestre Antonyo tambem
vem com texto que topou,
textos vam & textos vem,
& este caso mays conuem
aquem menos estudou.

Assy que'e meu pareçer,
& estou çertefycado,
que o feyto vay errado
& nam deve proçeder,
porque, come'e dyto ja:
Ysto he caso d'amor,
rrompa-ss'o que feyto esta;
se quer que nam dygam la
que nom sabem ca d'açor.

FYM

Leue o caso dom Dioguo
Coutinho por relator,
porqu'el rrey, nosso senhor,
ho fara despachar logo.
E vyra de la, senhora,
hum proçesso tam fermoso,
Vasc'Abul jr-ss'a em boora,
soffra-se, poys se namora
& logo quer sser esposo.»

Não ha razão nenhuma de onde se possa inferir que frequentou a côrte de D. João II, ou que alcançasse a estima da rainha D. Leonor, antes de viuva, com as suas composições.

O officio de fazer rir a côrte não se distanciava muito da profissão dos truões, observa Camillo Cas-

tello Branco, até mesmo na liberdade com que o faziam a despeito da decencia e das coisas respeitaveis. — Eram *pasquins*, como dizia Sá de Miranda.

Refere-se aqui Camillo Castello Branco a uma carta em verso, dirigida a Antonio Pereira, senhor de Basto, por Sá de Miranda, onde se lê:

«Que troca, ver lá Pasquinos
D'esta terra cento a cento
Quem o vee sem sentimento
Tratar os liuros divinos,
Com tal desacatamento!

«O que senam deue ousar
A ler, se em giolhos não,
(Que graças pera chorar!)
Torcem, fazendo fallar
Ao som de sua paixam.

«Esquecidos do conselho
Podéra dizer mandado,
Sendo-o, porque foy vedado
No sanctissimo Evangelho,
Aos cães não deis o sagrado.»

Aqui, a allusão a Gil Vicente transparece sem grandes ambages. Mas quer o nosso poeta tivesse conhecimento d'estas quintilhas, quer não ignorasse outras referencias talvez mais dicazes de Sá de Miranda, o que é innegavel é ter Gil Vicente, na *Farça do Clerigo da Beira*, dado a maior prova de como sabia vingar estas affrontas. Camillo Castello Branco demonstra este facto até á evidencia.

Embora o poeta seguisse a côrte de D. Manuel e de D. João III, como de feito succedeu, todavia nunca n'ella teve a nobilitação dos matriculados nas moradias da casa real.

Para tão grandes senhores, para côrte tão cerimoniosa e luzida, Gil Vicente pouco mais era do que um histrião. Já o dissemos: era um jogral. Desenfadar e divertir a côrte não ia longe do mister de truão.

Demais, Gil Vicente representára no *Monologo do Vaqueiro,* e em muitos outros dos seus *Autos.* A orgulhosa prosapia dos cortezãos veria, desdenhosa, no zombeteiro poeta, no auctor e actor das proprias *Farças,* o bobo do palco.

Se Socrates é para nós um ideal, escreve Deschanel, ninguem o é para os seus contemporaneos, como ninguem é um heroe para os seus familiares. Conta Saint Simon que, não sabemos já quem, o conde de Grammont talvez, dizia a proposito de S. Francisco de Paula, cuja canonisação fôra recente: «*Pour moi, j'aurai beaucoup de peine à m'habituer à voir un saint, dans un homme que plus d'une fois j'ai vu tricher au piquet.*»

Representava, pois, Gil Vicente nos seus *Autos.* Nem sequer D. Manuel lhe deu o fôro de escudeiro.

Dava-lhe o parco sustento, o urgente para a vida. D. João III soccorria-o com mãos tão avaras, como se infere do *Auto Pastoril Portuguez,* onde o poeta diz:

«E hum Gil... hum Gil... hum Gil...
(Que ma retentiva hei!)
Hum Gil... já não direi:
Hum que não tem nem ceitil
Que faz os aitos a elrei,
. . . .
. . . .

«Aito cuido que dezia,
E assi cuido que he:
Mas já não aito, bofé,
Como os aitos que fazia,
Quando elle tinha com que.»

Ao conde de Vimioso dizia elle:

«Certo he, nobre senhor,
Que quiz Deos ou a Fortuna,
Que quem serve com amor,
Quanto maior servidor,
Tanto menos importuna.
Daqui vem
Que quem não pede não tem,
E quem espera padece,
E quem não parece esquece,
Porque não lembra a ninguem.
. . . .
. . . .

«Agora trago antre os dedos
Huã farça mui fermosa:
Chamo-a *A Caça dos Segredos*,
De que ficareis mui ledos
E minha dita ouciosa.

Que o medrar
Se estivera em trabalhar,
Ou valêra o merecer,
Eu tivera que comer,
E que dar e que deixar.»

Já Persio tinha escripto no prologo das suas *Satyras*: «*Magister Artis Venter*».

Cremos que a sua acção chega a invadir, por vezes, os dominios até da crença.

A el-rei D. João III se lastimava em phrase lacrimosa, porque na volta de Coimbra para Santarem lhe levaram uns almocreves castelhanos, por aluguer da conducção, tudo quanto o poeta trazia.

«Á quien contaré mis quejas,
Gran senor;
Á quien contaré mis quejas,
Si á vos no?

«A Santarem cheguei eu
Bem tal como Deos naceo,
Que não trouxe lá do ceo
Comsigo hum vintem de seu;
E pois tanto bem vos deu,
Alto Senhor,
Á quien contaré mis quejas,
Si á vos no?»

Quem tão humildemente exorava devia ser tido em conta de folião—bufão de côrte talvez. A profissão de actor não andava longe do mister de chocarreiro ou truão.

Por 1603 publicou-se, em Madrid, *El Viage Entretenido* de Agustin de Roxas. Descreve-se ahi largamente a vida do actor hespanhol, que em pouco poderia divergir do portuguez, e facilmente deprehendemos d'essa leitura, em que conta eram tidos e estimados.

«Ficae sabendo, diz um dos interlocutores, que ha oito especies de companhias e de comicos, e todos differentes.» E continuando: «sabei que ha *Bululu*, *Ñaque*, *Gangarilla*, *Cambaleo*, *Garnacha*, *Boxiganga*, *Farándula* e *Compañia*. Chama-se *Bululu* a um actor só, que anda a pé e vae seu caminho. Entra em uma povoação, procura o parocho, communica-lhe que sabe representar uma comedia e recitar qualquer loa, e que reuna o barbeiro e o sacristão para o ouvirem, mediante uma pequena retribuição para os gastos da jornada. Juntam-se todos, trepa o actor a uma arca, e lá de cima começa a falar: sahe agora a dama e diz isto, aquillo e aquell'outro e vae por alli fóra declamando, ao passo que o cura pede esmola em um chapeo, e obtem quatro ou cinco quartos, e com este dinheiro, um pedaço de pão e uma escudella de caldo, offerecidos ao comico, logra este proseguir na sua marcha até encontrar melhor sorte. Em o *Ñaque* entram dois homens e entre si fazem um entremez, tentam representar um auto, recitam algumas oitavas, duas ou tres loas, usam barbas postiças, tocam tamboril e *cobran á ocharo, y en esotros reynos á dinerillo:* vivem contentes, dormem vestidos, caminham desnudos, comem esfaimados, catam-se

de verão entre o trigo, e no inverno o frio não lhes deixa sentir os piolhos. É companhia maior a *Gangarilla*, compõe-se já de tres ou quatro homens, um d'elles que sabe tocar seja o que fôr, levam um rapaz que desempenha os papeis de dama, representam o auto da ovelha perdida, põem barbas e cabelleiras, pedem saia e touca emprestadas (e esquecem-se por vezes de as entregar), dão dois entremezes jocosos e recebem dinheiro, pão, ovos e sardinhas, com mais outros accepipes que andam em alforges. Teem estes alimentação sadia, dormem no chão, bebem a sua pinga, não se demoram no mesmo local, representam em qualquer villar e trazem sempre os braços crusados. Mas porque? — indaga um dos interlocutores. Porque nunca trazem capa nos hombros, explica o narrador. No *Cambaleo* ha uma mulher que canta e cinco homens que choram. Trazem estes uma comedia, dois autos, tres ou quatro entremezes ensaiados, e uma trouxa de roupa que póde com ella uma aranha. A mulher ora vae ás costas, ora nos braços dos comicos, representam nos casaes a troco de pão, cachos de uvas e caldo de couves; recebem dos espectadores dinheiro miudo, pedaços de linguiça, linho cardado, e tudo o mais que o acaso lhes depara sem nada desprezarem. Demoram-se nos logarejos quatro ou cinco dias, allugam uma cama para a mulher, e elles, no inverno, dormem nos palheiros. Entram na *Compañia de Garnacha* cinco ou seis homens, uma mulher que é a primeira dama, e um rapaz que é a segunda. Levam um bahú com

roupa, barbas e cabelleiras e algum vestido de tarlatana para a mulher. Teem no seu reportorio quatro comedias, tres autos e outros tantos entremezes. Vae o bahú ás costas de um macho, a mulher nas ancas, e os companheiros atraz como arrieiros. Detem-se oito dias em cada povo, dormem quatro em cada cama, tomam caldo de vacca e de carneiro, e noites ha em que a ceia é mais variada. Vão na *Bojiganga* duas mulheres e um rapaz, seis ou sete comicos, e não se poupam a grandes desgostos, porque nunca falta um nescio, um fanfarrão, um teimoso, um turbulento, um carinhoso, um ciumento, ou um namorado, e em havendo qualquer d'estes, não podem viver tranquillos, andar contentes, nem mesmo ganhar algum dinheiro. Trazem seis comedias, tres ou quatro autos, cinco entremezes e duas arcas, uma com roupa de theatro, na outra vae o fato das mulheres. Allugam quatro jumentos, põem em um as arcas, montam em dois as actrizes, e no que resta vão alternadamente os actores, remudando a cada quarto de legua, consoante o papel que desempenham em scena, e como fôr proveitoso para o bailado. Entre os sete costuma haver apenas duas capas, e por isso nas povoações entram aos dois como os frades. E não raro succede que, levando ambas o moço, appareçam todos sem ellas. D'estes se póde dizer, que comem bem, dormem em quatro camas, representam de noite, e por festas tambem de dia. As mais das vezes ceiam salada, porque como as recitas acabam tarde, acham sempre a ceia fria. Traz a *Farândula*

tres mulheres, oito a dez comedias, duas arcas com vestuario, cavalgam em machos de arrieiro, e outras vezes são levados em carros, entram nas grandes povoações, comem em separado e vestem boas roupas. Nas *Compañias* ha gente mui discreta, homens muito estimados, pessoas bem nascidas, e até mulheres muito honestas, porque onde ha muito, força é que haja de tudo. Levam cincoenta comedias, trezentas arrobas de fato, dezeseis pessoas que representam, trinta que comem, e uma que recebe o dinheiro e Deus sabe o que furta.»

Se nos principios do seculo XVII, ainda o actor era na Peninsula-hispanica visto por este prisma, consoante a descripção de Roxas, podemos conceber sem demora a situação de Gil Vicente na côrte de Portugal.

Digamo-lo, todavia, sem periphrases: que nos importa a nós hoje a conta em que era tido, a consideração que merecia aos aulicos de D. Manuel e de D. João III, e aos proprios monarchas até, o fundador do theatro portuguez?

A morte é uma força.

Para quem não tem outra acção mais que a do espirito, é o tumulo a eliminação do obstaculo. Estar morto, como diz o maior dos poetas modernos, é ser omnipotente.

O homem de guerra é um vivo que póde apavorar na sua marcha ruidosa e triumphal. Cercado de milhões de homens que o seguem, desvairados e servis, allucinados e inconscientes, lá vae elle, o con-

quistador infrene, o insaciavel ambicioso, tendo debaixo dos pés a humanidade. Será muito embora o rei dos reis, será o imperador supremo, chegará ao fastigio, á culminação de todos os poderes — é uma deslumbrosa coroa de loiros que perpassa faiscante de luz, e que deixa transparecer, sob os seus fulgores, n'uma claridade sideral, o vago perfil de um Cesar.

Chegada, porém, a hora das expiações — que nunca tarda — immerge-se na treva essa assombrosa visão, e a humanidade prosegue na marcha, impulsionada pelas suas irresistiveis orientações, deixando, descuidosa e indifferente, desfazer-se esse pó que viveu — esse nada.

Mas que o homem mais humilde, o verme que assistiu, desconhecido e ignorado, a todas essas apotheoses, a todas essas glorificações fascinantes, sinta em si um ideal; que o miseravel, como Homero, deixe cahir na obscuridade uma palavra e morra — alli mesmo, na sombra, inflamma-se essa palavra e converte-se em estrella.

Lêde como o exprime o maior poeta d'este seculo:

«Esse vencido, expulso de uma para outra cidade, chama-se Dante Alighieri, tomae sentido. Esse exilado appellida-se Eschylo, esse prisioneiro tem por nome Ezequiel. Reparae bem. Esse manco é aligero, assigna-se Miguel Cervantes. Sabeis quem vêdes ir ahi caminhando na vossa frente? É um enfermo_Tyrtêo; é um escravo_Plauto; é um mariola_Spinoza; é

um lacaio_Rousseau. Pois muito bem, essa baixeza, esse trabalho vil, essa escravidão, essa doença, é a orça. A força suprema que é o espirito.»

Vejamos nós agora: esse truão, esse actor que vive do tablado, da caridade desdenhosa dos monarchas, e que se lastíma da sua doença e da estreiteza dos seus haveres, é a alma medieval em toda a sua pujança e intensidade — é Gil Vicente.

Não é um poeta dos cancioneiros como tantos outros. Não é um auctor como o infante D. Luiz com o seu auto *dos Captivos* ou *os Turcos*, como Affonso Alvares com os seus autos de *Santa Barbara*, *Sam Thiago*, *Santo Antonio* ou *Sam Vicente*, como Antonio Ribeiro Chiado com os seus autos da *Natural Invenção*, *das Regateiras* ou *de Gonçalo Chambão*, como Jeronymo Ribeiro com o auto do *Physico*, como Antonio Prestes com os autos *da Ave-Maria*, *do Procurador*, *do Desembargador*, *dos Dois Irmãos* ou *da Ciosa*, como Anrique Lopes com a sua *Cena Policiana*, como Balthazar Dias com os seus autos *de Santo Aleixo*, *de Santa Catharina* e *de El-Rei Salomão* ou com a tragedia do *Marquez de Mantua* — Gil Vicente é o fundador da scena portugueza, é o creador do theatro nacional.

Sobre o esterquilinio como Job, sob o latego como Épictéto ou abaixo de todo o desprezo como Molière, o espirito, diz Hugo, fica sendo o espirito. É elle que sempre ha-de por fim ter a palavra.

Todos esses gigantes que passaram, teem hoje, na terra, uma tarefa maior do que quando a habita-

vam. Repoisam os outros finados, os mortos illustres trabalham. Trabalham em que? Educam as nossas almas. Fazem a civilização.

Na lucta intensissima e penosa d'este seculo, no discrime das crenças, Gil Vicente está vivo, como se nos representara hontem o *Auto da Feira:*

«Ó Roma sempre vi lá
Que matas peccados ca,
E leixas viver os teus.
E não te corras de mi:
Mas com teu poder facundo
Assolves a todo o mundo,
E não te lembras de ti,
Nem ves que te vas ao fundo.»

A independencia d'aquelle nobilissimo caracter assombra-nos ainda agora, a nós, que vivemos em uma epocha de plena democracia, e em que nos pese dizel-o, levamos por vezes a adulação até raiar com a mais torpe baixeza ou com a... mais hedionda hypocrisia--até onde nem sequer suspeitaria aquelle lucido espirito que ella podesse descer e macular-se.

Em presença da côrte, á face do que havia de mais luzido, mais aristocratico e mais altivo em Portugal, o nosso Aristophanes verbera e açoita com o azorrague possante da sua implacavel zombaria, fidalgos, clerigos e altos funccionarios sem attender a hierarchias. Nenhum ridiculo, nenhuma torpeza, nenhuma hypocrisia escapava n'aquelle flagellar impiedoso. Ludibriava e escarnecia, inexoravel, as su-

perstições, as villanias e o ascoso fanatismo do seu tempo.

Se vivesse hoje, de que fogoso latego não usaria o poeta?

Criva de epigrammas, no *Auto dos Almocreves*, os nobres perdularios e caloteiros, que no exaggero da sua ostentação, se aviltam e empobrecem. Querendo elevar-se ao cume das grandezas, despenham-se na ruina:

«Todo o fidalgo de raça,
Em que a renda seja curta,
He por fôrça qu'isso faça.»

A que miserias haviam já chegado, e como o poeta lh'o lança em rosto!

«Sam capellão d'hum fidalgo
Que não tem renda, nem nada;
Quer ter muitos apparatos,
E a casa anda esfaimada;
Toma ratinhos por pagens,
Anda ja a cousa damnada,
Quero-lhe pedir licença,
Pague-me minha soldada.»

Áquelle alto engenho a quem nada escapa, tenta-o a ridicula jactancia e basofia tola do fidalgo pobre. É o capellão que lhe vae corrigindo os vaidosos devaneios:

FIDALGO

«Assi fiei eu de vós
Toda a minha esmolaria,
E daveis pelo amor de Deos,
Sem vos tomar conta hum dia.

CAPELLÃO

«Dos tres annos qu'eu allego,
Da-la-hei logo sem pendenças:
Mandaste dar a hum cego
Hum real por endoenças.

FIDALGO

«Eu isso não vo-lo nego.

CAPELLÃO

«E logo dahi a hum anno,
Pera ajuda de casar
Huã orfan, mandaste dar
Meio covado de panno
D'Alcobaça por tosar.
E nos dous annos primeiros
Repartistes tres pescadas
Por todos esses mosteiros,
Na Pederneira compradas
Daquestes mesmos dinheiros.»

O que mais admiramos n'aquelle lucidissimo espirito não é tanto o que elle exprime em phrase sar-

castica e mordaz, e observado com notavel acume pela sua critica tão penetrante e tão comica. O que mais nos seduz e maravilha é o engenho, tão superior ao seu tempo, no que elle não diz, mas deixa presumir, por uma fórma vaga e simuladamente ingenua e sem malicia.

Compenetrado do apoucado conhecimento que os espiritos fanatizados d'então tinham da maravilhosa grandeza do Eterno, com a mais engraçada ironia, no *Auto da Historia de Deos,* ao entrar na scena da tentação, põe na bocca de Satanaz este malicioso trecho d'onde transluz uma continuada zombaria:

> «Sabes Rio-frio, e toda aquella terra,
> Aldeia Galega, a Landeira, e Ranginha,
> E de Lavra a Coruche? tudo he terra minha.
> E desde Çamora até Salvaterra,
> E desde Almeirim bem até Herra,
> E tudo per alli,
> E a terra que tenho de cardos e pedras,
> Que vai desde Cintra até Torres Vedras;
> Tudo he meu. Ólha pera mi,
> Verás como medras.»

Como o poeta, oriundo de familia fidalga, affecta, no *Auto da Lusitania,* rebaixar o nascimento, para vergastar a sobranceria e orgulho da nobreza:

> «Gil Vicente o autor
> Me fez seu embaixador,
> Mas eu tenho na memoria
> Que para tão alta historia
> Naceo mui baixo doutor.

Creio que he da Pederneira
Neto d'hum tamborileiro;
Sua mãe era parteira
E seu pae era albardeiro.
E per rezão
Elle foi já tecellão
Destas mantas d'Alemtejo;
E sempre o vi e vejo
Sem ter arte nem feição.
E quer-se o demo metter,
O tecellão das aranhas,
A trovar e escrever
As portuguezas façanhas,
Que so Deos sabe entender!»

Gil Vicente era um poeta, e não menos um esclarecido philosopho. Era uma d'estas intelligencias selectas e primorosas, distanciadas largamente do seu tempo, e para as quaes se quebram as balisas do progresso intellectual na marcha lenta e pausada da evolução.

Que finas ironias e donosos desdens não transudam e transparecem disseminados por todo um auto seu, que o leitor pacientemente buscará, porque não somos nós que lh'o havemos de indicar.

Como já dissemos, Gil Vicente nasceu no principio do ultimo quartel do seculo XV, e representou o seu primeiro auto em 1502.

Shakespeare nasceu em 1564, e o primeiro drama devido inteiramente á sua penna é de 1593 — noventa e um annos depois do *Auto da Visitação*. Mediou quasi um seculo entre estes dois vultos da scena.

Conjectura-se ter nascido Gil Vicente em 1470, Shakespeare veio ao mundo em 1564—noventa e quatro annos mais tarde. É ainda um seculo que separa os dois gigantes.

Se o poeta portuguez viera ao mundo cem annos mais tarde, admittida a egual superioridade d'estes dois engenhos, não poderia ainda assim hombrear com o auctor do *Hamlet* e de *Romeu e Julietta*. Impedir-lh'o-hiam a Inquisição, o fanatismo e os frades —os poderes supremos da Peninsula-hispanica até ao alvor do seculo XIX.

Á Inquisição não chegou o poeta a sentir-lhe as ferozes garras—ao frade, sim—de quem elle foi implacavel inimigo.

Em 1506, na noite em que nasceu o infante D. Luiz, fez um sermão em estanças de arte maior, dirigido á rainha D. Leonor, e prégado em Abrantes na presença d'el-rei D. Manuel.

«E porque alguns foram em contrario parecer, diz a rubrica, que se não prégasse sermão d'homem leigo, começou primeiro dizendo, antes de entrar no sermão:

«Antes de aqueste muy breve sermon,
Placiendo á la sacra sciencia divina,
Muy receloso de gente malina,
Á mis detractores demando perdon.
Los quales diran con justa razon:
Púsose el perro en bragas de acero:
Daran mil razones, diciendo que es yerro
Pasar los limites de mi jurdicion.
Áquestos respondo, que me den licencia

Aquesta vez sola ser loco por hoy.
Y toda su vida licencia les doy
Que pueden ser necios con reverencia.
Y mas le suplico hayan paciencia,
Que esta locura no pasa de aqui:
Y yo ge la doy que aqui y alli
Lo sean por siempre, que es mas preminencia.»

Houve um grande tremor de terra a 26 de janeiro de 1231, estando D. João III em Palmella. Juntou Gil Vicente os frades no claustro do convento de S. Francisco, e fez-lhes um largo sermão, que relatou depois em uma carta escripta ao monarcha, e que começa assim:

«Senhor!

«Os frades de ca não me contentárão, nem em pulpito nem em prática, sôbre esta tormenta da terra que ora passou; porque não abastava o espanto da gente, mas ainda elles lhe affirmavam duas cousas, que os mais fazia esmorecer. A primeira, que pelos grandes peccados que em Portugal se fazião, a ira de Deos fizera aquillo, *e não que fosse curso natural*, nomeando logo os peccados por que fôra; *em que pareceo que estava nelles mais somu de ignorancia* que de graça do Spirito Sancto. O segundo espantalho, que á gente puzerão, foi, que quando aquelle terramoto partio, ficava já outro de caminho, senão quanto era maior, e que seria com elles á quinta feira huã hora depois do meio dia. Creu o

povo nisto de feição que logo o sahirão a receber por esses olivaes, e ainda o lá esperão.»

N'este meio fanatizado e pervertido como poderia Gil Vicente, a despeito da brilhante superioridade do talento, e muito embora viesse um seculo depois—hombrear na fama com Shakespeare?

Concordamos com Garrett: «Na arte dramatica nunca Portugal poude hombrear com os mais paizes.» Mas as causas apontadas determinam em grande parte esta nossa inferioridade.

Devemos aqui relembrar, que foi em 1536 que a Inquisição encetou o seu torvo e nefando mister, estabelecendo-se na cidade de Evora com o seu primeiro inquisidor, D. Diogo da Silva, confessor de D. João III e bispo de Ceuta. Ha razões tambem para crer, que em esse mesmo anno se apagou aquelle alto engenho, e voou da terra uma alma verdadeiramente portugueza.

Exultava então e fremia o monarcha, com a esperança recemnada do crepitar das fogueiras, onde iam ser arremessados os inimigos do fanatismo, estorcendo-se mordidos pelas serpentes de fogo.

Felizes tempos eram estes. Tão longe ia a obcecada exaltação de D. João III, que o levara a escrever a D. Pedro de Mascarenhas, seu embaixador em Roma, affirmando-lhe que teria grande gosto em ser inquisidor, se o cargo fosse de principe secular. Queria ser algoz o... rei piedoso!

Demais, o fanatismo por esta arte apenas se legalizava. Ficava com foros de lei do Estado. Era

um açougue auctorisado. Em pouco divergia matar judeus sem processo, como no tempo de D. João II, e desterral-os despojados dos bens e dos filhos, como no reinado de D. Manuel, ou arrebanhal-os em masmorras e leval-os d'ahi processionalmente aos supplicios publicos das praças. O destino dos judeus de 1506 em Lisboa, as carnificinas da Covilhan, e outras iguaes atrocidades horrorisam tanto como apavora o terrivel Tribunal.

Todavia o estabelecimento da Inquisição veio repentinamente perturbar o nosso movimento scientifico e litterario. A reforma dos estudos da universidade, e a sua trasladação para Coimbra no anno de 1537, poucos fructos podiam produzir, tal era o terror que começou a infundir aquella horrente instituição. Não se demoraram as funestas e inevitaveis consequencias. A pouco trecho abandonaram o paiz os mais eminentes professores, com receio de irem figurar em alguma das sanguinosas tragedias, que começavam a representar-se no meio dos applausos de toda a côrte.

«E para ensinarem Latim e linguas Grega e Hebraica, escreve Pedro de Mariz, mandou el-Rey Dom Joam vir de Pariz, hum collegio inteiro. Pera principal veyo Mestre André de Gouvêa, Portuguez, Doutor Theologo de Paris, que era irmão de Marcial, tambem Mestre deste tempo. Sub-Principal, Mestre João da Costa, Portuguez e Doutor de Pariz em Leys. O Doutor Fabricio Mestre de Grego, e o Doutor Rosetto Mestre de Hebraico. Leo a primeira

classe, e Grego Mestre George Bucanano Escotto; A segunda, Diogo de Teive, Portuguez natural de Braga, Doutor em Leys; A terceira, Mestre Guilhelmo, Francez; A quarta, Mestre Patricio, irmão de Bucanano; A quinta, Mestre Arnaldo Fabricio, Francez; A sexta, Mestre Elias, Francez; A septima, Mestre Antonio Mendes, Portuguez, que depois foy Bispo de Elvas; A outava, Mestre Pedro Anriques, Portuguez; que estava já dantes em Portugal; A nona, Mestre Gonçalo, Portuguez, que tambem já estava em Portugal; A decima, Mestre Jacques, Francez; A undecima, Manoel Thomaz, Portuguez. E o Mestre João Fernandes, que tendo ensinado Rhetorica nas duas Universidades de Salamanca e Alcalá, nesta fez tambem o mesmo com muita satisfação e applauso, porque foi perfeito orador, e muito douto nas sciencias e linguas, e tão geral em todas, que raramente acharia seu igual, em nenhuma universidade do Mundo.»

Não foi longa a detença em Portugal de quasi todos estes mestres, e de outros mais, tambem escolhidos para professar as sciencias na universidade de Coimbra. Em breves annos lançaram os jesuitas mão do ensino, e não pouparam esforços, para afastar todos aquelles que reputavam seus adversarios.

Como diz um illustre escriptor, a maior parte dos eruditos e humanistas do seculo XVI, em Portugal, ou se fizeram conhecidos nos ultimos annos do reinado de el-rei D. Manuel, ou tinham estudado nas universidades extrangeiras, André de Resende, Jor-

ge Coelho, Alvaro Gomes, Antonio Luiz, Jeronymo Cardoso, os Gouvêas, Freire e outros, estavam n'este caso.

Henrique Cayado, tendo sido primeiro discipulo de Cataldo Siculo, fôra depois a Florença estudar com Angelo Politiano. Ayres Barbosa, que tambem estudou na Italia, dirigira durante vinte annos as cadeiras das linguas latina e grega em Salamanca, e viera a Portugal para mestre dos principes D. Affonso e D. Henrique, proximamente ao anno de 1521. O celebre Pedro Nunes, que estivera em Salamanca, já lia logica na universidade de Lisboa no anno de 1530. Garcia da Horta, um dos homens de sciencia mais notaveis da sua epocha, partia para a India no anno de 1534, na armada de Martim Affonso de Sousa, deixando a universidade de Lisboa, aonde era licenciado e professor de medicina.

Nascera o bispo do Algarve, Jeronymo Osorio, em 1506, e fizera, como é de crêr, os seus estudos, durante o reinado de D. Manuel. Estudara o bispo de Miranda, Antonio Pinheiro, no collegio de Santa Barbara, em Paris, de que era reitor Diogo de Gouvêa. Foi este mesmo Gouvêa, que escrevendo em 1548 de Paris a D. João III, para que augmentasse a esmola, dada para estudos ao padre fr. Duarte, lhe dá como a mais valiosa razão a que vamos trasladar:

«*Porque elle quando não pode por boas razões e palavras convertel-os* (os hereges), *se é um logar onde o não vêem, não faz consciencia de levar o herege pelo cabeção e servil-o de punho sêcco. Isto é certo que o*

fez a muitos; por isso e por sua vida merece toda a mercê e esmola que lhe fizer Vossa Alteza», etc.

Tambem este Gouvêa quiz bater em Ignacio de Loyolla, seu discipulo, com umas vergastas, porque o futuro santo trazia desvairados por mysticos os seus companheiros de estudo.

Pedro Margalho, um dos homens mais afamados pelas suas lettras, tomara o gráo de doutor na universidade de Paris, lêra em Salamanca a cadeira de philosophia moral, e só veio para o reino, a instancias de D. João III para mestre do infante D. Affonso. Damião de Goes formara-se na universidade de Padua no anno de 1538, tendo trinta e sete annos de edade.

Era Damião de Goes um amigo dilecto do celebre Erasmo, escriptor afamado do seu tempo, auctor do *Elogio da Loucura,* e de quem nos occuparemos depois mais largamente. Conviveu tambem com outros homens não menos illustres e esclarecidos da sua epocha, como o cardeal Bembo, Sadoleto, o historiador Oláu Magno, os eruditos Glareano e Pedro Nanio. Alguns houve que lhe dedicaram as suas obras. Muitas e longas viagens que poude fazer, e a sua prolongada residencia na Hollanda abriram largos horizontes á sua vasta intelligencia, contribuindo este ultimo paiz, pela liberdade das idéas e progressos ininterruptos de uma verdadeira civilização, para fortalecer no espirito de Damião de Goes convicções, que um aturado e bem dirigido estudo havia já talhado.

Porém, estes dotes todos, que parece deveriam concorrer para lhe assegurar a estima publica, o applauso dos seus concidadãos e a gratidão da patria, foram ao revez a origem das suas desgraças. O atrazo das nossas idéas, um obdurado fanatismo e o predominio da Inquisição, não podiam supportar a superioridade manifesta de um homem como Damião de Goes. D'ahi promanaram seus infortunios. Perseguido e diffamado, foi demittido do cargo de guarda-mór da Torre do Tombo, e recluso nos carceres do Santo-Officio.

Commettera D. João III a maior das incoherencias. Buscara reformar a universidade e quasi simultaneamente instituia o Tribunal da Fé. Por um lado parecia permittir aos seus vassallos elevarem o espirito, librando-se nas vastas regiões da concepção humana, pelo outro suspendia-lhe na treva a consciencia. Afigura-se-nos, na sua desvairada perplexidade, querer o progresso e a reacção, os arrojos impetuosos do pensamento e o enunciado indiscutivel dos preceitos religiosos, as audacias especulativas do raciocinio e a immobilidade tenaz da crença. Queria, finalmente, que as idéas fossem brotando enfileiradas e humildes como os farricôcos em uma procissão de penitencia.

Se é verdade o que Damião de Goes nos affirma, n'uma das exposições escriptas ao Santo-Officio, chegara D. João III a ter o pensamento de convidar Erasmo a exercer o magisterio em Lisboa. Como elle conhecia Erasmo!

Occupando-se d'este monarcha, diz Alexandre Herculano, que durante a vida de seu pae muitos havia que o conceituavam de imbecil, ou que, pelo menos, o diziam. O proprio D. Manuel mostrara receios do predominio que, em tenra edade, exerciam no seu espirito homens indignos. O que é certo é que, ou por distracção ou por incapacidade, nunca poude aprender os rudimentos das sciencias, e nem sequer os da lingua latina.

O que não padece duvida é que ou por mingua de engenho e profunda ignorancia, ou por vicio de educação, D. João III era um fanatico.

Das inconsequencias do rei surgia um irrisorio dilemma. Tinha, porém, uma base lugubre e torva. Era a fogueira.

Intencionalmente vamos demorando esta exposição, para que a luz que illumina este quadro o encha por egual. Não queremos que os accessorios fiquem na penumbra. Pretendemos que a luz lhe dê em cheio, e que, desvelando todos os elementos que constituiam o meio que se agitava e movia em torno de Gil Vicente, possamos avaliar com precisão a corajosa independencia do poeta, e as suas arremettidas audazes contra a superstição, contra o fanatismo, contra a soberbia e preconceitos dos nobres e contra a hypocrisia até.

Bem sabemos que o poeta emmudeceu ou se finou, quando os verdugos do Santo-Officio iam começar a sua ignobil e execranda tarefa. Mas não ignoramos tambem, que o tremendo Tribunal não surgiu abru-

pto, como creação espontanea e inesperada. Tinha já os materiaes carreados. Eram estes o fanatismo preponderante e exaltado de uma nação inteira. Possuia Roma tres factores ineluctaveis em Portugal: um clero numeroso, a indole fanatica do reino, e a propria hypocrisia do governo. Diremos mais: a hypocrisia do proprio monarcha. Fr. Miguel, um hieronymita valenciano, que se distinguia pela sua vida immaculada, no meio de todos os prelados e regulares mais ou menos mundanos, fôra dispensado do espinhoso ministerio de confessor de el-rei por não ter querido absolvel-o uma vez. Inconveniente, diz um eminente historiador, cuja repetição D. João III evitara, confiando d'ahi ávante o cuidado da propria salvação á consciencia mais larga de fr. João Soares. Este era o rei!

Lance significativo da ferocidade fanatica do monarcha, narra-o Camillo Castello Branco, estribando-se na auctoridade de fr. Pedro Monteiro no *Claustro dominicano:*

«Quando vivia nos paços da Ribeira, el-rei ouvia missa na sala que depois chamaram dos Tudescos, por estar guarnecida de soldados allemães. Em 1534, quando o rei assistia á missa, um inglez, no momento em que o padre levantava a hostia, atirou-se a elle para lh'a arrancar dos dedos. Foi preso. Não se averiguou se era um mentecapto. Na tarde d'esse mesmo dia, estando D. João III, na balaustrada que olhava sobre o terreiro, foi o inglez trazido maniatado deante de el-rei, ataram-no de braços e pernas

aos rabos de quatro furiosos cavallos que «despedidos ligeiramente para diversas partes, o despedaçaram vivo.» D. João III, findo o espectaculo, foi acabar a digestão do jantar, saboreando nos risos de uma consciencia pura os equivocos do jogral D. Fernando de Roxas. Depois, em testemunho da sua dôr, vestiu-se de lucto, pôz gôrra, e nunca mais vestiu de gala nem fez a barba. Sahiu com toda a nobreza em uma procissão geral e ia chorando e mais os fidalgos; e, quando chegaram a S. Domingos, deante da capella do Senhor Jesus, desataram a berrar — *Deus, misericordia!*» Este era o piedoso!

Nas Instrucções preparadas para o bispo coadjutor de Bergamo por ordem do pontifice Paulo III, dizia-se, que havia dois fidalgos, contra os quaes cumpria que se premunisse o novo nuncio. Eram elles o conde de Vimioso e o conde da Castanheira, D. Antonio de Athaide, principal valido do rei. A idéa que ácerca de D. Antonio se inculcava ao bispo metonense e coadjutor de Bergamo, consistia em que devia consideral-o como *um perverso com mascara de santo, meio hypocrita pelo qual se tornava acceito aos frades, que de continuo rodeiavam el-rei.* Por intervenção d'estes, tanto elle como o Vimioso tinham adquirido muitos bens ecclesiasticos. Era uma circumstancia essa que os reduziria á obediencia, quando o nuncio quizesse fazer-se respeitar por elles.

Tão bem desbravado estava o terreno, repetimos, que Portugal supportou impassivel e indifferente o estabelecimento da Inquisição. Succedeu-lhe o silen-

cio, como observa Alexandre Herculano, só interrompido pelo crepitar monotono das fogueiras, pelo correr dos ferrolhos nos carceres que se convertem em sepulchros, e pelos gemidos que se alevantam do meio das hecatombas. Considerada de um modo absoluto, era uma sociedade profundamente depravada, diz o eminente escriptor.

É esta mesma sociedade que, por meio dos seus algozes, condemnando Damião de Goes, diz n'esse irrisorio pasquim que tem nome de sentença:

«Porque se mostra que semdo christão baptizado e obrigado a crer tudo o que tem cree e imssina a sancta madre igreja de Roma Elle no anno de trinta e hum Imdo da Corte delrei de Dinamarca pera a delrei de pollonia homde foi fazer certos negocios que lhe Emcarregarão: passou pela universidade de Vitemberge Em Alemanha homde antão residia o Maldito de Martinho luthero heresiarcha famoso: e phelipe Melancthon, seu sequaz: e com elles fallou e comeo e bebeo: detemdosse ally per espaço de dous dias, desviandosse do caminho direito que levava tres ou quatro Legoas por ver ao dito luthero, himdo per huma vez ouvir como pregava sua perversa doctrina; e depois escrevendo cartas a elles ambos e recebendo repostas suas a ellas: e assy neste mesmo anno Como Em outros adiante vio outro sy E fallou de passagem com Martim Lucero grande hereje comendo E bebendo cõ elle E con outros herejes condemnados por tais...»

Para evitar mais larga leitura, calaremos aqui a

vil delação de Pedro de Andrade Caminha, poeta mediocre, mas espirito torpemente pervertido. Diremos sómente que o seu aleivoso depoimento explica, em parte, o odio que a Damião de Goes votara o infante D. Henrique.

Basta correr os olhos pelo processo do chronista de D. Manuel, para reconhecer que não houve meio por absurdo e iniquo, por perfido e inhumano, que os inquisidores não empregassem para alcançar provas da sua culpabilidade. Nenhuma das impias tradições do Tribunal foi esquecida: a sua propria filha veio depôr contra elle; a sobrinha e o genro, dominados pelo terror, foram forçados a lançar veneno sobre actos innocentes da vida de um homem, que por tantos titulos merece a estima e a admiração da posteridade.

Condemnado a carcere perpetuo, parece que lhe fora commutada a pena, por isso que depois de recluso no mosteiro da Batalha, já estava restituido a sua casa, quando falleceu, como diz um escriptor moderno «segundo é fama, assassinado».

Dilucidemos este ponto, porque não é extranho ao estudo de costumes que estamos a esboçar.

Damião de Goes, habituado a exprimir livremente os seus pensamentos, commetteu verdadeira imprudencia, opina um dos seus biographos, em vir metter-se na côrte de Portugal, e tal imprudencia custou-lhe o socego dos ultimos dias e a propria vida!

Parece que não fôra bem acceito á nobreza por

tratar, como escreve Barbosa Machado, «de algumas familias do nosso reino, em cuja obra seguindo mais os impulsos da vingança, que o decoro da verdade, diminuiu grande parte da sua fama, quando se fez malefico censor da alheia.»

A obra a que Barbosa allude deve ser o *Nobiliario* de Portugal, de que existe um exemplar de lettra contemporanea na Bibliotheca da Ajuda, e o outro proximamente da mesma epocha, no Archivo Nacional da Torre do Tombo.

A aduladora cortezania e severidade injustificavel de Barbosa não destroem a exacção dos factos.

A verdade é, que Damião de Goes conhecia de sobra o seu paiz e os homens do seu tempo.

Sabia que com a acclamação de D. João I sahira de Portugal a maior parte da principal nobreza, e que, tendo-lhe sido confiscados os bens, foram estes dados a muitos aventureiros e homens da mais baixa esphera, que em vez de se exaltarem pelos seus proprios feitos, preferiram emmascarar-se com nomes alheios, e entroncar-se em linhagens a que eram extranhos. Tinha-se já por deslembrada, n'aquelles tempos, a grande transformação politica e social por que o Mestre de Aviz fizera passar a patria, e n'esta persuasão, crescia o orgulho e altaneria da nobreza na razão directa do seu abatimento e degenerescencia. Por isso entre as graves questões d'aquelle reinado exuberavam as de procedencia, e primazia genealogica.

Não ignorava, tambem, que se as tendencias do

rei e do povo pareciam fructo de uma grande exaltação religiosa, o estado da moral publica era, em todo o rigor do termo, deploravel. As ulceras que roiam então a sociedade, desenham-se com uma nitidez innegavel nos capitulos das côrtes, que teem relação com esse objecto, quer se attribuam á assembléa de 1525, quer á de 1535, e ahi podemos examinar a senda que nos levava á perda da independencia da patria.

Os vexames e abusos na administração da justiça praticavam-se em todas as instancias desde as inferiores até ás mais elevadas, e não só no fôro secular, mas tambem no ecclesiastico. Estava o reino cheio de vadios que sem rendimento conhecido viviam na opulencia. Predominava em todas as classes o vicio do jogo, acompanhado das suas naturaes e funestas consequencias, como eram roubos, discordias, e a ruina domestica. Pejava a côrte um numero extraordinario de ociosos, e o exemplo da falta de ordem e de uma sensata economia dava-o por uma fórma assombrosa a propria casa real. Enxameavam os creados nos paços dos fidalgos em proporção mui superior ás suas rendas; escaceando por esta arte os braços para a agricultura. Queixavam-se os vassallos de que qualquer viagem d'el-rei era um verdadeiro flagello para os povos por meio dos quaes transitava. A immensa comitiva de parasitas de todas as ordens e classes devorava a substancia dos proprietarios e lavradores. Mantimentos, cavalgaduras, carros, tudo era tomado, e os detensores ou não pagavam, ou pa-

gavam com escriptos de divida, divertindo-se os cortezãos, muitas vezes, em destruirem os fructos, as fazendas e as matas.

A barra de bastardia atravessava muitos escudos da nobreza de Portugal. Algumas familias pela mistura de outro sangue, nem mesmo poderiam vangloriar-se de puras na raça, e punham a descoberto, na côr duvidosa, a devassidão dos seus costumes. Se Damião de Goes, diz um dos seus biographos, ousou penetrar estes segredos de geração, é bem de crêr que levantasse contra si grandes odios.

Fez mais do que penetra-los. Assoalhou alguns, ferindo por uma das vezes, em verso, a prosapia de D. Antonio de Athaide, aquelle celebre conde da Castanheira sobre quem tão informado vinha o bispo e coadjutor de Bergamo.

As trovas do illustre chronista diziam:

«Mestre João sacerdote
De Barcellos natural
Houve d'uma moura tal
Um filho de boa sorte.
Pedro Esteves se chamou;
Honradamente vivia;
Por amores se casou
C'uma formosa judia.
D'este (pois nada se esconde)
Nasceu Maria Pinheira,
Mãe da mãe d'aquelle conde
Que é conde da Castanheira.»

Nas *Noites de insomnia* de Camillo Castello Branco, vem a longa satyra a que nos referimos.

O conde da Castanheira fez uma espera a Damião de Goes, e espancou-o brutalmente. Não o satisfazendo este insulto em segredo, como observa o escriptor que acabamos de citar, procurou avilta-lo em publico. Encontraram-se um dia na Casa da India. Damião de Goes era feitor de Flandres, e o conde era vedor da fazenda. Á conta de negocios tiveram um começo de altercação que o conde rematou depressa pregando-lhe com as luvas na cara.

«Depois, diz D. Manoel Caetano de Sousa, o segundo conde da Castanheira desforrando-se dos velhos e renovados ultrajes a Maria Pinheira, mandou creados seus moêrem com saccos de areia o ancião no pateo da sua mesma casa; e de modo se houveram que Damião de Goes apenas teve forças que o arrastassem á cama, onde se desprendeu da vida.»

Foi esta a morte de Damião de Goes.

Por um facto quasi identico foi tambem assassinado Francisco de Moraes Cabral, o auctor do *Palmeirim de Inglaterra,* em Evora, por 1572, á porta do Rocio, como affirma Barbosa Machado.

Gil Vicente, na *Farça dos Almocreves,* põe na bocca do Capellão, falando com o fidalgo, esta frisante censura:

«E vós fazeis foliadas
E não pagais ó gaitero?
Isso sam balcarriadas.

Se vossas mercês não hão
Cordel pera tantos nós,
Vivei vós áquem de vós.
E não compreis gavião,
Pois que não tendes piós.
Trazeis seis moços de pé
E acrecentai-los a capa.
Coma rei, e por mercé,
Não tendes as terras do Papa,
Nem os tratos de Guiné,
Antes vossa renda encurta
Coma panno d'Alcobaça.»

O almocreve Vasco Affonso encontrando-se com um companheiro, diz-lhe:

«Bem sabes tu, Pero Vaz,
Que fidalgo ha já agora,
Que não sabe se o he.»

Nos fins do seculo XV a confusão das classes, já indicava quanto havia subido o nivel do homem do povo.

Na *Fragoa d'Amor vem a Justiça em figura de huã velha corcovada, torta, muito mal feita, com uma vara quebrada, e diz:*

«Sempre Deos faz cousas boas!
Dizei, que tenhais prazer,
Isto he cousa de crer
Que refundis as pessoas,
E as tornais a fazer?

SOL

Quien sois, que ansí estais polida?

JUSTIÇA

A Justiça sou chamada,
Ando muito corcovada,
A vara tenho torcida,
E a balança quebrada.
. . . .
. . . .
Fazei-me estas mãos menores,
Que não possão apanhar,
E que não possa escutar
Esses rogos de Senhores,
Que me fazem entortar.»

A que deveu Gil Vicente a sua impunidade? Porque é que o não moêram nunca com saccos de areia, nem o espancaram nas quelhas ou viellas da cidade?

Era reputado um truão, um bobo do palco, e por isso escapou á sorte que teve Damião de Goes e o auctor do *Palmeirim de Inglaterra.*

O poeta fazia rir e sabia levantar a opinião publica, tal ou qual como então existia, pondo-a do seu lado. E só assim explicamos que, a despeito dos lancinantes sarcasmos e das zombarias pungentes que a cada hora arremessava ao clero e aos regulares, se conservasse sempre immune e desaffrontado. Não foi ferido nunca, nem espancado, que o saibamos. Mas

não é provavel que ficassem completamente inultos todos os individuos que foram alvo das suas chanças e motejos.

Os odios e rancores, os desprezos e desdens que a sua veia comica lhe encelleirou talvez, se o atribularam por vezes, se lhe deram horas angustiosas e amargas, levou-os o poeta para o silencio do tumulo e ahi se apagaram com elle.

Dos cortezãos, dos aulicos que, rojando como reptis no pó onde os pés do monarcha poisavam, só se moviam pela insaciavel cobiça de se accrescentarem em honras e bens da coroa, d'esses poderia pensar Gil Vicente o que Victor Hugo faz dizer Triboulet no segundo acto do seu drama *Le Roi s'amuse:*

«Aussi, mes beaux seigneurs, mes railleurs gentilshommes,
Hun! comme il vous hait bien! quels ennemis nous sommes!
Comme il vous fait parfois payer cher vos dédains!
Comme il sait leur trouver des contre-coups soudains!»

Foi a gargalhada estridula da propria côrte que livrou o poeta de alguma cruenta revindicta.

Francisco Rabelais foi contemporaneo de Gil Vicente. Nasceu em Chinon, na Touraine, por 1483, consoante a opinião de grande numero dos biographos que tem merecido a fecundidade d'aquelle genio.

Occupando-se do auctor de *Gargantua* e de *Pantagruel*, avalia-o da maneira que vamos expôr o notavel escriptor Geruzez: «Rabelais, diz elle, é o typo

popular do cynismo truanesco; é debaixo d'este ponto de vista que ficou a sua memoria sobrecarregada de innumeros factos comicos, cuja responsabilidade lhe cabe no sentir da posteridade. Mas essa mascara é apenas um involucro que cumpre rasgar, para penetrar no intimo e desvelar o que lá encerra. Ora, rasgando a Rabelais suas extranhas vestes, descobre-se a mais profunda e variada instrucção, e a philosophia mais arrojada e audaciosa.»

Descerra Rabelais o seculo XVI como Voltaire terminou o decimo oitavo: é o mesmo cabedal de intelligencia, a mesma audacia contra as ordens religiosas. Armados ambos com o estylete do ridiculo, acerado em um pela colera, no outro embotado um tanto pelo inalteravel bom-humor, a guerra é a mesma; e ambos elles quer os guiasse a prudencia, quer movidos por convicção, respeitam as instituições politicas, e fazem da realeza trincheira contra o resentimento do clero. Arcava, porém, Rabelais com elementos mais poderosos, e o seu seculo, que elle pretendia emancipar, não o teria protegido em uma guerra aberta e declarada — sacrifica-lo-hia até, embora lhe pesasse, a propria realeza. Não bastava, pois, ser palaciano, urgia que se transmudasse em jogral do rei e da nação; era esta a moeda em que devia pagar as suas temeridades. E pagou-as. Ornou-se o philosopho com os guizos de Caillette e de Triboulet para desviar e aturdir malquerentes e adversarios.

Fica-nos aqui debuxado Gil Vicente. Usou com

egual vantagem os methodos e processos de Rabelais.

Logo na sua primeira peça dramatica, representada a 8 de julho de 1502 nos paços do Castello, por occasião do parto da rainha D. Maria, e estando presente a viuva de D. João II, ahi diz o auctor e actor:

«Será rey Don Juan tercero,
Y heredero
De la fama que dejaron,
En el tiempo que reinaron
El segundo y el primero,
Y aun los otros que pasaron.»

No *Auto Pastoril Castelhano* não esquece o poeta, que lhe fora esta composição pedida pela rainha viuva, e ahi lhe lembra que vira, n'aquella sala, D. João II, pastor de pastores com seu cajado real:

«Conociste á Juan Domado,
Que era pastor de pastores?
Yo lo vi entre estas flores
Con gran hato de ganado,
Con su cayado real,
Repastando en la frescura,
Con favor de la ventura:
Di, zagal,
Qué se hizo su corral?»

Em a *Nao D'Amores entra a Cidade de Lisboa em figura de princeza, e com grande apparato de musica, e diz fallando com Suas Altezas:*

«Oh alto pod'roso em grande grandeza,
Meu Rei precioso por graça divina,
De mi apartada por eu não ser dina,
Por minha mofina se foi Vossa Alteza:
Venhais em tal ponto, em tal dia, em tal hora,
Como aquella em que Deos incriado
Criou todo o mundo tão bem acabado
Como sera e foi atégora.
....
....
Venhais muito embora, meu Rei sabedor,
Venhais muito embora, Rainha esmerada,
Venhais muito embora, côrte desejada,
Venhais com a benção de Nosso Senhor.
Eu venho beijar as mãos soberanas
De Vossas Altezas, meus Reis soberanos,
Com tanta vontade, que ha tres mil annos
Que nunca tal tive a pessoas humanas.»

Sempre que se dirige ou que por qualquer fórma allude aos soberanos ou aos infantes, é a phrase submissa e respeitosa. E as lisongerias e louvores vindo a frouxo e tão reiterados, resaltam no meio dos apodos e chufas com que são fustigados sem piedade os fidalgos, os frades e os altos funccionarios.

Gil Vicente e Rabelais abroquelavam-se, subindo ao tablado do histrião, com a risada do povo, e a protecção dos monarchas. Todavia, força é dizê-lo: o

seu mais valioso amparo, a trincheira que lhes offerecia refugio mais seguro, eram os guizos e cascaveis do truão.

«Tudo lhe vinha do intimo, quero dizer da sua alma e do seu genio.» Estas palavras que escreve Taine na sua *Histoire de la Littérature Anglaise*, e que são vertidas do livro de Halliwell, *Life of Shakespeare*, podem ser applicadas, sem a menor hesitação, a Gil Vicente. Os accidentes da sua existencia e o meio em que viveu não foram os factores essenciaes do seu desenvolvimento e acção. Estava profundamente saturado do seu seculo, o que importa o mesmo que dizer, que conhecia por observação propria os costumes campesinos, os estylos da côrte, os usos das cidades, e perlustrara, com a agudeza do seu engenho, todos os degraus da condição humana na escala social.

Devemos, porém, notar que não era um homem encerrado inteiramente no seu meio—não era a expressão exacta da sua epocha, a personificação das idéas do seu tempo. Foi mais do que tudo isso. Em todo o rigor do vocabulo, era um vidente.

Na verdade, observa um circumspecto critico, quando se considera que era n'esta quadra de abusivas influencias fanaticas, que o poeta transmudava a sua penna em cortante escalpello, com que ia dissecando as fibras ruins d'esse corpo gangrenado, muito nos enche de assombro tanta isenção e arrojo de verdade.

Nada havia que o intimidasse ou detivesse quan-

do ia levado pela inspiração da sua zombeteira e indefessa musa. Se era demasiadamente elevado o alvo, que pretendia ferir com os seus certeiros golpes, e se receava alguma retaliação fulminante a que não podesse esquivar-se por se encontrar inerme, soccorria-se a uma bem concebida traça—refugiava-se na allegoria. As personificações grutescas accendiam-lhe a audacia, e permittiam-lhe a irresponsabilidade nas mais ousadas e pungentes allusões. O diabo é o seu comico por excellencia. Entrega-lhe as situações mais arduas e espinhosas, e o engenho inventivo do auctor, lança o mais fino sal attico nas observações do seu personagem dilecto. Com os esgares e tregeitos que competem á sua personalidade, e com a maliciosa bruteza propria da sua qualidade de reprobo, não se detinha, nem hesitava o anjo das trevas, em proferir as mais desprimorosas censuras. Ao reboar das estridulas gargalhadas, partia a phrase que encerrava um labéo, uma nota infamante, e lá ia como uma setta cravar-se na consciencia do censurado, no meio do ruidoso regosijo dos circumstantes.

No *Auto da Feira entra hum Diabo com huã tendinha diante de si, como bufarinheiro, e diz:*

«Eu bem me posso gabar,
E cada vez que quizer,
Que na feira onde eu entrar
Sempre tenho que vender,
E acho quem me comprar.
E mais vendo muito bem,
Por que sei bem o que entendo;

E de tudo quanto vendo
Não pago sisa a ninguem
Por tracto que ande fazendo.
. . . .
. . . .
Fallando com salvos rabos,
Inda que me tens por vil,
Acharás homens cem mil
Honrados, que são diabos,
Que eu não tenho nem ceitil.
E bem honrados te digo,
E homens de muita renda,
Que tem divedo comigo,
Pois não me tolhas a venda,
Que não hei nada comtigo.
. . . .
. . . .
E mais as boas pessoas
São todas pobres a eito;
E eu por este respeito
Nunca tracto em cousas boas,
Por que não trazem proveito.
Toda a glória de viver
Das gentes he ter dinheiro,
E quem muito quizer ter
Cumpre-lhe de ser primeiro
O mais ruim que puder.
E pois são desta maneira
Os contractos dos mortaes,
Não me lanceis vós da feira
Onde eu hei de vender mais
Que todos á derradeira.

SERAPHIM

Venderás muito perigo,
Que tens nas trevas escuras.»

A resposta de Satan é um violento sarcasmo. Diz o Diabo:

> «Eu vendo perfumaduras,
> Que, pondo-as no embigo
> Se salvão as criaturas.»

Allusão transparente ás indulgencias de Roma. E continua:

> «Ás vezes vendo virotes,
> E trago d'Andaluzia
> Naipes com que os sacerdotes
> Arreneguem cada dia,
> E joguem té os pellotes.»

A zombaria é cada vez mais lancinante, e de um realismo que não tem inveja ás escholas contemporaneas.

Accrescenta o Diabo:

> «S'eu fosse tão mao rapaz,
> Que fizesse fôrça a alguem,
> Era isso muito bem;
> Mas cada um veja o que faz,
> Por que eu não forço ninguem.
> Se me vem comprar qualquer
> Clerigo, leigo ou frade
> Falsas manhas de viver,
> Muito por sua vontade;
> Senhor, que lh'hei de fazer?»

São notaveis estas creações dramaticas. mas digamo-lo sem ambages, são mais esboços traçados por mão vigorosa do que propriamente estudos artisticos. Falta-lhes um quid: é a idéa da arte. Ha uma ausencia completa d'aquillo a que nós hoje chamamos esthetica, e que dá relevo, vida e acção a todas as situações. A edade media não recebeu da Grecia e de Roma a revelação da belleza da fórma nas suas multiplices applicações. Não descerrou os olhos a essa deslumbrosa luz. A maior parte dos escriptores que representam a epocha medieval, não souberam como Dante, tomar Virgilio por guia na senda do infinito e da eternidade. Não se preoccuparam nunca, lembra um illustre critico, em ligar a poesia classica da antiguidade com a prestigiosa poesia das lendas e dos symbolos. De alguns que encetaram este trilho, poucos foram os que lograram bom exito das suas tentativas. Foi essa talvez a causa por que toda essa litteratura tão fertil em primicias, não ceifou as opulentas messes que lhe pareciam promettidas. Não soube manter as suas brilhantes promessas — definhou e extinguiu-se lentamente n'uma velhice precoce. Foi esta a sorte da eschola creada por Gil Vicente. Apagou-se o seu luzeiro aos arreboes de uma vigorosa evolução. Carecia o espirito moderno para grangear a sua força viril e a sua maturidade de uma segunda educação, que se denominou a Renascença.

O notavel livro de Erasmo: *O Elogio da Loucura,* foi publicado pela primeira vez em 1509. Multiplicado por sete edições, no espaço de poucos me-

zes, contribuiu sobretudo, observa Janssen, para lançar o maior descredito sobre a Egreja.

O *Auto da Feira* representou-se em 1527. Gil Vicente devia ter noticia do trabalho de Erasmo, cujo ruido foi extraordinario.

Diz ahi o Diabo:

> «E se o que quer bispar
> Ha mister hypocrisia
> E com ella quer caçar;
> Tendo eu tanta em porfia,
> Por que lh'a hei de negar!»

O *Elogio da Loucura* póde ser considerado como o prologo da grande tragedia do seculo XVI. As idéas aqui expostas, pelo anjo mau, vem de sobra desenvolvidas nos escriptos do philosopho de Rotterdam.

Prosegue o Diabo:

> «E se huã doce freira
> Vem á feira
> Por comprar hum inguento,
> Com que voe do convento
> Senhor, ainda que eu não queira,
> L'hei de dar aviamento.»

Muitas monjas não precisavam voar. Vinham preá-las os açores aos proprios mosteiros.

Narra Fernam Lopes, que por occasião da peleja de Aljubarrota em 1385, promettera Martim Affonso de Sousa, que se Deus o tirasse a salvo da batalha «hir ter huma corentena com Dona Abbadessa de

Rio Tinto, que estonce tinha por amiga.» Que torpe promessa! — e que comprehensão tão racional da justiça divina! Por aquelles tempos a religião era isto.

No concilio ecumenico de Viena de 1311, a relaxação da disciplina nos conventos de freiras, foi tambem assumpto das suas disposições, já quanto ao luxo no vestuario, já quanto á quebra da clausura, e a outros factos condemnados, aliás, em synodos anteriores. Mas a dissolução dos costumes lavrava do mesmo modo, não havendo differença, em geral, na inobservancia da regra monastica entre as casas de frades e as de freiras; e differentes synodos continuam a attestar a existencia de abusos nas communidades dos religiosos.

Para se reconhecer a verdade do que fica expendido, no tocante á relaxação dos mosteiros, citaremos dois factos, sendo um da primeira metade do seculo XV, e o outro occorrido no seculo XVI.

É o primeiro, como diz Gama Barros na sua excellente obra, *Historia da Administração Publica em Portugal*, exemplo frisante do aviltamento a que n'essa epocha podia chegar uma freira dissoluta.

«O mosteiro benedictino de Recião, proximo de Lamego, estava situado n'um valle profundo, em logar despovoado e pouco sadio. Fica entre dous rios, que o cercão, refere um chronista, onde o ruido, e curso fugitivo das aguas, desperta e excita a memoria da fragilidade desta vida: onde a solidão e retiro do lugar, levanta e arrebata o espirito ás saudades da eterna. Diz-se que por muito tempo fora modelo

de santidade; mas pelos annos de 1435 viviam ahi apenas tres mulheres, duas das quaes moças ainda, sem que possamos affirmar que todas tres eram realmente freiras professas. Uma das moças, Clara Fernandes, tinha sido obrigada pelo pae, o conde de Marialva que residia em Lamego, a entrar no mosteiro, sendo logo posta em nome de abbadessa. Ahi vivêra sempre como secular e entregue á mais completa devassidão, prostituindo-se com quem lhe aprazia, e especialmente com certo individuo de quem havia filhos. N'este desregramento era ella imitada pela companheira mais nova, Maria Rodrigues, que mantinha relações deshonestas com diversos e designadamente com o abbade de Melcões, de quem tinha filhos e filhas. A terceira era já velha. Por motivos que são desconhecidos, as duas companheiras, disfarçadas em trajo de homem, tanta pancada lhe deram em certa noite com uma calça de areia, que, segundo constava, morreu das contusões. Pôz cobro a semelhantes escandalos o bispo de Lamego, reduzindo o mosteiro em egreja secular sem cura, em 29 de dezembro de 1435; e a 3 de janeiro seguinte fez doação d'elle á congregação dos conegos seculares de Villar de Frades, de que o mesmo prelado havia sido fundador. A Maria Rodrigues mandou-a para um convento benedictino no arcebispado de Braga, onde parece ter ficado; mas a Clara Fernandes, não havendo casa de ordem nenhuma que a quizesse receber por sua dissolução e má vida, assignou-lhe uma pensão certa, impondo-lhe a condição de viver

8

religiosamente. Não foi isto, porém, o que aconteceu. Clara perseverou nos mesmos costumes, sendo agora um guardião do convento de S. Francisco de Lamego o cumplice principal do seu criminoso procedimento, e buscando novas aventuras, partiu para Santarem e aqui tomou marido. Affirmam uns que se retirou depois para Lisboa, onde contrahiu segundas nupcias, sendo vivo o primeiro conjuge que por isso a demandou e venceu, obtendo a posse dos bens patrimoniaes d'ella; outros, porém, não referem o segundo casamento, e dizem que, sendo accusada de ter assassinado o marido, reclamara o foro ecclesiastico allegando a qualidade de abbadessa.»

Vejamos como os seculos não faziam variar a perversão dos costumes.

«Se acreditarmos D. João III, ou os que falavam em seu nome, escreve Alexandre Herculano, a immoralidade pullulava por toda a parte, sobretudo entre o clero, e especialmente entre o regular, que elle tanto favorecia.»

Os conventos de freiras não se achavam em melhor estado, sendo o de Chellas, o de Semide e outros theatro de continuos escandalos. A historia de Lorvão e da sua abbadessa, D. Philippa d'Eça, é um dos quadros mais caracteristicos d'aquella epocha. Lorvão contava então cento e setenta freiras, entre professas, noviças e conversas. A familia d'Eça preponderava alli. D'ella eram tiradas sempre, havia sessenta annos, as abbadessas, e outros tantos havia que a dissolução era completa em Lorvão. Das freiras

então actuaes uma parte nascera no mosteiro. Suas mães não só não se envergonhavam de as crear no claustro e para o claustro, mas ahi mantinham tambem seus filhos do sexo masculino. D. Philippa era uma d'essas bastardas, fiel ás tradições maternas. Andava ausente quando falleceu D. Margarida d'Eça, a ultima abbadessa. Aquellas, que tinham vivido em verdes annos com D. Philippa, e que contavam com a sua indulgencia, chamaram-na e elegeram-na successora de D. Margarida, estando esta moribunda. Queria el-rei substituir a nova prelada por uma freira de Arouca; mas oppoz-se a parcialidade da eleita. Seguiu-se uma longa demanda em Portugal e em Roma, demanda cheia de estranhas peripecias. Entre estas a mais singular foi o serem certa vez encontradas D. Philippa e outra freira em casa de um clerigo de Coimbra, escondidas com a sua amante ordinaria, que a justiça buscava. A penna recusa-se a descrever o estado em que todas tres foram achadas. «Taes eram as devassidões e os escandalos, observa o illustre historiador citado, de que vamos encontrar memoria nos mais insuspeitos documentos.»

Por isso quando, no *Auto da Feira*, diz Roma:

> «Eu venho á feira direita
> Comprar paz, verdade e fé.»

Responde-lhe o Diabo com maliciosa ingenuidade:

> «A verdade pera que?
> Cousa que não aproveita,

E aborrece, pera que he?
Não trazeis bôs fundamentos
Pera o que haveis mister:
E a segundo são os tempos,
Assi hão de ser os tentos,
Pera saberdes viver.
E pois agora á verdade
Chamão Maria peçonha,
E parvoice á vergonha,
E aviso á ruindade;
Peitae a quem vo-la ponha,
A ruindade digo eu:
E aconselho-vos mui bem,
Por que quem bondade tem
Nunca o mundo sera seu,
E mil canceiras lhe vem.»

Temos por certo que, se este personagem comico de Gil Vicente fosse hoje interrogado, não seria nem mais explicito nem menos verdadeiro.

Em todos os autos onde apparece Satanaz, reserva-lhe sempre o poeta o papel mais engraçado, mais satyrico, e mais desprendido e independente na phrase e na idéa.

Ha n'elle, como que um goso artistico, em dar a este personagem o que ha de mais jocoso e subtil em todas as suas composições.

Dir-se-hia que fez pacto com Satan, e que por isso lhe reserva a parte mais mimosa das suas creações litterarias.

O proprio poeta sentia esta impressão, como artista que era em grau tão elevado.

No *Auto da Luzitania*, quando entra o Licen-

ciado, «argumentando da obra», como diz o auctor, depois de, chanceando, annunciar que Gil Vicente foi nascido na Pederneira, neto de um tamborileiro, filho de uma parteira e de um albardeiro, accrescenta:

«D'outro cabo
Dizem que achou o diabo
Em figura de donzella,
E elle namorou-se d'ella:
Porém ella
Era diabo encantado.
Levou-o a huns arvoredos,
Vai a dama assi a furto
E alevanta os cotovellos
E levou-o polos cabellos,
E fez-lhe o pescoço curto.
E metteo-o logo essora,
Sem lhe valerem seus gritos,
Aonde a Sibyla mora,
Encantada, encantadora,
Ante os malinos espritos.»

A musa zombeteira do poeta encarna-se no anjo rebelde, porque é este personagem, que, pela sua inquebrantavel impudencia e no grotesco da sua situação, lhe permitte as liberdades e audacias de que Gil Vicente nunca prescinde.

E na *Romagem de Aggravados,* onde Satan não tem cabida, busca uma allegoria não menos excentrica, personificada em Frei Paço. É a allusão mais directa que se poderia conceber, feita em fórma de

satyra ao espirito clerical, que com mais ou menos hypocrisia se apoderara do animo de D. João III, e de todas as influencias da sua côrte.

Foi esta *Tragicomedia* representada em presença do monarcha. Diz a rubrica que é satyra. É decerto — e em nenhuma outra das suas creações dramaticas o denodo de Gil Vicente tomou tão arrojadas proporções.

Aqui substitue o poeta o anjo mau, consoante a lenda biblica, por um outro personagem allegorico que não é menos interessante. Deixa o diabo, figura tão festejada em todas as representações medievaes, e cria um typo anomalo, hybrido e profundamente grotesco. Forma-o com dois caracteres diversos: o cortezão e o frade. Frei Paço é a satyra viva, onde se consubstanciam e incarnam muitos dos ridiculos humanos.

O estado politico e economico de Portugal n'aquella epocha, é descripto na minuta das instrucções ao bispo de Bergamo com as mais sombrias côres. A realidade dos factos, segundo uma opinião auctorizada, era que o paiz se achava reduzido a taes termos, que se podia dizer quasi exhausto de forças. O rei, além de estar pobrissimo, com uma enorme divida publica dentro e fóra do reino, e de ser obrigado a pagar avultadissimos juros, era detestado pelo povo, e ainda mais pela nobreza, não porque fosse de má indole, mas em razão dos conselhos que lhe davam, e das obras que faziam os que o rodeiavam.

Vejamos agora entrar em scena Frei Paço «*com*

seu habito e capello, e gorra de veludo e luvas, e espada dourada, fazendo meneios de muito doce cortezão.»

Diz elle:

«Quem me vir entrar assi
Com estes geitos qu'eu faço,
Cuidará que endoudeci,
Até que saiba de mi
Que sam o padre Frei Paço.
Deo gratias não me pertence,
Nem *pera sempre* nem nada,
Senão espada dourada;
Por que muito bem parece,
Ao Paço trazer espada.
Eu sam fino da pessoa,
E por se não duvidar
Fiz huã cousa mui boa:
Leixei crecer a coroa,
Sem nunca a mandar rapar.
E por tanto vos não digo
Deo gratias, se attentais nisto,
Nem *louvado Jesu Christo,*
Inda que trago comigo
Hábito que he muito disso.
  E sam tão paço em mi,
Que me posso bem gabar
Que envejar, mexericar
Sam meus salmos de Davi
Que costumo de rezar.
Fallo, mui doce cortez,
Gran somma de comprimentos:
Obras não nas esperês,
Senão que vos contentês
Com palavrinhas de ventos.»

Está aqui debuxado o aulico com a maior naturalidade e exacção. O conjuncto de ardente mysticismo e de ardileza palaciana, a palavra repassada de uncção da fé, seguida da doblez que imprime no cortezão a frequencia dos paços, tudo isto transparece condensado n'este breve trecho. Nas instrucções dadas a Luiz Lippomano, a que ha pouco nos referimos, havia um paragrapho curioso ácerca de el-rei e de seus irmãos. Dizia-se ahi: «quer o facto provenha dos frades, com quem tratam de continuo, e de cujas lettras e consciencias se fiam, quer de alguns malvados com que se aconselham, nunca mostraram boa vontade ás coisas de Roma.»

Aqui temos os Freis Paços de cá e de lá, de Portugal e de Roma, que ás surdas e por veredas tortuosas se pretendiam enganar. Era o *envejar e mexericar* do poeta, exposto com uma concisão admiravel.

Um rustico, João Mortinheira, acompanhado de seu filho, Bastião, vem queixar-se a Frei Paço da miseria a que está reduzida a agricultura, e depois de se lastimar largamente, diz-lhe:

«Por isso quero fazer
Este meu rapaz d'Igreja;
Não com devação sobeja,
Mas por que possa viver
Como mais folgado seja.»

A taes extremos tinha chegado a situação economica da patria, muitos annos antes do meado do seculo XVI, que levava o desalento ao animo das pes-

soas mais sensatas e experientes. Nunca a fazenda publica soffreu uma desorganização tão completa. Nem o rei, nem os subditos podiam já com os encargos, e era facil prever que cada vez poderiam menos com elles. Desde que se encetara o caminho ruinoso dos emprestimos, nunca mais se abandonara, e o Estado quasi que exclusivamente vivia d'esses expedientes. Por isto se vê quanto eram justos os lamentos de João Mortinheira, e factos da actualidade nos estão ensinando, como vivem as nações que, por systema, recorrem quotidianamente ao credito, malbaratando e dissipando, no delirio da ostentação culposa e da opulencia ficticia, os dinheiros publicos. O abuso do credito, em larga escala, tem sido sempre o symptoma mais evidente das violentas transformações politicas e sociaes.

Na sua precaria condição, concebe-se, sem largo exame, que o rustico pretendesse abrir ao filho uma carreira vantajosa, fazendo-o clerigo ou frade.

Um dos males que então mais affligiam o reino era a excessiva multidão de sacerdotes. Havia pequena aldeia, refere um historiador, onde viviam até quarenta, de que resultava andarem sempre em competencias, disputando uns aos outros as missas e solemnidades do culto, com gravissimo escandalo do povo. Augmentara-se desmesuradamente esse escandalo com o numero prodigioso e com a immoralidade d'aquelles, que só pertenciam ao clero por terem tomado ordens menores. Muitos tratavam de receber esse grau só para se isentarem da jurisdicção civil.

Não é uma simples ficção o engraçado exame a que procede Frei Paço, para avaliar o merecimento do rapaz — por isso que o Villão affirma:

> «Pera tudo tem engenho;
> E tem voz pera cantar.»

Pondo de parte o exaggero comico, tão necessario n'este genero de scenas, e especialmente por aquelles tempos, ha, comtudo, no fundo da situação uma certa realidade. A instrucção, nas ultimas camadas sociaes, achava-se completamente descurada, e ia subindo, n'uma gradação proporcional, esta ignavia e indifferença pelas lettras até tocar, tambem, em individuos, que por dever cumpria que fossem estudiosos. Os abusos e miserias que se passavam nos pulpitos eram quotidianos. Prégadores, havia-os em nome, mas eram na realidade raros, e esses poucos tratados com desprezo. O commum d'elles o que buscava eram honras e dinheiro, lisongeando as paixões do auditorio. Bem dizia, pois, um Fidalgo n'esta sarcastica e jovial comedia de Gil Vicente:

> «O paço em frade tornado,
> Nem he paço nem he frade.»

O povo ignorava a religião, porque os oradores sagrados só curavam de vans subtilezas. As superstições mulheris, como affirmava Fr. Francisco da Conceição nas considerações offerecidas aos padres de

Trento, sobretudo nos conventos e nas casas dos fidalgos, eram monstruosas. Parece que o sigilismo se apoderara d'esta sociedade morbida. Buscava-se o pretexto de ser para fins honestos, e abroquelados com este torpe ardil, alcançavam os confessores a permissão dos penitentes e revelavam com o maior desfaçamento os segredos dos penitentes.

O poeta não ignorava nenhuma d'estas torpezas. No *Auto Pastoril Portuguez* diz Catherina:

«E que te dixe despois?»

Responde-lhe Margarida:

«Que deixasse andar os bois,
E que me fosse ao logar:
E fosse ao nosso cura, e digo
Que vi a Virgem Maria,
E que ella lhe promettia
De lhe dar um bom castigo,
Que horas nunca lhe rezou,
Nem della soes se acordou.»

Interrompe Fernando:

«Houveras-lhe de dizer
Que não lhe escapa mulher.»

Observa Inez:

«Ó demo que eu o dou!
Eu vos direi: he elle tal
Que a filha de Janaffonso
Foi-lhe pedir hum responso,
E elle fallava-lhe em al.»

Affonso lembra:

> «Alguns delles vão per hi,
> E na estremadela assi
> Não lhes fica moça boa.»

Accrescenta Joanne:

> «Bom machado na coroa,
> Que ficasse logo alli!»

Margarida de Valois, rainha de Navarra, era filha de Carlos de Orléans, duque d'Angoulême e irmã de Francisco I. Nascida em 21 de dezembro de 1492 foi contemporanea de Gil Vicente. Nunca seu irmão lhe deu outro tratamento que não fosse *sa mignonne*, e foi elle tambem que a appellidou graciosamente: *La Marguerite des Marguerites*. Sabia latim e grego, lendo no original Sophocles e Erasmo. O nome da rainha de Navarra está ligado a essa encantadora e mimosa collecção de narrativas, primitivamente intitulada: *L'Heptaméron, ou l'Histoire des amants fortunés*. D'esses contos disse Claude Gruget que ella fôra além de Boccaccio: «*en beaulx discours*», e Nisard opina que: «*la décence sans pruderie est le trait original et le charme de l'Heptaméron.*» Em uma d'essas espirituosas narrações que tem por epigraphe: «*Propos facétieux d'un cordelier en ses sermons*», refere a illustre escriptora que prégando um franciscano, em presença de numeroso e selecto auditorio, dissera: «*Eh da! messieurs e mes dames de Saint*

Martin, je m'étonne de vous, qui vous scandalisez pour moins que rien, et sans propos, et tenez vos contes sur moi partout, en disant: «C'est un grand cas, mais qui l'eût cru, que le beau père engrosserait la fille de son hôtesse?» — Vraiment, ajouta-t-il, voilà bien de quoi s'ébahir qu'un moine ait engrossé une fille? Mais çà, belles dames: ne devriez-vous pas vous étonner davantage, si la fille eût engrossé le moine?»

Não era só em Portugal que a devassidão monastica chegara a taes extremos.

A má administração da fazenda publica que estancara a actividade e riqueza do paiz, a expulsão dos moiros e judeus que nos despojara de uma parte do nosso commercio, das nossas industrias e de variados ramos de sciencia, como por exemplo a medicina, e a falta de braços para a agricultura, ou impellidos para o extrangeiro pelo fanatismo ou levados pela sede de oiro para o Oriente, todos estes e muitos outros factores da nossa incuria e decadencia explicam sobejamente como se subverteu depois a nossa autonomia.

Envolvido de continuo em questões ecclesiasticas, e sobretudo em questões fradescas, e deixando caminhar o Estado á ultima ruina, o rei de Portugal, como diz um eminente escriptor, entretinha-se em pensar na erecção de novas sés, na translação de mosteiros de ordem para ordem, na reformação, fundação ou suppressão de outros, em introduzir frades na jerarchia ecclesiastica, e em intervir nas luctas de ambição sobre prelazias monasticas. Por isso

fala tão a proposito Frei Narciso na *Romagem de Aggravados:*

> «Ja fizessem-me ora bispo
> Siquer do ilheo de Peniche,
> Pois sam frade para isso:
> Que sem saber ler nem rezar
> Vi eu ja bispos, que pasmo,
> E não sei conjecturar
> Como se póde assentar
> Mitara em cabeça d'asno.
> . . . .
> . . . .
> Por isso peço eu bispado,
> Que possa ter dez rascões,
> E hum escravo occupado,
> Que sempre tenha cuidado
> Dos cavallos e falcões.»

«Os ecclesiasticos, por exemplo, da vasta dioçese de Braga, eram um typo acabado de dissolução. Os parochos abandonavam as suas egrejas, e o povo não recebia a necessaria educação religiosa, faltando castigo para tantos desconcertos. A exactidão de todos estes factos acha-se comprovada na *Collecção de correspondencias e papeis originaes do reinado de D. João III* a que Alexandre Herculano se refere. Os mosteiros offereciam os mesmos documentos de profunda corrupção, distinguindo-se entre elles o de Longovares, da ordem de Santo Agostinho, e os de Ceiça e Tarouca, da ordem de Cister; ou antes, como diz o historiador citado, nenhum d'elles se distinguia; porque em todos elles os abusos eram into-

leraveis. Os abbades que, segundo a regra, occupavam o cargo vitaliciamente, faziam recordar no seu modo de viver os devassos barões da edade média. Manifestavam a sua opulencia em custosas cavalgaduras, possuiam grande numero de aves e cães de caça, tinham sempre um numeroso sequito, e essa faustuosa existencia levava os mais d'elles a viverem com mancebas e filhas, que mantinham á custa do mosteiro.

Com que verdade, portanto, na *Scena Segunda da Comedia de Rubena* diz a Feiticeira aos Espiritos:

«Dous de vós me vão furtar
Alli a par da Trindade
Hum berço que deu hum frade
A Joanna de Aguiar.
E s'este se não achar,
Ide á Branca da Romeira,
E olhae detraz da esteira,
E vereis hi hum estar:
Ou ide vós pelo rasto
Desses ministros e curas,
Que todos tem criaturas,
Louvores a Deos, a basto.»

Diz depois Caroto, um dos Espiritos, ao companheiro que vae buscar o berço:

«Draguinho, tu a San Vicente de fóra.»

Pergunta este Espirito:

«E tu?»

Responde-lhe Caroto:

«Á Sé;
Porque crede que alli he
O feito mais commummente.»

Continua Caroto:

«Hum berço tem huã mogueira
Na rua de Calca-frades
Manceba de dous abbades.»

Quando voltam os Espiritos com o berço e com a Ama, diz Draguinho á Feiticeira:

«Que vos parece, noss'ama?
Este berço fomos furtar
Ao Paço do Lumear,
Que foi dado a huã dama
De frei... quero-me calar.»

Observa-lhe a Feiticeira:

«Dizei-m'o á puridade.»

Replica Draguinho:

«Quereis saber? he hum frade,
Hum frei Vasco de Palmella,
Hum que tinha Madanella
Colchoeira na Trindade.»

Surprehende até onde chegava a ousadia de Gil Vicente, pondo em relevo estes escandalos, que eram, certamente, de notoriedade publica.

A ostentação, o fausto e a depravação de costumes do clero eram geraes, e não conheciam limites em parte alguma. Foram estas infelizmente as causas preponderantes da Reforma.

Tornara-se a côrte, em França, tanto para a nobreza como para o clero, um manancial de prazeres e de fortuna. Premiam nas salas do paço os bispos, arcebispos e cardeaes — tão numerosos eram. Contaram-se até vinte e dois cardeaes, tanto francezes e italianos como allemães e inglezes, em uma procissão a que assistira Francisco I. E accresce, conforme escreve Brantôme, que eram estes cardeaes seguidos por muitos bispos, abbades, proto-notarios e grande numero de fidalgos. Em França, como aqui, o clero pouco mais tinha de ecclesiastico além das vestes. Em Portugal viviam os monges pelo mesmo estylo, na crapula e na bruteza, servindo muitas vezes como creados do abbade, de modo que na opinião de D. João III, não havía na ordem de Cistér senão ignorantes e devassos: «Do que se segue em os ditos mosteiros (de Bernardos) nom aver religiosos homens de bem e de boa religiam, e serem todos ignorantes e homens de pouco saber.»

Em França, no reinado de Francisco I, era *o muito alto, muito poderoso, e muito liberal cardeal de Lorena,* consoante a phrase de Brantôme, que se erigira na côrte em corruptor por excellencia das jovens que eram apresentadas: «Ouvi contar, diz Brantôme, que, quando vinha ao paço alguma joven ou dama nova, sendo formosa, abeirava-se logo d'ella,

e indo dispondo-a, dizia-lhe: *qu'il la voulait dresser.» Quel dresseur!* exclama o malicioso escriptor. «Creio piamente, continua elle, que lhe daria mais trabalho ensinar um potro indomado. Por isso tambem se contava, que não havia nenhumas senhoras ou meninas residindo na côrte ou ahi recentemente chegadas, «*qui ne fussent débauchées ou attrapées par la largesse de M. le cardinal, et peu ou nulles sont-elles sorties de cette cour femmes et filles de bien.*»

Falem-nos agora d'aquelles bons tempos, e apodem de grosseiro e obsceno o nosso zombeteiro Gil Vicente.

Verdade é que o pobre poeta não tinha *nem ceitil,* ao passo que Brantôme lograva grossa prebenda, que era a abbadia, cujo nome elle usava. E tal era a munificencia dos reis, ainda mesmo na dissipação de rendimentos ecclesiasticos, que nas suas *Memorias* narra Benvenuto Cellini, que para o reter em França chegara o monarcha a prometter-lhe tres abbadias. Um pingue canonicato desfructava Rosso, architecto de Francisco I, e não era menos rendosa a abbadia de que fizera mercê ao seu pintor. Era grande a devassidão, como se vê, mas as fórmas, as exterioridades, essas é que mantinham as mais das vezes uma crusta hedionda de candura e de hypocrisia. Lavrava funda a gangrena nos animos; mas a linguagem dos actos publicos ou officiaes entre nós era outra, e nunca, talvez, foi tão mesurada, tão pia, tão conforme á justiça; nunca as formulas exprimiram com tanta nitidez o sentimento da dignidade e

do pudor, da uncção religiosa, do desejo de seguir os caminhos de Deus. Póde a civilização moderna, observa um illustre historiador, não ter feito os homens melhores; mas a hypocrisia, a mais vil das artes humanas, a amaldiçoada do Redemptor, perdeu com ella quasi todo o seu preço, e hoje, em boa parte até para o vulgo, os ademanes edificativos do hypocrita, as suas palavras modestas, os seus piedosos arrebatamentos movem a riso ainda mais do que a indignação.

Podem esquecer-se do seculo em que o poeta viveu, da sua alma medieval, do seu espirito genuinamente portuguez, do meio que o destino lhe tinha creado, e da indole rude e pouco culta dos homens que era forçado a fazer rir; mas a hypocrisia, essa mascara asquerosa da perfidia e da vileza, nunca a afivelou no rosto este nobilissimo caracter, temperado na seiva d'esta esforçada raça, e os seus presentimentos ligeiramente esboçados do porvir, grangearam-lhe foros e fama de vidente.

Foi na Allemanha que a existencia faustuosa do alto clero provocou violentos conflictos.

O genero de vida alli adoptado em um grande numero de côrtes ecclesiasticas e particularmente em Mayence, estabelecia, decerto, um repugnante contraste com os imperiosos deveres de um alto dignitario da Egreja. Mas é força reconhecer, escreve Janssen, que o fausto da côrte de Leão x, os jogos, as representações theatraes, as festas mundanas, que ahi se repetiam sem interrupção, mais improprios

eram ainda e menos decorosos, para o caracter sagrado do chefe supremo da christandade.

No *Auto da Feira* diz o personagem que figura Roma falando com Satan:

> «Por que a trôco do amor
> De Deos te comprei mentira,
> E a trôco do temor
> Que tinha da sua ira,
> Me déste o seu desamor:
> E a trôco da fama minha
> E sanctas prosperidades,
> Me déste mil torpidades:
> E quantas virtudes tinha
> Te troquei polas maldades.»

O espirito mundano e a vida voluptuosa dos principes ecclesiasticos da Allemanha, eram tão sómente a reproducção das idéas e dos costumes dos prelados italianos, e além d'isso, nem taes excessos seriam possiveis ou, quando muito, não poderiam ser largo tempo tolerados, se de tão alto não baixasse o exemplo. Muito tempo antes que na Allemanha a sciencia e a arte fossem invadidas pelo espirito do paganismo, já na Italia se tinham desprendido das antigas tradições christãs. Sabios e artistas, opina o escriptor citado, haviam perdido todo o respeito pelo passado christão. E prova-o de um modo irrecusavel a decisão tomada em 1506, por Julio II, com referencia á vetusta basilica de S. Pedro. Logo que o pontifice ordenou que se demolisse esse sanctuario, venerado de ha muito pela piedade de todos os fieis, e

quiz que um monumento grandioso, imitação magnifica do Pantheon, fosse erigido em seu logar, levantou-se, sem tardança, um clamor de opposição entre o povo romano, e esses brados de reprovação acharam echo em toda a parte, como succedeu na Allemanha, onde o vozear foi ruidoso a deplorar a destruição do sagrado e venerando templo. Manifestava-se de praça o receio de que este intento, longe de ser inspirado pelos Evangelhos, fosse ao revez a expressão de um culto profano pela arte, e presentiu-se, sem demora, que semelhante emprehendimento, em vez de chamar sobre a Egreja e o povo christão a benção de Deus, como disse o conego Carlos de Bodmann, em uma carta escripta a 17 de agosto de 1516, acarretar-lhes-hia, pelo contrario, os mais funestos desastres.

Como vamos entrar em um ligeiro estudo ácerca da Renascença e da Reforma, impende-nos o dever de deixar aqui expostos alguns factos, que dilucidem amplamente este assumpto.

Para começar desde os alicerces a basilica de S. Pedro, publicou Julio II uma indulgencia. Renovou-a Leão X em 1511, afim de poder continuar aquella mole immensa e colossal com as offertas dos fieis.

A isto allude Gil Vicente no *Auto da Feira*, representado em 1527. Ahi diz Roma:

«A trôco das estações
Não fareis algum partido,
E a trôco de perdões,

> Que he thesouro concedido
> Para quaesquer remissões?
> Oh! vendei-me a paz dos ceos,
> Pois tenho o poder na terra.»

Responde-lhe um Seraphim enviado por Deus:

> «Senhora, a quem Deos dá guerra.
> Grande guerra faz a Deos.
> Que he certo que Deos não erra.
> Vêde vós que lhe fazeis.
> Vêde como o estimais,
> Vêde bem se o temeis:
> Attentae com quem lutais.
> Que temo que cahireis.»

Pergunta-lhe Roma:

> «Assi que a paz não se dá
> A trôco de jubileus?»

Continuemos. Encarregou Leão x os frades menores de espalhar as bullas por toda a Europa christã, sendo nomeado o arcebispo de Mayence primeiro commissario do papa para a Allemanha do norte. Pensou logo este prelado em se aproveitar de tão favoravel ensejo, para pagar as enormes dividas que contrahira com a casa Fugger de Augsbourg, por occasião de ser elevado á dignidade archiepiscopal. As despesas do pallio, por aquelles tempos, em relação ao arcebispado de Mayence, não eram menos de vinte mil florins do Rheno, repartidos pelos diversos districtos da diocese. Duas vezes, no curto espaço de dez annos, fôra cobrada esta

enormissima contribuição, que nunca deixara de excitar calorosamente a indignação popular. Deram-se estes factos depois da morte dos arcebispos Berthold de Henneberg em 1504 e Jacques de Liebenstein em 1508. Por isso o cabido da cathedral, assim que vagou de novo a sé archiepiscopal, pela morte de Ulrich de Gemmingen, acolheu pressuroso a proposta d'este prelado, Alberto, que se comprometia, se fosse eleito, a satisfazer, sem auxilio extranho, as despesas do pallio, e da sua installação. Obteve por esta arte todos os votos dos eleitores, e recorreu á casa Fugger para levantar a somma de que carecia. A pedido dos procuradores do prelado, a casa Fugger, logo que a bulla das indulgencias foi publicada, dirigiu-se ao santo padre, para ser reembolsada das sommas que tinha adiantado ao arcebispo. Fez-se um contracto. Consentiu o papa em ceder á casa Fugger a metade do producto que se cobrasse com as indulgencias na area d'aquella diocese, com a condição que a outra metade reverteria para as obras da nova basilica. Esta vergonhosa transacção, cujas condições estavam já approvadas em 1515, só começou a vigorar em 1517—dez annos antes da representação do *Auto da Feira*.

O Seraphim de Gil Vicente parece não ignorar tudo isto:

«Á feira, á feira, igrejas, mosteiros,
Pastores das almas, Papas adormidos:
Comprae aqui pannos, mudae os vestidos;

Buscae as çamarras dos outros primeiros
Os antecessores.
Feirae o carão que trazeis dourado;
Ó presidentes do crucificado,
Lembrae-vos da vida dos sanctos pastores
Do tempo passado.»

Foi nos primeiros mezes d'este anno de 1517 que se começaram a prégar as indulgencias. O violentissimo abalo que se seguiu a estes successos póde-se exprimir com um nome só—Martinho Luthero.

É esta a causa proxima da Reforma.

«Desde o dia em que o christianismo disse ao homem (escreve um grande poeta): Tu és duplo, tu és composto de duas entidades, uma perecedoira, a outra immortal, uma tangivel, a outra etherea, uma acorrentada aos appetites pelas necessidades e pelas paixões, a outra levada nas azas do enthusiasmo e do devaneio, esta, emfim, sempre curvada para a terra, sua mãe, aquella elevando-se sem cessar para o céo, sua patria—desde esse dia o drama foi creado.»

Desde esse dia, dizemos nós, idealizou-se a lucta.

O que até ahi só se alcançava pela força bruta—a materia, começou-se a grangear pelo raciocinio—o espirito. O que até ahi só se lograva pela tensão do musculo, passou a ser conquistado pela intelligencia. O cerebro venceu todos os instinctos, dominou todas as acções reflexas, e creou, pelo exame maturado das suas proprias faculdades e pela liberdade dos seus pensamentos, a verdadeira realeza do ho-

mem: a consciencia dos seus actos. O cerebro é a fonte, a origem da dignidade humana.

Mas o christianismo não ensinou só ao homem o que o illustre poeta indica. Seria pouco—porque se tornava vago, indefinido e indeterminado. O christianismo creou uma religião toda de amor e de caridade. «Amae a vossos irmãos, disse Jesus, bemdizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orae pelos que vos maltratam e vos perseguem.»

Dezenove seculos depois de Christo ter proferido estas palavras, ainda esta é hoje a aspiração das sociedades modernas na sua sede de amor e de justiça.

A lei christan era uma necessidade impreterivel quando Jesus a enunciou, era uma lei historica, chegara o seu momento psychologico na marcha traçada pela evolução.

Temos analysado Gil Vicente nas suas qualidades mais conhecidas, na fórma truanesca e chocarreira com que escarnece e fustiga os vicios, as torpezas e os ridiculos do seu tempo. Mas se esta é a sua feição mais saliente, não é, decerto, por ella que podemos avaliar a superioridade do seu espirito, e observar os vôos do seu alto engenho. Cumpre-nos examinar o modo tocante e a donosa suavidade do sentimento como elle o exprime, a penetração e agudeza dos conceitos com que o reveste, quando entra nas regiões do mais puro lyrismo, a naturalidade com que expõe as scenas da vida real, a simplicidade harmoniosa e verdadeira de alguns dos seus quadros pastoris, e as galas e singularidade d'esta poesia emi-

nentemente portugueza, que se desprende em cadentes e harmoniosas redondilhas, que encantam e deleitam em cada situação.

Faremos este estudo depois. Por agora vamos considerar a Renascença á luz do christianismo.

II

Desde a scena sangrenta do Golgotha até á edificação arrojada da venusta e magestosa basilica de Roma, obedeceu, ininterrupto, o catholicismo ás inalteraveis leis da evolução.

Fixamos adrede este largo periodo, desenrolamos intencionalmente tão vasta tela, onde se debuxa todo o periodo da Renascença, não porque aquella maravilhosa instituição suspendesse ahi a sua marcha, ou extenuada e já inane cravasse n'essas extremas suas balisas.

A evolução não se detem nunca. Carecemos, porém, d'este dilatado cyclo, para de relance deixarmos expostas varias considerações, que são como que a base d'este nosso estudo.

Uma parte do monotheismo semitico, acceitando

as paraphrases de Jesus, e as consequencias que dimanaram da propaganda evangelica, logrou desprender-se das angustas e estreitas formulas do exclusivismo talmudico, para se desenvolver e desdobrar em ducteis e flexiveis moldes, que são apanagio genial e ineluctavel da raça aryana.

Sacudira o convertido de Damasco com o pó das suas sandalias, as intransigencias inopportunas e avitas intolerancias do povo, que se ufanava com as revelações do Sinaï e com a dilecção indiscutivel de Iahvê. E n'este lance, o espirito essencialmente revolucionario de Saulo, deu uma velocidade improvisa e surprehendente á desenvolução, até então hesitante, da nova crença.

As violentas transformações e metamorphoses successivas, a que os judeus hellenicos de Alexandria submetteram a lei christan, as doutrinas de Platão e das outras escholas gregas, os dogmas e ritos dos povos cultos do Oriente, e emfim o embate e collisão das idéas, nas disputas por vezes ferozes e cruentas dos crentes, e nas acaloradas discussões dos concilios, fizeram perder ao deus de Israël, n'estes differentes estadios, grande parte do seu assombroso prestigio, e o mysterio sombrio e terrifico da sua solidão.

A raça aryana apoderara-se da crença israëlita, assimilara a doutrina do Nazareno, e, fundindo as intensivas expansões de S. Paulo na insita opulencia da sua imaginação seductora, pelo benigno processo das mais brandas e suaves condescendencias, modelara a Egreja catholica.

Não fôra, por certo, a esthetica extranha a estas fulgurações da fé. Força era que o donoso espirito hellenico acendrasse todas as asperezas semiticas. Estava-lhe na indole essa depuração pertinente.

Substituira o Adonai severo, impiedoso e intratavel dos desertos da Asia a imagem esplendorosa de um mancebo, cujos contornos elegantes e formosissimos se desnudam no horrente supplicio dos escravos, onde o levara o intento irresistivel de redimir a humanidade.

Emquanto que o deus de Israël pune, lastima e constrange a longas e cruentas expiações, encerra Jesus toda a sua doutrina em uma palavra só, onde o maximo sentimento se expande na fórma mais elevada da crença: o amor.

Victima sem macula, circumdando-lhe a fronte um nimbo de luz, em que fulge toda a poesia da alma a iriar-se com os esmaltes da mais acrisolada ternura, Christo é a superna bondade unida á formosura suprema.

Foi esta a fórma evolutiva da crença. E tão efficaz, tão proficua, e tão prenhe de successos nas suas rigorosas consequencias, podendo-se dizer com desassombro, que pelo vestibulo do catholicismo, entraram as nações europeas na civilização moderna.

Desde o cunablo de Bethelem, o obscuro presepe onde a Egreja encontrou a união hypostatica, a fusão do verbo com a natureza humana, até ao seculo dos Médicis, até á deslumbrosa aurora das artes e das lettras, desde a Roma dos cesares até Raphael e Mi-

guel Angelo, desde o Apocalypse até Dante, Machiavel e Petrarcha, que passos gigantes não deu o christianismo! Caminhou por impidosas veredas bordadas de precipicios, trilhando sendas sinuosas em que o affrontavam, ora o obdurado judaismo, ora os costumes inveterados da mythologia pagan, na alternativa fatal ou de ser absorvido pelos obstinados talmudistas, ou de resvalar, irreflectido, ao pantheismo rebuçado do Oriente.

Foram infindas e ardentes as luctas atravez dos seculos, para que o symbolo de Nicéa podesse fulgir intemerato por sobre a sanha e o rancor das seitas e das heresias, e herculeos deveram de ser os esforços que levaram a doutrina christan a triumphar do racionalismo pagão. E todavia não se immobilisara o catholicismo. Imperturbado ia no seu percurso descrevendo um harmonioso giro. Lenta e pausadamente sim, como cumpria a tão venusta e maravilhosa instituição. A cada hora depurava a essencia das suas crenças, expungia quedo e quedo as tradições enervantes e importunas reminiscencias do exclusivismo de raça, e, formulando novos preceitos e interpretações mais latas, nas suas grandiosas consequencias e meditadas applicações, não se detinha, certamente, no immobilismo extenuante e funesto das religiões orientaes. Não o tentavam os conceitos eivados de fatalismo, que transparecem nos livros sagrados dos brahmanes ou na expansão reformadora de Buddha, e que se mantem como preceito irrefutavel entre os fanaticos sectarios do Islam.

Era uma instituição assente em poderosos alicerces, levantada com os ininterruptos desvelos e predilecção indefessa de espiritos eminentes, e com esse inenarravel esplendor penetrou no seculo XVI.

Fascinavam as lettras e as artes da antiguidade os homens da Renascença.

Erguera-se a Italia após um longo lethargo, mais apparente do que real, e ia embevecida admirar, em profundo extasis, esses fragmentos dispersos das civilizações que passaram. Não era a oração fervorosa junto ao tumulo dos apostolos, que encaminhava as turbas ao Vaticano, nem a magestade da mystagogia pontifical que as attrahia, pressurosas, á mansão dos papas — não: iam maravilhar-se, é certo, mas reservavam esse ardente culto para os admiraveis lavores da arte antiga, para os modelos inimitaveis da grandeza hellenica.

Encontramos em Leão X a personificação extreme do seu seculo. Não faltou quem pretendesse negar-lhe a honra de cifrar com o seu nome, uma epocha em que se accumulavam prodigios de desenvolvimento mental. De feito, não foi, nem podia ser obra sua tão profunda e assombrosa transformação.

Traziam-na os seculos anteriores já apparelhada, e em periodos consecutivos iam desdobrando esse primoroso panorama, que o seculo XVI viu em toda a sua luz.

Força é confessar, porém, e amparamo-nos ao erudito Ranke, que dilecto da fortuna como era este magnificente pontifice, creara-se no meio de todos os

elementos que compunham a vida intellectual do seu tempo. e não lhe escasseavam liberdade e meritos proprios para fecundar e accelerar o desenvolvimento d'este notavel periodo de civilização. e tambem gosa-la.

Outros foram os seus erros, e outras as causas por que a historia o póde condemnar.

Fôra em Florença que se concentrara principalmente a sciencia hellenica. Já lá se encontrava no seculo XV e pelo começo do seculo posterior. Nunca se generalizou como succedeu á litteratura latina. Teve talvez de arcar com obstaculos graves e quasi insuperaveis, ou, e seria esta a verdadeira causa, porque uma presupposta convicção da superioridade romana, e não menos o odio instinctivo contra os hellenos, repellia mais do que approximava os italianos do estudo da lingua grega. Posto que Petrarcha e Boccaccio apenas de leve se entregassem a estudos hellenicos, nem por isso foi menos poderoso o impulso que deram a tão proficua e valiosa tarefa. Com a morte de Leão X iniciou-se a sua decadencia. Iam já os espiritos levados por uma outra corrente de idéas, saturados de sobra, ao que parece, no que lhes era mister dos elementos essenciaes da litteratura classica. Cumpre, porém, não esquecer que a morte fôra tambem ceifando gradualmente os eruditos hellenos, que a quéda de Constantinopla tão opportunamente expatriara.

Não ha duvida, porém, que em 1500 o estudo do grego tinha uma certa voga na Italia. Por esses

tempos cultivavam-no varias pessoas, e ainda algumas o falavam meio seculo depois, taes como os papas Paulo III e Paulo IV, embora se deva suppôr que semelhantes resultados promanavam de relações constantes com os proprios hellenos.

Fóra mesmo de Florença, como em Roma e Padua, viviam professores d'este idioma. Verona, Ferrara, Veneza, Perusa, Pavia e outras cidades tiveram-nos por varias vezes, e facilitava singularmente os estudos hellenicos a typographia de Manucio, na cidade dos doges, em cujos prelos foram pela primeira vez impressos na lingua grega os mais importantes e afamados auctores.

A par dos estudos classicos, não era menor o desenvolvimento que iam tendo as investigações sobre assumptos orientaes. Já Dante fixara a sua attenção na lingua hebraica, posto que lhe não fôra mui facil comprehende-la, mas a contar do seculo XV não se contentaram os eruditos em adquirir vagas noções d'esse antigo idioma: estudaram-no profundamente. Entre os mais notaveis hebraizantes d'aquelle periodo litterario, relembra logo Pico de la Mirandola, que se não limitou a ler a biblia e a conhecer a grammatica hebraica — fez mais: entregou-se assiduamente ao estudo da cabala e não desdenhou occupar-se dos escriptos talmudicos. Foram israëlitas os seus mestres, como o iam sendo de todos os christãos, e entre elles, especialmente no numero dos que receberam o baptismo, houve professores assaz considerados e eminentes escriptores.

Não passou o arabe despercebido aos estudiosos. Forçava a medicina ao conhecimento d'esta lingua, por isso que as antigas traducções latinas dos grandes medicos musulmanos não satisfaziam a curiosidade dos leitores. É para crer que este estudo se generalizasse nas feitorias ou consulados que Veneza mantinha no Oriente, onde residiam sempre medicos italianos, e que de lá irradiasse a sua cultura. Devemos, porém, accrescentar que os conhecimentos arabigos da Renascença, foram apenas uma pallida imagem da poderosa influencia que a sciencia dos sarracenos tivera na edade-média, entre as sociedades que iam na conquista da civilização. Influencia esta que não só precedeu a da Renascença, na ordem chronologica dos successos, mas que lhe foi até certo ponto adversa, e só depois de prolongada lucta lhe cedeu o terreno, onde por tão largo tempo exclusivamente reinara. Não deixaremos de mencionar que a primeira imprensa arabe foi fundada em Fano, pelo papa Julio II, e solemnemente benzida em 1514 no pontificado de Leão X. Publicou-se sómente em 1547 a primeira versão italiana do Koran.

Para avaliar com precisão e justeza a influencia de Leão X sobre o humanismo, que surgia então com todo o encanto e seducções da novidade, carecemos de uma larga synthese que abranja um vasto espaço, sem nos deixarmos arrastar pelas ironias apparentes que este pontifice usou por vezes com as lettras e os litteratos.

Podemos sobejamente aprecia-lo no impulso, em

varios lances fecundo, com que engrandeceu os trabalhos litterarios do seu tempo. O echo que na Europa produziram as obras dos humanistas italianos, as imitações que provocaram, e o movimento intellectual que se lhes seguiu, tudo isto teve como causa primaria a poderosa iniciativa de Leão X.

No privilegio concedido para a impressão de Tacito, com que pouco antes se deparara, podia dizer este illustre pontifice, como de feito em esse documento se lê, que os grandes auctores são os mestres da vida, e consolo na adversidade; que a protecção dispensada aos sabios e a acquisição de bons livros, lhes pareceram sempre uma das mais nobres e proveitosas missões que aos poderes publicos era dado exercer, e que rendia graças ao céo por lhe ter permittido ser util á humanidade, favorecendo a publicação de tão venusto e peregrino livro. É indubitavel que se não fôra a intensa paixão de varios colleccionadores d'aquelles tempos, apostados por meio dos mais arduos sacrificios a lograr o seu empenho, não possuiramos hoje, decerto, senão uma pequena parte dos auctores gregos que chegaram á nossa edade.

Ainda quando simples monge devia já o papa, Nicolau V, sobradas quantias, despendidas em adquirir e fazer copiar manuscriptos por então raros e pouco conhecidos. Confessava abertamente que o dominavam duas grandes paixões, os dois maiores incentivos d'aquella phase historica: os livros e os monumentos. Narra-o d'esta maneira um escriptor emi-

nente: «*Tommaso da Serezana usava dire, che dua cosa farebbe, segli potesse mai spendere, ch'era in libri e murare. E l'una e l'altra face nel suo pontificato.*» Quando papa nunca ganhou enfados n'esta indefessa tarefa da juventude. Pagava generosamente a copistas que lhe trasladavam as obras da antiguidade, e não menos liberalizava profusas sommas aos emissarios que por toda a parte lhe buscavam manuscriptos valiosos. Perotto recebeu quinhentos ducados pela traducção latina de Polybio; Guarino mil florins em oiro pela de Strabão, e de mais quinhentos era credor quando o pontifice se finou. Por occasião da sua morte, continha cinco mil volumes no parecer de uns, e segundo outros nove mil a bibliotheca destinada para os membros da curia, e que foi o nucleo com que se fundou a do Vaticano. Devia ser installada no proprio palacio, para se tornar o seu melhor ornamento, como outr'ora Ptolomeu Philadelphio reservara o logar de honra, nos paços de Alexandria, ás suas raras e preciosas collecções. Forçado pela peste a retirar-se, em 1450, para Fabriano, onde por esse tempo se fabricava já o melhor papel então usado, levou, no seu sequito, todos os traductores e compiladores que empregava em serviço proprio, no intento de os arrancar ás garras do implacavel flagello.

A avidez de saber e o amor pelos livros não era qualidade peculiar d'este ou d'aquelle individuo. Era a febre do seculo. Partilhavam d'esta paixão todos os espiritos lucidos e investigadores. O florentino, Niccolò Niccoli fazia parte de um grupo selecto de

amigos e de sabios, que Cosme de Médicis tinha em privança. Empregou em livros quantos cabedaes possuia, e depois de exgottados estes, encontrou na munificencia dos Médicis meios sobejos, para perseverar em tão intensivo e inabalavel proposito. Foi devido aos seus aturados esforços, que se completaram as obras de Ammiano Marcellino, o livro de Cicero *De Oratore*, o manuscripto de Lucrecio, e muitos outros de não menor valia. Um grego celebre, o cardeal Bessarion, reuniu, por patriotismo, seiscentas obras escriptas ácerca de assumptos tanto gentilicos como christãos, e fê-lo á custa de sacrificios enormes, como se pode suppôr por aquelles tempos, com o dispendio da avultada somma de trinta mil florins em oiro. Buscou em seguida logar seguro, onde podesse conservar incolume tão invejado thesoiro, para que a propria patria, se um dia recobrasse a liberdade, podesse encontrar a sua litteratura perdida. Prestou-se a Senhoria de Veneza a construir um edificio nas condições exigidas, e ainda hoje a bibliotheca de S. Marcos possue uma parte d'esse precioso legado.

Estes deslumbramentos da Renascença, esta familiaridade, creada subitamente com a licção das civilizações antigas, originaram uma transformação prodigiosa.

Os papas que, nas epochas medievaes, viveram occupados especialmente do poder espiritual, lançavam-se agora, cobiçosos, no terreno das temporalidades, e pareciam querer dirigir, sendo aliás impellidos, o movimento acceleradamente progressivo em

que ia a Italia. Maravilha, portanto, a serenidade de animo com que alguns pontifices encaravam as presagiosas consequencias da cultura intellectual d'aquelle singular periodo historico. Não se inquietava Nicolao v com o futuro da Egreja, porque milhares de illustrações lhe prestavam grande apoio. Estava longe Pio ii de se votar a tão pesados sacrificios pela sciencia. Não se lhe abeirava do solio grande numero de poetas, comtudo maior influencia lhe coube como chefe da republica das lettras do que prestigio grangeara o seu penultimo predecessor, sem que facto algum viesse interromper nunca este ledo remanso. Foi, sem duvida, Paulo ii o primeiro papa, a quem os especiaes estudos dos seus secretarios, inspiraram serios receios. Este, porém, não se recommendou á posteridade nem pela instrucção, nem pelos costumes. Affirma-o um seu contemporaneo: «*Litteratura nec moribus probatus.*» Seus tres successores, Xisto, Innocencio e Alexandre acceitaram á boamente as mais lisongeiras dedicatorias, e permittiram o pregão dos seus louvores com taes quilates, como sómente a mais nojosa adulação usa imaginar.

O fausto e a pompa, nos actos publicos, corriam parelhas com as reminiscencias das civilizações orientaes do passado. O cardeal Pedro Riario, sobrinho de Xisto iv, vivia na opulencia que lhe prodigalizava seu tio, cobrindo-o de honras, de titulos e de mercês. Foi feito cardeal de S. Xisto, patriarcha de Constantinopla, arcebispo de Florença e de Sevilha, sem que terminassem aqui os pingues beneficios e as rendas

avultadas. Encarregara-o tambem do governo politico do Estado da Egreja. Mas Riario, elevado de improviso á situação de um Creso, abandonara-se inteiramente ao luxo e ás vaidades mundanas, despendendo com uma largueza de animo, que só era egualada pelas grossas rendas dos opulentos cargos que exercia, e pelas riquezas que accumulava Paulo II no thesoiro pontificio. Nos seus apparatosos banquetes, observam escriptores coetaneos, esplendia toda a magnificencia dos etruscos—na sua grandeza iam além da sumptuosidade dos festins do paganismo. Pela chegada a Roma da princeza Leonor de Aragão, noiva do duque de Ferrara, improvisou-se na praça dos Santos Apostolos um donoso palacio, atapetado, em toda a vastidão, de oiro, de seda e de lan, artisticamente tecidos, em que recordações gentilicas de envolta com symbolos christãos encantavam e surprehendiam, pelo extranho e inesperado contraste. Todo o serviço era feito por famulos trajando sedas, e que em preciosos gomis davam agua rosada ás mãos dos numerosos convivas. Por sobre as mesas do banquete appareciam as mais raras iguarias, e com graciosa profusão manjares que representavam scenas mythologicas, como o rapto de Andromeda por Perseo, os trabalhos de Hercules, e outros mais lances da fabula hellenica. Para pôr remate a este labyrintho de crenças e de cultos, terminou o saráo com um auto, em que comediantes florentinos representaram a historia da casta Susanna.

Da existencia descuidosa e semi-barbara dos pe-

riodos medievos, passara a Italia a estes requintes de elegancia e de esplendor.

Tudo para esta metamorphose contribuira, e muito especialmente o idioma patrio. A sociabilidade no sentido mais elevado da palavra, opina um illustre escriptor, essa sociabilidade que se manifesta n'esta admiravel phase historica, com a perfeição de uma obra d'arte, sendo como a expressão mais completa da vida de um povo, teve por base a lingua.

A morphologia da linguagem é evidentemente o instrumento mais preciso, para se poder avaliar o desenvolvimento mental de uma raça ou de uma nação. Facil seria, no tocante á Italia, formar o quadro dos progressos successivos d'esse idioma na litteratura e na vida ordinaria ou habitual. Bastava que um philologo examinasse com lucidez, quanto tempo, durante os seculos XIV e XV se conservaram genuinos os differentes dialectos, ou quando se começaram a misturar e confundir na correspondencia e trato diario, nas publicações administrativas, nos actos civis, e finalmente nas chronicas e em todos os ramos litterarios. Conviria, tambem, verificar como se mantinham os diversos dialectos italianos em presença do latim mais ou menos puro, que servia por esses tempos de lingua official.

É innegavel, porém, que foi Dante, com o seu maravilhoso poema, um dos que mais contribuiu para a formação da moderna lingua italiana, e foi ao dialecto toscano que coube a honra de se tornar a base principal d'esse formoso idioma.

Dá-nos Castiglione, no seu livro *Il Cortigiano*, uma idea cabal das donosas graças e primores de fórma, que se exigiam então, para que se podesse julgar qualquer homem culto e educado. O cortezão tal como o considera o alludido escriptor, é um ente ideal. É certo que não devemos reputar a sociedade, em aquelle periodo historico, composta de seres privilegiados, acceitando como factos existentes e reaes, as aspirações e ensinamento d'este e d'outros escriptores, coevos da Renascença, e as suas theorias tão pouco as temos por artigos de fé. Não soffre duvida, porém, que taes assumptos eram o pasto de constantes praticas na vida elegante, e põe em toda a luz o processo de idealização a que iam entregues as sociedades. Esta quinta essencia de affectação, estes artificios ridiculos de um idealismo vaporoso são exaggeros obrigados nas improvisas transformações. Exige-se do cortezão, observa Castiglione, que sobresaia, que realce em todos os exercicios cavalheirosos, e não menos se lhe reclamam muitos outros dotes, que só se podem requerer em uma côrte polida e regular onde o grande motor é a emulação, em uma côrte, emfim, como não havia nenhuma fóra da Italia. Qualidades taes, exigidas em tão subido grau, só tinham rasão de ser e só se explicam como tendo por base uma idéa abstracta: a perfeição individual. Fóra do alcance d'este raciocinio seriam mero devaneio, uma phantasia banal. Cumpria que o homem de côrte tivesse largo uso dos jogos reputados nobres. Pretendia-se que fosse habil a saltar, a correr, a na-

dar, perito na lucta, e que na dança alcançasse irreprehensivel perfeição. Tinha de saber, além d'isto, varias linguas, devendo conhecer, pelo menos, o italiano e o latim, ser versado em litteratura, e bom critico em materia de artes plasticas. Não devia, tambem, ignorar a arte da musica, e embora se lhe não exigisse o ser profundo em tão vastos ramos de educação, afóra no exercicio das armas em que lhe era instante ser eximio, todavia, com esta universalidade superficial, consoante a opinião de um eminente escriptor, constituia-se um homem reputado perfeito — quer dizer, o que possuia todas as qualidades necessarias que a vida elegante por esses tempos impunha, sem que d'ahi dimanasse superioridade tamanha que fosse humilhar extranhos ou indifferentes.

Não ha duvida que os italianos, no seculo XVI, associando o exemplo aos preceitos, foram os mestres do Occidente em tudo quanto pode elevar o homem culto á sua maxima perfeição. Pelo que toca á equitação, á esgrima e á dansa publicaram livros, ornados com gravuras, onde reduziram a regras praticas todas estas applaudidas artes. Foi então que a gymnastica e todos os exercicios physicos entraram no programma das escholas, combinando-se em harmonia com a instrucção scientifica. Iniciou, talvez, estes estudos gymnasticos na côrte de João Francisco de Gonzaga, Vittorino da Feltra, cujo verdadeiro nome era Vittore dai Rambaldoni. Tomou a peito organizar em Mantua um centro de educação para os filhos das familias nobres, e levou por diante o seu proposito.

Para poder alcançar uma perfeita noção do movimento das sciencias em aquelle tempo, força é esquecer o mais possivel a organização dos nossos actuaes estudos. As relações familiares, as discussões litterarias, o uso constante da lingua latina, e até da grega, entre um certo numero de individuos, as frequentes mudanças de mestres emfim, e a pouquidade de livros, davam aos estudos de então uma fórma que nos é difficil hoje conceber. Havia escholas de latim em todas as cidades de alguma importancia, não com o fim de habilitar os estudiosos para os cursos superiores, por isso que esta lingua ensinava-se geralmente depois da leitura, da escripta e do calculo. E logo em seguida a esta disciplina aprendia-se a logica.

Impende-nos aqui o dever, pela nossa ordem de raciocinios, de chamar a attenção do leitor para um facto que reputamos essencial, e é este: que as escholas não dependiam da Egreja, mas só e exclusivamente da administração municipal. Algumas havia, e não poucas, que eram tão sómente de iniciativa particular. E sob os auspicios de humanistas illustres, ganharam os estudos um extraordinario desenvolvimento, formando em breve trecho a base de uma séria educação superior.

O seculo actual, como observa um lucido escriptor, tem por costume pregoar a grandes vozes a importancia da cultura dos espiritos em geral, e em particular do estudo da antiguidade. Nunca, porém, se encontrou em parte alguma, como entre os floren-

tinos do seculo XV e do começo do decimo sexto, um enthusiasmo tão ardente pelas lettras, uma tão viva paixão pela sciencia, e um desejo tão vivaz de instrucção a dominar todos os outros sentimentos. Não se limitava a Florença este phenomeno—abrangia a Italia inteira. Muitas cidades ou grande numero de individuos e de associações envidavam esforços para secundar os humanistas, e proteger os sabios que viviam a seu lado.

Todas as classes sociaes se resentiam d'esta deslumbrante transformação—tão intensa e tão prenhe de prodigios foi ella!

Começara no ultimo quartel do seculo XV pelo desenvolvimento da pintura e da esculptura, e estendera-se vantajosamente pelos primeiros quarenta annos do seculo decimo sexto. Foi n'este espaço que floresceram artistas de um engenho que toca as raias do sublime, taes como Leonardo de Vinci, Raphael, Miguel Angelo, Andrea del Sarto, Fra Bartholomeo, Giorgino, Ticiano, Sebastião del Piombo, Corregio e outros. Em redor ou logo depois d'estes genios da arte, depara-se com um sem numero de talentos sobremaneira notaveis e eminentes, e em torno d'estes grupos de artistas tão variados e tão fecundos, avulta a multidão de compradores, de enthusiastas, de protectores—um publico immenso, que se extasia e que applaude, onde entram todos os elementos sociaes, nobres, lettrados, burguezes, operarios, frades mendicantes e até os mais infimos proletarios.

Parece que o ideal esthetico, o sentimento do

bello é innato e genial n'essa venusta e fecunda Italia. Assim se explica como o gosto artistico, em toda a sua elevação e pureza, foi, n'essa famosa epocha, natural, espontaneo e indiscutivel, e como todas as cidades conspiraram alli tacitamente, por meio das mais calorosas sympathias e pela sua justa comprehensão da arte, para excitar os arrobos e afervorar o engenho dos mestres, levando-os ainda além das proprias inspirações.

A arte da Renascença não póde ser considerada como um acaso feliz. Como muito bem diz Taine, não foi um lanço de dados, que atirou para a scena do mundo um grupo de cerebros mais opulentos em prendas intellectuaes, sem successão mental obtida das gerações passadas.

É evidente que esta primorosa florescencia promanou da disposição geral dos espiritos, e da surprehendente aptidão disseminada por todas as camadas sociaes, consequencias necessarias do pertinaz e aturado labor que os seculos haviam apparelhado.

Por esta arte abandonou o homem os costumes feudaes, e ao entrar n'esta differente phase social que constitue o espirito moderno, encontrou a evolução, no bello solo da Italia, todas as condições adequadas, para se operar sem riscosas reacções tão esplendente metamorphose.

Já a Italia no seculo XIV possuira dois grandes poetas, Dante e Petrarcha, assim como um eminente prosador, Boccaccio. Ainda hoje Dante é tido pelo poeta mais illustre e mais pujante da Italia. É repu-

tado Boccaccio como o creador da prosa mais pura e mais perfeita do seu idioma, e vemos como Petrarcha manifestava a mesma paixão e o mesmo enthusiasmo pela antiguidade, que encontramos depois nos homens da Renascença. D'aqui nasce a impossibilidade de classificar estes tres vultos proeminentes nos periodos medievaes, e são elles um poderoso argumento para mostrar, como os seculos vinham preparando a luminosa transformação do seculo XVI.

As condições psychicas e mesologicas d'aquelle povo eram as mais proprias para se effectuar a transição.

É extrema a finura do seu espirito e de uma rapidez singular a perceptibilidade d'aquelles cerebros. De relance, afigura-se ingenita alli a civilização—tal é a facilidade com que acceitam e se apoderam de qualquer fórma evolutiva, sem o menor esforço, e sem carecerem até de auxilio extranho. Nas proprias classes rudes e incultas irrompem os actos intellectuaes por maneira tão lucida e improvisa, que deixam absortos e maravilhados os espiritos mais selectos. São como a antithese de semelhantes elementos sociaes do norte da França, da Allemanha, e de toda a Inglaterra. Na Italia, observa Taine, um creado de hospedaria, um aldeão, qualquer *facchino* que se vos depare na rua, sabe conversar, perceber, raciocinar, dá o seu parecer, avalia os homens, discreteia ácerca de politica, brotam-lhe as idéas com a facilidade com que se lhe desprende tambem fluente dos labios a palavra, ora instinctivamente, ora e isto é as mais

das vezes com brilhante colorido, sempre sem perplexidade e quasi sempre com uma não vulgar correcção. Teem principalmente todos. accrescenta Taine, o sentimento natural e apaixonado do bello. Só n'aquelle paiz se ouve exclamar a gente do povo em presença de uma egreja ou de um quadro: «*O Dio, com'è bello!*» E tem a lingua italiana para exprimir estes enlevos, estes arrobamentos do coração e dos sentidos, um accento, uma sonoridade, uma emphase admiraveis.

Para ter uma noção exacta da sociedade, em todo o periodo da Renascença, é essencial saber que a mulher gosava de uma consideração, em nada inferior aos respeitos que o homem exigia. Era egual em ambos os sexos a educação das classes superiores. Não hesitavam os italianos da Renascença em dedicar seus filhos e filhas aos mesmos estudos litterarios e philologicos até. Eram as mulheres levadas a partilhar com os homens das suas leituras, com o intuito de entrarem nas conversações, que eram um dos maiores attractivos d'esses tempos, e nas quaes a antiguidade se impunha como assumpto obrigado e de todos o mais importante. Senhoras houve de familias principescas que fallaram latim com rara perfeição. Não lhes era extranha a poesia, rimavam canções, compunham sonetos e improvisavam facilmente com extrema elegancia. Adquiriram sobrada fama n'estes amenos e donosos estudos muitas damas, taes como a veneziana Cassandra Fidele pelos fins do seculo XV, e não menos se immortalizou por egual maneira Vittoria Colonna, tão estimada por Miguel Angelo, e

pelo conde de Castiglione. Tanto o genero lyrico como os poemas mysticos, compostos por damas italianas, teem uma fórma tão energica, um estylo tão accentuado e tão preciso, arredam-se por tal arte d'essas idealizações vagas e vaporosas, que costumam de ordinario ser como o involucro da poesia feminina, que poderiamos presumir serem elaborados por homens, se os nomes dos auctores, informações positivas e formaes indicações não lhes estivessem revelando a epocha e a origem.

Um facto essencialmente importante descortina a causa d'esta tendencia — é que a cultura individualista da mulher, nas classes superiores, opéra sem differença alguma como na educação do homem, ao passo que longe da Italia continua a ser insignificante a personalidade feminal. As excepções que se deram com Isabel de Baviera, Margarida d'Anjou, Isabel de Castella e outras, occasionaram-nas circumstancias extraordinarias, e taes foram estas, que só assim se explana o que sem ellas seriamos tentados a considerar como prodigio.

Quando no XV seculo resurgiram as lettras, e os monumentos litterarios da Grecia e de Roma, pensa um escriptor reinicola, começaram a ser estudados, a formosura quasi constante da sua execução e mesmo o grandioso que ás vezes apparecia na sua traça, arrebatavam o espirito dos povos da Europa, ainda atrazados na senda das lettras. As fórmas classicas se prenderam logo á poesia, e dentro em pouco ás artes plasticas. Perderam-se breve, diz o mesmo es-

criptor, todas as feições nacionaes em litteratura. As paixões reveladas pelos nossos poetas ou indicadas pelos monumentos foram em geral ignobeis, ou positivas e comprehensiveis. Aquella fonte insondavel de sentimento profundo que o genio cavalleiroso dos povos do norte, e a esplendida imaginação dos arabes, e mais que tudo o christianismo rico de ideal, de esperanças e de receios, tinham aberto nos corações, já por si ferventes dos povos do sul, estancou-se progressivamente na republica dos poetas e dos artistas, se fizermos uma excepção na estatuaria e na pintura, unicas artes que ganharam porventura no estudo dos antigos. Esse amor commum na edade-média, que nem vergavam desventuras, nem desprezos apagavam, nem a morte mesmo partia, que não carecia de gosos para se alimentar, tornou-se um amor sensual e abjecto. A generosidade circumscreveu-se, e se o valor não acabou para as canções, foi porque o desejo de dominio e da superioridade é indestructivel no homem, e o valor é uma das expressões d'este desejo; se não se acabou tambem, foi porque nos modelos antigos a coragem, ainda que muito mais mesquinha do que nos costumes modernos, era comtudo assaz grande e poetica. Assim, accrescenta o illustre pensador, a imaginação que cria se afastou da imaginação que gera os actos, isto é, a arte deixou de ser o echo da actualidade da vida, e tornou-se fructuosa só para os eruditos, que methodicamente julgavam por um tropel de regras gelidas e de convenção essas concepções que haviam deixado

de ser um nobre arrojo da alma, um som sublime da consciencia da immortalidade. A belleza da poesia consistiu então em vencer difficuldades.

Cumpre-nos dizer o que sentimos: a consequencia irreparavel que se seguiu ás nossas imitações da antiguidade, a todas estas luctas, da eschola hespanhola, da influencia italiana e do classicismo, foi não possuirmos originalidade nos seculos XV e XVI além dos trabalhos de Gil Vicente e da insignificante eschola que pouco depois se extinguiu. Todos os outros, mais ou menos, se inspiravam nas escholas extranhas, desprezando os nativos mananciaes da inspiração nacional. Estudava-se, é certo — era, porém, a base de todo o estudo o que se denominava humanidades, e o maximo resultado que se obteve foi um grande numero de theologos e humanistas em Portugal.

Foi grande o numero de homens eminentes, que sahiram a estudar nas mais afamadas universidades da Europa, e que deveram depois ao seu talento e illustração occuparem as cadeiras de diversas faculdades. É vasta e esplendorosa a lista dos portuguezes que assim honraram a patria. Nas universidades de Paris, de Salamanca, de Bordeaux, de Tolosa, de Montpellier, de Grenoble, de Poitou, de Alcalá, de Valladolid, de Gandia, de Roma, de Bolonha, de Palermo, de Napoles, de Padua, de Lovaina, de Ferrara, n'uma palavra, nos institutos mais proclamados de Italia, de França e de Hespanha, o ensino scientifico e litterario viu-se representado por

sabios nossos, cujos nomes vem relacionados no excellente trabalho de Freire de Carvalho.

O impulso da Renascença, tão activo e diffundido entre nós, como diz um escriptor moderno, pelos estudos mathematicos implantados pelo infante D. Henrique, pela acção fecunda das longas viagens e descobrimentos maritimos que nos attrahiram relações commerciaes das potencias mais adeantadas em industria, influxo dos governos de D. João II e D. Manuel, todo este conjuncto de circumstancias constituiram a base do nosso desenvolvimento, e predispozeram a patria para uma determinada applicação ás lettras, ás sciencias e artes, principalmente á architectura, como o está ensinando o typo verdadeiramente nacional que a caracterizou com a designação de «estylo manuelino».

Fôra a Renascença que promovera esta exuberancia de erudição. Procurando renovar os grandes modelos da antiguidade, nas lettras e nas artes, todos pretendiam ser classicos. Tornou-se como uma necessidade dos espiritos a reproducção d'esses prodigios da civilização grega e romana. Como que desejavam nacionalizar-se, diz um illustre critico, no seio d'aquella geração que a perpetuidade de sua gloria rejuvenescia na lembrança dos novos cultores. Operava-se, porém, um phenomeno que não devemos deixar passar despercebido. O fanatismo, que as guerras religiosas e as crenças pueris da edade-média havia accendido, scintillando atravez da sciencia, repassada dos estudos dos Santos Padres e lendas

piedosas, deu em resultado essa combinação da erudição latina e do mysticismo, origem da monomania theologica que até contagiou as mulheres. Tornou-se moda estudar as linguas mortas e ler livros theologicos.

Princezas e damas da maior nobreza, puzeram de parte os lavores proprios do seu sexo, para se entregarem com assiduidade ao estudo dos *Commentarios de Aristoteles* de S. Thomaz. Davam-se com grande avidez ao estudo da *Summa* d'este insigne theologo. Hortensia de Castro cursava com seu irmão Jeronymo de Castro as aulas da Universidade, onde estudou humanidades e philosophia. Esta senhora aos dezesete annos defendeu conclusões publicas em Evora, e publicou depois a obra *Floculus Theologicalis.* Foi dama da infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel, e uma das eruditas senhoras, que compunham no paço a celebrada *Academia Feminina,* decerto o primeiro instituto litterario que houve em Portugal n'estas condições. Não foi menos instruida a propria infanta nas linguas grega e latina, e nas lettras sagradas. A filha do marquez de Villa Real, D. Leonor, foi tão doutrinada nas sciencias divinas, que Fr. Miguel Pacheco a contou no numero dos escriptores ecclesiasticos pelas obras que escreveu. Joanna Vaz, dama da rainha D. Catharina, e aia e mestra da infanta, conhecia o latim, o grego e o hebraico, e ficou celebrada pela carta dirigida ao pontifice Paulo III, nas tres linguas, do qual recebeu lisongeira resposta. Paula Vicente, filha do nosso poeta, tam-

bem se fizera notavel pelos seus conhecimentos em latinidade e rhetorica: compoz comedias e a *Arte das linguas Ingleza e Hollandeza para instrucção de seus naturaes*. D. Maria, princeza de Parma, tambem não foi hospeda nas lettras sagradas, e pela sua rara erudição figuravam da mesma sorte entre todas estas damas, as duas castelhanas Angela e Luiza Sigêa. Paula Vicente além dos dotes que já mencionámos, era uma actriz distincta, sendo quem nas composições de seu pae representava com grande talento e vivos applausos os primeiros papeis de dama, e accresce que na musica era uma artista consummada. Esta acção directa de serios estudos no talento feminino, e que partira de Italia como já vimos, era uma feição da epocha: respirava-se no espirito do tempo. Ufanava-se a celebre Isabel de Inglaterra de saber latim e grego, e disputava com os theologos da sua côrte ácerca dos textos biblicos. Não foi menos esmerada e litteraria a educação da infeliz Maria Stuard, e com tanto desvelo se deu á cultura das lettras, que sabemos pela historia ter aquella princeza, ainda antes dos quatorze annos, recitado uma oração latina de sua propria composição, deante de Henrique II e de Catharina de Médicis.

Fôra da Italia que irradiaram todos estes fulgores.

O maior elogio, escreve um insigne historiador, que se pode fazer das italianas celebres d'aquellas eras, é affirmar o que os factos tão claramente estão indicando: que tinham o espirito viril, a alma varo-

nil. Basta-nos observar o masculo proceder das heroinas epicas, principalmente as de Bojardo e de Ariosto, para se conceber como se acha bem definido e contornado esse ideal. O epitheto de *virago*, cuja accepção tão desprimorosa ou pelo menos tão amphibologica se mostra no nosso meio social, era tida, por aquella edade, como a mais relevante e a mais lisongeira das distineções. Já durante o XV seculo manifestavam as mulheres dos soberanos italianos, e muito especialmente as dos *condottieri*, maneiras tão garbosas e singulares, que attrahiam por tal causa a attenção, e ganhavam d'essa maneira notoriedade e tambem gloria. Pouco a pouco foram surgindo, em grande numero, mulheres notaveis que se afamaram e tornaram illustres por varios meios. E é força dizer, que se não tratava de alcançar uma determinada emancipação — nascia ella naturalmente das circumstancias, do meio e do momento. A dama italiana, no rigor do vocabulo, assim como tambem o homem, era levada por uma necessaria tendencia, a crear para si uma individualidade distincta e a todos os respeitos completa. Idéas e sentimentos na maxima perfeição com que o homem os pode grangear, era mister que os possuisse egualmente a mulher.

Não é para admirar que senhoras d'esta tempera, permittissem, na sua presença, conversações em que a liberdade da phrâse e o descomedimento das narrações não encontravam barreiras no pudor, nem estorvos em uma bem entendida gravidade.

O que dominava, por esse tempo, n'aquellas reu-

niões da boa sociedade não era, decerto, o elemento feminino, tal como nós hoje o comprehendemos, como o respeito, conveniencias estabelecidas, e um convencional decoro o exigem, e como uma certa reserva, algum tanto mysteriosa e semeada de reticencias o consente. O que imperava era a consciencia aberta a todas as energias, a todas as expressões do bello, e retemperada em um estado então prenhe de formidaveis vicissitudes e de successos inadiaveis. É por isso que a par da decencia e da compostura das fórmas em si tão graves e apparatosas, deparamos com despreoccupações e desprendimentos por tal maneira singulares e ousados, que não está longe o nosso seculo de os acoimar de impudicos e desprimorosos. Nasce o nosso erro de não sabermos achar a natural compensação d'esta falta de recato apparente, na poderosa e accentuada personalidade das italianas mais cultas d'aquella phase historica.

Não era raro ver os homens attrahidos ao convivio das cortezans, como se pretendessem imitar os athenienses da antiguidade, nas suas estreitas relações com as formosas e admiradas hetairas da Grecia.

Nenhuma cidade da Italia podia hombrear com Veneza, no tocante a desregramento de costumes. Havia cortezans em Genova, em Milão, em Napoles; mas não attrahiam a attenção publica por maneira que dessem pasto á curiosidade. Já em Roma não passava despercebida a sua ruidosa existencia, o que tambem era devido aos innumeros extrangeiros que de todos os paizes da Europa acudiam á cidade eter-

na. Muitos eram os abusos e devassidões a que a auctoridade cerrava os olhos.

Era Impéria, a celebre cortezan romana, mulher espirituosa, e de esmerada educação. Aprendera com um certo Domenigo Campana a compôr sonetos, e na musica era artista primorosa. De outra manceba, conta Aretino, no *Ragionamento del Zoppino*, que sabia de cór todas as obras de Petrarcha e de Boccaccio, sem fallar da innumera quantidade de versos latinos de Virgilio, Horacio, Ovidio e de muitos outros auctores. A formosa Isabel de Luna, cuja origem era hespanhola, gosava da merecida reputação de jovial e mui discreta. Conheceu Bandello, em Milão, a famosa Catharina de San Celso, artista eminente na musica, e que na declamação arrebatava. Parece que os homens cultos, assim como os altos personagens, que viviam na intimidade das cortezans, queriam que á belleza physica reunissem ellas uma intelligencia lucida e illustrada, e não havia consideração a que se esquivassem, com aquellas que gosavam de uma justa celebridade. Largamente as descreve Giraldi, e com extrema perfeição narra a sua existencia accidentada, as subitas alternativas de uma vida cheia de escolhos e cortada de peripecias, e a arte e os encantos de que usavam, para captivar os homens, e prender-lhes o coração. Na *Lozana Andaluza*, livro nimiamente curioso e por muito tempo ignorado, encontram-se varios pormenores ácerca da prostituição em Roma no começo do seculo XVI. Ahi se diz, que concorriam áquella capital mulheres publicas de to-

dos os paizes: «*castellanas, vizcaynas, asteinanas, sicilianas, napolitanas, lombardas, mantuanas, provençalas, bretonas, gasconas, flamencas, tedescas, polacas, hungazizas, griegas, etc. Todas son malinas y de mala digestion.*»

Muitas havia que eram ricas, e que sabiam ser modestas e economicas. Tinham por vezes amantes generosos, que lhes legavam em testamento avultados cabedaes. Tomavam em varias occasiões nomes pomposos: como a *Cesaria*, a *Imperia*, a *Delfina*. a *Flaminia*, a *Pentesilea*, a *Dorotea*, a *Oropesa*.

Foi em Veneza que as cortezans grangearam uma celebridade universal.

Pelos fins do seculo XV, e durante uma parte do XVI, tornou-se incontestavelmente a rainha do Adriatico um dos principaes focos da actividade intellectual da Europa. A todos os seus titulos de benemerencia accrescentou outro menos honroso, e que a historia não pode occultar: o da fama que adquiriram alli as prostitutas. Formavam como que uma classe reconhecida até certo ponto pelo Estado. O tremendo Conselho dos Dez considerava esses lupanares um instrumento azado, em muitos casos, para os seus sinistros designios.

Asseveraram varios escriptores, repetindo-se uns aos outros, que testemunhara publicamente o Conselho dos Dez a sua satisfação pelos bons serviços que as cortezans lhe prestavam, e que em um documento authentico as appellidara: «*nostre bene merite meretrice*». Affirmação esta que, entre outros escriptores

serios, se acha em *Beschreibung von Venedig* (Leipzig, 1795). Para lamentar é, que um historiador tão grave como Daru, acceitasse de boamente semelhante fabula. Quiz um distincto bibliophilo inglez, lord Oxford, elucidar o que haveria de verdadeiro n'este facto por tantos auctores referido, e a expensas suas se publicou em Veneza um volume, que encerra grande copia de documentos officiaes com referencia ás *meretrici*, e á policia dos costumes publicos, desde o XIV seculo até á quéda da Republica. Tem este livro por titulo: *Leggi e memorie Venete sulla prostituzione fino alla caduta della Republica. Venezia, 1870-72.* Os documentos authenticos que contem, foram colhidos nos archivos de Veneza, transcriptos e classificados com minuciosa attenção.

Ha um entre elles que vamos citar, porque dá uma idéa exacta do que era a policia veneziana. Denomina-se d'esta maneira: «*Catalogo di tutte le principal et più honorate Cortigiane di Venetia, il nome loro et il nome delle loro piezc, et le stantie ove loro habitano, et dipiù ancor vi narra la contrata ove sono le loro stantie, et etiam il numero de li dinari che hanno da pagar quelli Gentilhomini, et al che desiderano entrar nella sua gratia.*» Variava o preço d'esta singular tarifa desde meio escudo até trinta, e no *Catalogo*, que temos presente, diz-se na ultima pagina: «*Il numero di queste Signore e 215, et chi vol haver amicitia de tutte bisogna pagar scudi d'oro N. 1200.*»

As mais famosas cortezans venezianas apavona-

vam-se com as mais vistosas e opulentas galas, tornavam-se insignes na musica, e trajavam com a magnificencia que os pintores coetaneos reproduziram em primorosos quadros. E a taes extremos galgou este luxo, que varias leis sumptuarias tentaram reprimil-o. Uma disposição de 1543 diz o seguinte:

«*Sono accresciute in tanto excessivo numero le meretrice in questa nostra citta... vano per le strade et chiesi, et altrove si ben ornate et vestite, che molte volte le nobile et citadine nostre per non esser differente del vestire da le ditte sono non solum da li forestieri ma da li habitanti non conosciute le bone da le triste, con cativo et malissimo essempio di quelle li stanno in stantia et che le vedeno et con non pocha susuratione et scandolo de ogni uno...*»

Apesar de uma tal ou qual severidade, que a lei e os magistrados apparentavam, é certo que as rameiras gosavam em Veneza de uma benevola tolerancia, e que apenas se lhes exigia que evitassem praticar escandalos que irritassem sobremaneira a opinião. A Senhoria, sempre suspeitosa, utilisava-lhes os serviços a miudo, como inculcas e preciosas espias. Por isso, sem descontento, via concorrerem a Veneza muitos forasteiros opulentos, seduzidos pelos gosos e deleites que lhes offerecia uma cidade, onde o carnaval durava quasi o anno inteiro. A merecida fama que Veneza conquistou, com as delicias e volupia dos seus prazeres, foi atravessando largos periodos historicos, e entre as obras, que ácerca d'este assumpto podem ser consultadas com proveito, figu-

ram, decerto, as *Memorias* de um aventureiro famoso, Casanova de Seingalt. Todavia para dissipar as obscuridades que em alguns pontos se encontram, n'aquelle curioso trabalho, seria util que se publicasse uma edição textual do autographo, que ha setenta annos se conserva na livraria Brokhaus, de Leipzig. Não ha duvida que a copia do manuscripto de Casanova, antes de entregue á impressão, foi cuidadosamente corrigida, e soffreu graves mutilações.

O notavel viajante, Thomas Coryat, que no começo do seculo XVII percorreu uma grande parte da Europa, exprime-se d'este modo: «É consideravel o numero das meretrizes venezianas. Dizem-me que se podem contar trinta mil, comprehendendo as da cidade e dos suburbios. Tal é a fama de que estas Calypsos gosam, que acodem aqui forasteiros vindos de todas as regiões, avidos de contemplar a sua formosura. Residem algumas em palacios, habitam magnificas moradas dignas de receber os maiores principes, e a que poderiamos, sem encarecimento, chamar o paraiso de Venus. Estão as paredes dos aposentos colgadas de valiosos pannos e de coiro doirado, e logo se depara com o retrato da formosa dona, devido ao pincel de algum peregrino talento. Tão luxuoso é o seu trajar que mais parecem a rainha dos amores no regresso da sua encantadora Paphos.»

Outros escriptores ha que se teem occupado com esmero d'estas sereias do Adriatico. Lembremos aqui Rabuteau, no seu livro: *De la prostitution en Europe*. «Pelo que toca a Veneza, diz elle, era este talvez o

foco da maior lubricidade. Em parte alguma existiram tantas mulheres publicas. Constituiam até certo ponto uma parte do governo n'aquella desconfiada Republica, ou porque os magistrados pretendessem effeminar com deleites e prazeres sensuaes a mocidade veneziana, arredando-a por esta arte do estudo dos negocios publicos, ou talvez porque estas innumerosas mancebas se tornaram um auxilio efficaz para a sua infatigavel policia. Contribuia tambem poderosamente a grande affluencia de extrangeiros, para esta crescente devassidão.

Chamou a Senhoria, em 1421, forasteiras para as entregar á incontinencia publica: «*per conservar la honeste della terra*», designou-se-lhes para habitarem um local, denominado *Cavempana*, e a matrona que as dirigia e governava, fazia mensalmente a repartição dos lucros entre as associadas.

No livro mais proprio, talvez, para nos dar uma noção exacta da vida litteraria no seculo XVI. *Lettere di P. Aretino*, encontram-se varias cartas dirigidas a cortezans: a Zaffolina, a Zaffetta e a outras mais. E n'essa volumosa, e por tantas razões historicas notavel collecção, encontram-se em correspondencia com Aretino, o papa Clemente VII, uma turba de cardeaes, o imperador e a imperatriz d'Allemanha, o rei de França, o rei de Inglaterra, Miguel Angelo, e muitos personagens dos mais notaveis d'aquella epocha extraordinaria.

A arte e a magnificencia que a Italia da Renascença empregava, em todas as suas festas ou funcções

publicas, eram o resultado da vida em commum de todas as classes, o que formava a base da sociedade italiana.

A principio, as duas fórmas principaes dos festejos publicos, tanto na Italia como em todo o Occidente, eram o *Mysterio*, em que se expunha algum trecho da historia sagrada ou a lenda dramatizada, e a procissão — o cortejo engalanado e pomposo, que era motivado por qualquer solemnidade religiosa.

Eram as representações dos *Mysterios*, na Italia, mais luzidas e vistosas, mais numerosas e concorridas, e em consequencia do desenvolvimento da arte plastica e da poesia, mais elegantes e donosas do que em outro qualquer paiz.

Pouco a pouco d'esta fórma rudimentar da scena, desprendeu-se por acção evolutiva não só o *Auto*, o *Entremez*, a *Farça*, como em todo o Occidente, e a pouco trecho o drama profano, mas tambem a pantomima, que se coloriu logo de todos os tons que a podiam tornar inteiramente variada, e á qual se juntaram o canto e os bailados.

Com o solo plano e as ruas largas e bem calçadas das cidades italianas, a procissão era como um triumpho, onde iam formando cortejo individuos em trajos antigos, simulando personagens historicos ou em coche ou a pé, cuja significação a principio inteiramente religiosa, foi-se accentuando depois em fórmas cada vez mais profanas e menos respeitosas.

Tanto a procissão do Corpo de Deus como as mascaradas do carnaval, assemelhavam-se na pompa

externa. Egualavam o apparato, que vamos encontrar mais tarde no brilhante sequito ou acompanhamento luzido dos principes, ao entrarem em qualquer cidade. Não ha duvida que outras nações havia, como Portugal, Hespanha e França, onde solemnidades d'este genero se apparelhavam garridas e lustrosas: mas a verdade é que só na Italia se creara como que uma sciencia de festas, em que os cortejos se aprestavam com donosas e acertadas allegorias.

Posto que no tocante ao gosto e á disposição sejam muito mais perfeitas a todos os respeitos, em Italia, as allegorias que figuram na poesia, nas obras de arte e nos festejos, todavia não é ainda isso que constitue a sua verdadeira superioridade. Accentuamos este ponto, porque teremos n'elle, a seu tempo, um argumento frisante para as conclusões dos nossos raciocinios.

Outras eram as causas em que lhes sobravam vantagens seguras e irrefutaveis. Conheciam os italianos, além das allegorias geraes, grande numero de figuras historicas, que reuniam a individualidade á generalidade. Tinham por habito ver legiões de individuos celebres, enumerados pelos poetas ou immortalizados pelos artistas. A *Divina Comedia*, os *Triumphos* de Petrarcha, assim como a *Visão amorosa*, obras em que só figuram personagens d'este genero, além da vastidão da cultura então existente, baseada principalmente sobre a antiguidade, tinham familiarizado aquella nação com estes valiosissimos elementos historicos. A cada hora estavam reapparecendo esses

vultos nas publicas solemnidades, ou contornados com tal primor que no primeiro relance se reconheciam, ou quando menos artisticamente grupados em redor da figura allegorica principal.

Aprendiam por esta maneira a arte de formar grupos, n'uma epocha em que as mais notaveis festas do Norte, eram apenas uma confusa mistura de symbolos inintelligiveis, e de divertimentos desprovidos de qualquer significação.

Apreciando com louvor a opulencia da imaginação italiana, e a robustez da sua potencia mental, tão esplendorosamente manifestadas em Dante, Petrarcha, Boccaccio, Machiavel, Guicciardini e tantos outros, pergunta um erudito e circumspecto escriptor, porque razão se detiveram em tão humilde mediania com relação á tragedia, os italianos da Renascença. Não lhes minguavam por certo os assumptos. Tinham-nos de casa profusamente e á mão, para os colher sob mil aspectos, representando a fortuna, o talento, a intrepidez e a sagacidade; tinham-nos nos mais variados caracteres, nas mais sangrentas catastrophes, e nos embates da paixão, que cresce e se avoluma nas diversas phases da lucta até que extenuada e inane succumbe.

Digamos em breves palavras porque não foi a Italia cunablo de um Shakespeare.

Bem capazes eram os italianos de levantar a scena á altura a que attingiram os povos do Norte. Mas nem sequer tentaram medir-se com o theatro hespanhol, arredados como andavam do fanatismo religio-

so, negando-se a admittir, a não ser pro-forma, abstracções de pontos de honra, intelligentes e altivos como eram, para se dobrarem a adorar ou a deificar poderes illegitimos e tyrannicos. É preciso dizermos que todas estas considerações só se ajustam ao curto periodo em que floresceu o theatro inglez.

O escriptor a que nos vimos referindo, observa que á pergunta feita viria, sem maior duvida, prestes a resposta, allegando que toda a Europa só produziu um Shakespeare, e que os moldes em que se criam genios taes, deixa-os a natureza em repoiso por detençosos seculos.

Razões ha para presumir, que se aprestava o theatro italiano para derramar um fulgente resplandor, quando de improviso actuou a energica resistencia provocada pela Reforma. E como esta se manifestasse ao tempo em que a dominação hespanhola fazia vergar Napoles, Milão e indirectamente quasi toda a Italia, veiu a reacção arrancar e emmurchecer as mais bellas flores do fecundo e esplendoroso espirito italiano.

Houve um homem, n'aquella quadra historica tão assombrosa pelos talentos, pelos arrojos e pelos successos, que nos legou com as suas *Memorias*, escriptas em um estylo vigoroso e sobrio, uma copia fiel do modo de sentir, de pensar e de viver dos seus contemporaneos. Foi Benvenuto Cellini. Póde ser considerado, diz um profundo critico, como o resumo em alto relevo das paixões violentas, da existencia aventurosa, dos genios espontaneos e po-

tentes, das ricas e perigosas faculdades que geraram na Italia a Renascença.

Não se preoccupou Benvenuto com o estudo da vida ideal, não o seduziram as especulações de uma philosophia transcendente na sua autobiographia. Está alli o homem só, despido de todas as apparencias enganosas de que nem sequer o auctor curou; mas onde a verdade, pela singelleza e desatavio das narrativas, como que se impõe brutalmente.

O que mais impressiona, n'este vulto extraordinario, é a tempera de tão possante organismo, a sua vigorosa iniciativa, a energia è denodo do caracter, o habito tão radicado de improvisas resoluções e de expedientes extremos, a sua enorme capacidade para luctar e soffrer, emfim a força indomita e inabalavel vontade da sua indole. Ainda que o leitor se sinta por vezes levado a duvidar dos successos, taes como elle os narra, pouco importa isso. Tão violenta é a impressão produzida por aquelle violento e energico espirito, que faz esquecer tudo o mais. Arrastados no turbilhão das idéas d'aquelle vertiginoso espirito, tudo o mais, para nós, é como se não existisse. Comparadas com elle, apesar da superioridade moral em que se lhe avantajam, parecem mediocres e incompletas as autobiographias dos outros paizes. É Benvenuto o homem que tudo ousa, que de nada se teme, e cujo estalão lhe arreda todos os rivaes. Em nada era inferior n'elle a capacidade intellectual á perfeição da sua estructura. Possuiam os homens d'aquella era aptidões universaes.

Sem relembrar Leonardo de Vinci, Pico de la Mirandola, Lourenço de Médicis, Leo Baptista, Alberti e outros espiritos de uma lucidez extrema, abundavam tambem os homens de negocio, os frades e os artifices e operarios, que sabiam elevar-se pelas suas tendencias, e pelos habitos contrahidos ao livel das occupações e dos prazeres, que parecem ser hoje apanagio exclusivo dos individuos mais cultos, e d'aquelles cuja sensibilidade é mais viva e delicada. Devemos contar Cellini n'esse numero. De uma pericia que maravilhava em tudo a que se propunha, foi um habil musico a despeito da mais viva repugnancia, e não tardou que o reputassem insigne debuxador, ourives, esmaltador, estatuario e fundidor. As mesmas disposições mostrou como engenheiro, e armeiro, e como constructor tambem de machinas e fortificações, tornando-se tão destro no manejo e pontaria das armas de fogo, que se avantajava sobremaneira aos mais afamados condestabres do seu tempo.

Concorreu poderosamente para apurar o gosto de todos os individuos, e para accentuar as tendencias das suas numerosas aptidões, o nivelamento das classes. No tocante a esta modificação social, estabeleceu a Renascença italiana um verdadeiro contraste com a meia-edade. Não se extinguiram absolutamente as classes aristocraticas, é evidente, por isso que as castas medievaes buscavam sempre reapparecer mais ou menos, quando mais não fosse senão para affirmar, que em nenhum ponto se reputavam inferiores ás familias privilegiadas das outras nações eu-

ropêas. Mas não ha duvida que o pendor geral da epocha, era a fusão das differentes camadas da sociedade como hoje se pretende e se realiza.

Varias causas contribuiram para activar essa fusão, sendo uma das não menos importantes a reunião, nas cidades, dos fidalgos e burguezes—reunião que podemos ir buscar pelo menos ao seculo XII. D'aqui resultou uma certa communidade de interesses e de prazeres, tanto mais intensa que não se isolando a nobreza nos seus castellos e palacios, achava-se isenta de todos os preconceitos, que o afastamento cria necessariamente em toda a parte. Temos outra razão que merece ser dilucidada. Nunca na Italia se transmudou a Egreja em herança ou apanagio exclusivo dos filhos mais novos da nobreza, como era uso e costume nos mais paizes christãos. Muitas vezes, é certo, bispados, canonicatos, e abbadias se conferiam por motivos sordidos ou pouco decorosos, mas quaesquer que fossem as causas de simonia, ao menos não se concediam unicamente como recompensa do nascimento, ou para lisongear e enriquecer os filhos segundos das casas nobres. Eram alli mais numerosos e mais pobres os bispos, talvez, do que em todas as outras regiões da christandade. Não tinham, como é provavel, o esplendor e sumptuosidade de que gosavam os principes seculares. Viviam, porém, ao lado das respectivas cathedraes, e na estreita convivencia e inalteravel harmonia que mantinham com os seus cabidos, formavam um elemento consideravel da parte culta das populações. Logo que os principes

absolutos alcançaram erguer-se desafrontados, não minguaram as occasiões e os ocios á nobreza, para se entregar, na maior parte das cidades, a uma vida de dissipações e de deleites, em nada dissemelhante da que desfructava a opulenta burguezia.

Logo que após Dante, diz um eminente historiador, a poesia e a litteratura abriram á existencia novos horizontes, assim que a descoberta da antiguidade e o estudo ácerca do homem impulsionaram os espiritos, creando-lhes o culto do bello e da arte, no momento em que os *condottieri* se elevavam a principes, e que não só o esplendor mas tambem a legitimidade deixaram de ser condição impreterivel do exercício da auctoridade soberana, poude-se crer que a era da egualdade havia chegado, e que a noção da nobreza desapparecera para todo o sempre. Eram esses os tempos em que os filhos dos papas talhavam principados a seu talante.

Já no XV seculo era o *condottieri* a fórma mais perfeita da illegitimidade, metamorphoseando-se em principe soberano, qualquer que houvesse sido o seu berço e educação. Nem outra coisa fôra a occupação da parte inferior da Italia pelos normandos no seculo XI; mas na epocha de que nos occupamos, tão desmedidas ambições iam entretendo um estado de agitação tamanha que tendia a tornar-se permanente, e arrancavam ao poder o prestigio e esplendor em que se pretende basear a desegualdade das classes.

Quanto mais os trabalhos dos humanistas estendiam o seu irreductivel influxo sobre os espiritos na

Italia, mais se radicava e fortalecia a convicção de que o valor real do homem é independente da sua origem e nascimento. No seu *Dialogo sobre a nobreza*, está Poggio em pleno accordo com os seus interlocutores, Niccolo Niccoli e Lourenço de Médicis, em relação ao principio de que não ha outra fidalguia senão a que deriva do merito pessoal. Significativo é, na verdade, que em quasi toda a Italia, aquelles mesmos que algum direito tinham a blasonar e jactar-se do seu nascimento, não podiam arcar com a influencia da cultura intellectual e da riqueza, ao passo que os privilegios de que gosavam na côrte, não lhes elevavam nunca os sentimentos á altura da sua condição. Foi só, mais tarde, quando a occupação extrangeira estancou toda essa generosa seiva, que os italianos se iniciaram no desprezo do trabalho, correndo a mendigar sofregamente as mais vaidosas distincções.

No periodo da Renascença, o defeito capital do caracter italiano depende ao mesmo tempo das suas grandiosas qualidades—por isso que é a larga expressão do desenvolvimento do individualismo. Cifram-se n'isto todos os seus crimes e todas as suas virtudes. Começava o individuo por se desprender moralmente do Estado, que quasi sempre era tyrannico e illegitimo. D'ahi promanava que tudo quanto elle queria e fazia, era-lhe imputado justa ou injustamente como traição. A cada hora, em presença de reiterados exemplos de egoismo triumphante, aventurava-se a defender elle proprio os seus direitos—

vingava-se, e assim se ia arredando nas mais funestas paixões, quando suppunha, com esse alvitre, encontrar o repoiso e o descanço desejados. Á face dos poderes existentes e das leis que tinham por fim reprimi-lo, possuia o sentimento da sua superioridade pessoal, consultava-se só a si em todas as eventualidades, ainda nas mais riscosas, e deliberava proceder conforme a honra, o interesse, a prudencia, as paixões, o temor e a vingança se conciliavam ou repelliam nas luctas da sua alma.

Com toda esta indiscutivel superioridade intellectual não reagiu a Italia contra o catholicismo.

Possuidora já de uma civilização tão notavel, deixou que a Allemanha effectuasse a reforma religiosa, sem se deslumbrar sequer com os clamores das novas doutrinas.

Tão religiosos como toda a christandade da edade-média tinham nascido esses homens, que representavam no seu conjuncto a Renascença. Mas em relação á fé, como em tudo mais, tornara-os inteiramente *subjectivos* o seu potente individualismo, e pelos estudos da antiguidade o mundo externo e o mundo das idéas se lhes desvelaram em esplendorosos prodigios. Foi tal o encanto, tão fascinante a seducção, que primeiro que tudo fizeram-se *mundanos*.

Não aconteceu assim em todo o resto da Europa. Foi outra alli a marcha dos successos. Subsistiu por muito mais tempo a religião como uma tradição objectiva, e na existencia quotidiana, o egoismo e a sensualidade viviam alternando-se sem cessar com a

devoção e a penitencia. Accresce que esta ultima não encontrava concorrencia intellectual, como na Italia, ou se a havia, passava despercebida.

O trato frequente com musulmanos e byzantinos, conservara sempre uma tolerancia e uma neutralidade tão pronunciadas, que actuavam poderosamente nas idéas e nos costumes. E logo que o classicismo, com os seus homens illustres e as suas grandes instituições, constituiu o ideal da existencia, por isso que representava as gloriosas recordações da Italia, o estudo especulativo, a *idéa* antiga dominou, por vezes, sem rival no espirito dos italianos.

Não esqueçamos, tambem, que foram os italianos os primeiros europeus que ousaram discutir com denodo as idéas de liberdade e de fatalismo sem reticencias nem ambages, e como o faziam sob um regimen politico em que a força calcava o direito, e que não raro se assemelhava ao triumpho ruidoso do mal, succedia que a concepção que formavam da divindade perdeu uma parte da sua essencia, demudada em uma vaga noção theologica e indefinivel. E se a feição da sua apaixonada indole os não deixava deter, inertes, em presença do incerto, do insondavel, do incognoscivel, muitos havia que se contentavam em completar as suas crenças com a adopção de determinadas superstições da antiguidade, do Oriente e do periodo medievo: creram na astrologia, na alchimia e na magia.

Os lucidos e operosos espiritos que promoveram a Renascença, revelavam em materia religiosa uma

qualidade singularmente juvenil. Sabiam com justeza extrema discernir o mal e o bem; mas um elemento fatalmente necessario como consequencia rigorosa d'esta distincção, não o admittiam nunca. Era o peccado. Quando se perturbava a harmonia interior do seu ser, restabeleciam-na, graças á sua força plastica —desconheciam, pois, o arrependimento. D'aqui provinha que o desejo da salvação tornara-se menos imperioso, emquanto que as exigencias e tensão diarias do espirito, faziam desvanecer o pensamento de uma outra vida, ou lhe davam uma fórma poetica em que se quebravam os inducteis moldes de um intransigente dogmatismo.

N'este periodo de uma tão accentuada desenvolução mental, era alli a imaginação o factor supremo, que pelos seus devaneios e phantasias alterava e confundia as abstracções da crença. A analyse rigorosa d'este estado leva-nos á evidencia de que sob as apparencias da incredulidade e da superstição, subsistia em toda a sua força o sentimento religioso, e a aspiração ardente de um mundo ideal.

Não attrahia os italianos, certamente, a sombria e inexoravel doutrina das seitas mysticas e asceticas do Norte. O catholicismo em todas as pompas e magnificencias do seu admiravel culto, ainda mesmo como manifestação theatral, subjugava-lhes o espirito ao deslumbrar-lhes os sentidos. Hypnotizava-lhes as vontades.

O que os dissidentes christãos apodavam de doutrina degenerada do symbolo romano, era genuina-

mente, a nosso ver, a intensissima e energica expansibilidade da evolução religiosa. E o desdobramento d'esta augusta instituição fazia-se imperturbavel e sereno, dentro dos infrangiveis moldes das leis evolutivas. N'esta sofreguidão de individualismo, que parecia ser o pendor supremo d'aquella phase historica — tão justificavel, na verdade, depois de longos periodos de sujeição e dependencia na edade-média — era natural que cada um buscasse a sua orientação, e que alguns, confiados nas proprias forças e arremessados ao oceano da vida, fossem naufragar nos escolhos da indifferença religiosa.

Muitos houve, porém, que, meditando a seu talante ácerca de todos os pontos de doutrina que a Egreja manda crer, limitaram e restringiram os artigos de fé como lhes aprouve, a sós com a sua consciencia, sem sahirem em som de guerra contra a cadeira de S. Pedro. Provocados alguns humanistas a que se alliassem á Reforma, responderam, de prompto, que os não tentava o novo jugo que lhes pretendiam impôr. Exprimiu-se um com mais sobranceria. Lembrou que por tão tenues cambiantes não valia a pena declarar-se herege, relapso e confesso.

A fórma mundana por que a Renascença parecera estabelecer um contraste tão sensivel com os evos medievaes, promanava, sobretudo, do grande numero de idéas e de novos horizontes, que brotavam do estudo da natureza e da humanidade, e cuja expansibilidade caracteriza aquella epocha, e determina com tanta nitidez os seus costumes. Considerada na sua

essencia, não era sem duvida mais hostil ao sentimento religioso do que o é a fórma evolutiva do presente, no tocante a tudo o que interessa a cultura intellectual. Ha, porém, uma differença e é, que os rigorosos e intransigentes methodos scientificos d'esta hora, em que o espirito convenientemente educado já se não perturba em presença de nenhuma solução, por mais extraordinaria que pareça, dão-nos apenas uma confusa idéa da exaltação que, por aquelles tempos, provocava em toda a parte a descoberta de tantas e tão extranhas novidades.

Foi essa a feição seria d'aquelle caracter mundano, e foi ella que excitou naturalmente a poesia e a arte.

Está o espirito moderno, por uma fatalidade que reputamos sublime, condemnado a não deslizar d'esta orientação. Impulsionado por uma força invencivel para o estudo do homem e das coisas, com os processos de observação e de experimentação que a sciencia severamente prescreve, considera este fecundissimo lavor como a parte mais nobre e mais proficiente da sua missão.

Essa avidez de conhecer o mundo, de lhe reproduzir a imagem na litteratura e na arte, absorvia inteiramente todas as forças da alma, e todas as cogitações do espirito. Mas d'estes estudos incessantes e reiterados trabalhos nasceu ao mesmo tempo, como consequencia necessaria, um sentimento geral de curiosidade, onde a duvida se robustecia e imperava. Transparecia levemente na litteratura, revelava-se com mais intensidade na exegese dos livros sagra-

dos, sem deixar a menor sombra de incerteza, ácerca das tendencias analyticas que tão claramente se manifestavam. Era dominado o espirito, certo, pelo ardente desejo que então se sentia, de multiplicar a cada hora as creações da arte, sem que por isso esse estimulo podesse ser destruido, ao mesmo tempo que a Egreja, qualquer que fosse a sua tolerancia, tendo de fazer respeitar a crença, obstava até certo ponto á publicidade de tudo o que formulado theoricamente, podia ser reputado uma nova heresia.

Levantado comtudo este espirito de duvida, devia necessariamente dirigir-se, como de feito succedeu, para o assumpto que mais preoccupações occasionava, o que facilmente se concebe--para o modo de ser de cada individuo ao desprender-se da existencia terreal.

Interveiu logo a antiguidade, e não se fez esperar a sua immediata acção sobre os espiritos.

Recorreram a Aristoteles, e foram largas e acaloradas as discussões ácerca da opinião d'este e de outros escriptores, no que é concernente á verdadeira natureza da alma, sua origem, sua preexistencia, sua uniformidade em todos os homens, sua eternidade e suas transmigrações até. Nem faltou quem levasse ao pulpito—levianamente talvez—tão melindrosa doutrina. Já desde o seculo XV vinham os animos accesos n'este interminavel debate. Queriam uns provar, que Aristoteles ensinava positivamente a doutrina da immortalidade da alma, lamentavam outros a obstinação dos homens, que para crer na existen-

cia da alma, pretendiam poder vê-la com os seus proprios olhos.

Na oração funebre de Francisco Sforza, citou Filelfo a favor da immortalidade larga copia de textos de philosophos gregos e até arabes, e terminou essas extensissimas e fastidiosas allegações com as seguintes palavras: Demais, temos o Antigo e o Novo Testamento, e é ahi que está a verdade por excellencia. Em presença d'este epilogo, proferido *ex-cathedra*, devemos pensar, que melhor fôra ter por elle começado e concluido. Não tardaram os platonicos de Florença a concorrer a tão fascinador certame, ajustando as theorias do philosopho grego á doutrina do christianismo. No começo do seculo XVI, foi tal a confusão das idéas, sobre esta materia de tanto momento e gravidade para os destinos da crença, que, no concilio de Latrão (1513), teve que estatuir Leão X ácerca do dogma da immortalidade e da individualidade da alma. A affirmação d'este segundo ponto exprimia a resposta dada pela Egreja, aos que ensinavam que a alma era uma só em todos os homens. Annos depois, publicou Pomponazzo um livro notavel com que pretendeu mostrar, que era impossivel provar philosophicamente a immortalidade. Foi-se prolongando a disputa, e só lhe puzeram termo as ruidosas consequencias da Reforma.

Não parou aqui, como era de presumir, a influencia da antiguidade sobre as idéas modernas. Concorreu para reatar o fio d'estas vetustas tradições, um importante fragmento do decimo sexto livro da *Re-*

publica de Cicero, conhecido pelo titulo de «*Sonho de Scipião*». Trata-se ahi da descripção do empyreo, destinado para os varões illustres. Esse olympo pagão, ainda mais fabulado com accentuados contornos por escriptores antigos, tomou insensivelmente o logar do céo christão, e demudado no ideal da grandeza historica e da immarcessivel gloria, fez escura a aspiração da vida christan. Não era menor, nem menos seductora a impressão que o reino das sombras de Homero produzia.

Cumpre-nos dizer que semelhantes idéas ácerca do estado que se segue á morte, presuppõem ou conduzem á eliminação dos dogmas mais essenciaes do christianismo. Adopta-las, era perder quasi de todo a noção do peccado e da redempção tambem. Existia effectivamente o sentimento religioso nas classes illustradas, mas ia adoptando fórmas tão vagas e incertas, que nos não deixa ajusta-lo a resultados definidos e concludentes. Eram taes os contrastes, que se torna em demasia confragoso achar-lhes uma inteira explicação.

Ao passo que sem repoiso se edificavam templos sumptuosos, se lavravam nitentes marmores, se modelavam estatuas formosissimas, e se enriqueciam e povoavam os vastos e grandiosos mosteiros com pinturas primorosas e edificantes, echoavam ruidosamente tambem, nos começos do seculo XVI, angustiosos queixumes da frouxeza dos fieis, do abandono das egrejas ermadas, e da escandalosa indevoção dos sacerdotes no incruento sacrificio da lei da Graça.

A par d'estes repetidos brados, com que a pie-

dade fervorosa de alguns ascetas objurgava, o que a seus olhos tomava as proporções de ascosa depravação na vida mundana, eram maravilhosas as pompas e excelso o primor com que a Egreja celebrava o ritual das suas crenças, e tão magnificente se mostrava na commemoração dos seus mysterios, que nem sequer os outros paizes christãos podiam conceber a imponencia de semelhantes esplendores.

Somos forçados a admittir, que o povo em cuja vida teve a imaginação tão preponderantes funcções, descurava de boamente tudo o que a cada hora lhe feria a vista, para se arremessar ao imprevisto, para correr após o extraordinario. Nem por outra causa que não seja a imaginação, será possivel explanar esses exaggeros de penitencia, que por vezes suggestionavam a sociedade.

As calamidades publicas tinham esta acção suggestiva nas massas. Sob a pressão de qualquer terrivel accidente, como a peste, os terramotos ou a fome, via-se despertar, subito, aquelle furor de penitencia que caracterisava a meia-edade. Empavorido o povo, especialmente quando assignalados prodigios vinham emparelhar com esses calamitosos desastres, para applacar o céo recorria ás flagellações, ás mais humildosas preces, aos rigorosos jejuns, ás procissões solemnes e aos edictos concernentes á reforma dos costumes. Assim succedeu em Bolonha por occasião da peste e tremor de terra no anno de 1457, e lancinantes foram, decerto, as provações por que passou Milão em 1529, como narram Burigozzo e Galeazzo

Capello, quando a guerra, a fome e a peste associadas á rapacidade hespanhola, lançavam o paiz nos extremos do desespero.

Todavia, nem as praticas religiosas, nem as redobradas penitencias tinham a significação de um sentimento tão contrito, como no primeiro relance se afigura.

Dado como certo que todos os espiritos cultos tomassem parte em todas estas piedosas demonstrações de arrependimento — do que sinceramente duvidamos — ainda assim cumpre attender, a que este phenomeno obedecia a impressões moraes — dizemos mais, era a descarga nervosa de um povo essencialmente artistico, e no qual todos os objectos externos tomavam, no seu phantasioso cerebro, proporções colossaes. Na presença de um terrificante successo que os acommettia de improviso, vergava-lhes o espirito sob a violencia da sua opulenta e vivissima imaginação, e n'este afanoso transe abandonavam-se accidentalmente ás concepções mais delirantes.

O despertar da consciencia não trazia em si, como consequencia necessaria, a dôr das culpas commettidas contra Deus, por Elle ser quem é, nem tambem os salteava o arrependimento dos peccados, pelo terror que lhes infundiam as penas do inferno, ou a perda irremediavel de uma gososa bemaventurança. É evidente que a penitencia externa, por mais dura e rigorosa que seja, se não fôr acompanhada de um profundo pesar intimo, não tem valor, nem suppõe merecimentos no sentido christão.

Homens houve, durante a Renascença, entre aquelles em quem a cultura do espirito era mais vasta e levantada, que tinham como principio assente, não se arrependerem nunca. Diziam-no em altas vozes, e por escripto o iam affirmando e propalando até. Citaremos Cardano, *De propria vita*, cap. XIII: «*Non pœnitere ullius rei quam voluntarie effecerim, etiam quæ male cessisset*»; sem isso, accrescenta elle, teria sido o mais infeliz dos homens. Esta ausencia do arrependimento pode considerar-se verdadeira, com relação a acções moralmente indifferentes, a factos puramente inconsiderados ou banaes; mas não é crivel que este desdem pelo arrependimento, não se espraiasse do mesmo modo pelos dominios da moral, por isso que dimanava de uma causa geral, que é o poderoso sentimento da individualidade.

Ao christianismo passivo e contemplativo, que só sabe incutir o temor ou a esperança na vida futura, escasseavam-lhe os meios propicios para se poder impôr a semelhantes homens.

Que fórma, então, revestia em muitos pensadores o sentimento religioso, que ainda assim se mantinha em pleno vigor?

A do theismo ou do deismo, como a cada um aprazia mais.

Esta ultima qualificação, observa um erudito escriptor, podia convir á doutrina que eliminava o elemento christão, sem buscar substitui-lo nem no culto nem no sentimento. Quanto ao theismo, vamos encontra-lo no elevado culto do Ente Supremo, que des-

conhecera totalmente a edade-média, e que não excluia de nenhuma maneira a verdade christan. Embora essa crença, afastando-se do christianismo, dominasse em muitos espiritos e vergasse muitas vontades.

Não raro appareciam as idéas pagans de envolta com as convicções theistas, e do que acabamos de expender deprehende-se, que sem curarmos dos humanistas, nem do racionalismo, no seio mesmo da propria Egreja abundavam mais ou menos encobertos os livres pensadores.

Quanto aos humanistas, eram esses os typos do individualismo excessivamente desenvolvido, e apesar dos sentimentos religiosos que por vezes pretendiam ostentar de uma maneira assaz positiva, não podemos nem devemos confiar n'essas suas simuladas expansões. Não se esquivaram á reputação de atheus alguns d'elles, quando levavam os seus desdens pela religião até ao ponto de proferir palavras blasphemas contra a Egreja, e contra os seus mysterios. Mas nenhum professou nunca, nem quiz reconhecer um atheismo racional e philosophico. O systema que ousavam manifestar, era uma especie de racionalismo superficial, congerie pouco explicita e adrede embaraçosa, formada de milhares de idéas contradictorias de todos os systemas da antiguidade.

É certo que temiam as consequencias de uma apostasia publicamente declarada. Refugiavam-se nos labyrinthos de uma metaphysica transcendental ou abstrusa, para se esquivarem ás responsabilidades que lhes quizessem impôr.

Podemos equipara-los, na actualidade, a um grande numero de democratas cautelosos e hesitantes, que ora obedecem ás proprias convicções, advogando principios genuinamente republicanos, ora, no receio de quebrarem relações com os grupos dynasticos, se enredam em profissões de fé tão exaggeradas e anachronicas, que se não representam uma pungente ironia arremessada ás coroas, revelam, pelo menos, o egoismo e tibieza de tão inhabeis e timidos cortezãos.

Assim foram os humanistas—mas no fundo, no intimo do seu coração, eram livres pensadores. Vacillavam, sem duvida, porque a prudencia lhes impedia que provocassem a colera do poder, todavia nos adytos da sua consciencia repudiavam o catholicismo.

Desadorando toda a revelação, qualquer que fosse a doutrina que lh'a dictasse, foram elles e só elles, attenda-se bem, os precursores dos encyclopedistas e dos philosophos francezes.

O verdadeiro antecessor de Voltaire é Erasmo, e em muitos casos é Rabelais. Successor dos protestantes, nunca. Só por um contrasenso pueril ou pela cegueira que origina a paixão lhe poderiamos achar affinidades com Luthero ou Calvino. O mesmo diremos de d'Alembert, de Diderot, de Maupertuis, de Rousseau, de Hobbes, de Helvétius e de muitos outros.

Occupando-se da decadencia dos humanistas, vem um eminente escriptor em soccorro da nossa opinião. Depois de haverem desde o começo do seculo XIV, diz o illustre erudito, creado muitas gerações brilhantes de poetas, philologos, enchido a Italia e o mundo

com o culto da antiguidade, fundado a base do desenvolvimento intellectual e da educação litteraria, exercido mesmo, não poucas vezes, uma acção importante nos dominios da politica, e reproduzido com assombroso esplendor a litteratura antiga, em toda a parte cahiram os humanistas em descredito pelos fins do seculo XVI, na epocha em que mais se carecia das suas licções e do seu saber. Continuava a falar-se e a escrever-se segundo os methodos por elles seguidos; mas pessoalmente ninguem queria já associar-se-lhes em intimo convivio. Até ahi foram apontados, na murmuração publica, pelo desmesurado orgulho, lançavam-lhes em rosto os seus repetidos e escandalosos excessos, mas depois variou o pregão dos seus adversarios; partia este da contra-reforma: accusavam-nos de descrentes e de irreligiosos.

Accusações analogas esperavam mais tarde os livres pensadores do seculo XVIII.

A humanidade é assim. Quando a querem arrancar ás suas superstições, aos seus erros, aos seus habitos inveterados, quando pretendem desperta-la da sua inercia, arreda-la de um opprobrioso hypnotismo, insurge-se, desforça-se, vinga-se, cobrindo de epithetos injuriosos e de grosseiras vaias, os precursores as mais das vezes martyres das proprias crenças.

Emquanto os insignificantes, as vulgaridades dependeram dos humanistas, porque eram elles, então, e só elles os depositarios fieis e indefessos propagadores das theorias da antiguidade, não lhes cercearam lisonjas nem lhes mediram os applausos. Logo

porém que vieram a lume as edições dos auctores classicos, impressas com escholios antigos e modernos commentarios, logo que exuberaram os manuaes e os livros de verdadeira erudição, dispensando o vulgo de recorrer quotidianamente ao ensinamento d'estes sabios, tornando o seu trato intimo menos necessario e urgente, desencadearam-se contra elles a estulta opinião das massas ignaras, e os brados odientos e ferozes da reacção.

Este reviramento, para o qual o fanatismo, a coacção e a ignorancia concorreram demasiado, levou de envolta, na sua sede de proscripção e de exterminio, todas as illustrações independentes e na realidade superiores.

Foi um dos actos d'este sombrio e torvo drama do obscurantismo, sempre inefficaz e inane, mas a cada hora mais obstinado, rancoroso e insistente, que a Europa tem visto reproduzir sem cessar, n'este seculo, contra os esforços prodigiosos da sciencia, e contra a fé intemerata e inquebrantavel actividade dos defensores da democracia.

Não nos cançamos de affirmar, que importa não confundir o christianismo com os erros dos seus ministros, e com os abusos e os crimes que á sua sombra se teem commettido. Seria irrisorio suppôr que tão venusta instituição, em volta da qual se agruparam, durante seculos, homens dos mais eminentes e vultos gigantes pelas raras qualidades da sua intelligencia e lucidez, poderia baquear totalmente esphacelada com as subitas e violentas arremettidas de al-

guns espiritos em grande parte desvairados. A Reforma foi uma reversão para o passado, a saudade inconsciente do cenaculo, com o pretexto mal cimentado das depravações do seculo e que o christianismo em caso nenhum podia motivar. Das abusões nenhuma doutrina é responsavel. Cabe a imputabilidade só ás paixões humanas. A Reforma, pois, foi a antithese das leis evolutivas, e só podia brotar e florescer na região, onde as theorias e os systemas philosophicos mais nebulosos e abstrusos acham torrão uberrimo para vingar e robustecer-se.

Cumpre-nos dizer aqui, que este nosso modesto trabalho não nos sahiu do cerebro feito e apparelhado como, no fabular da potente imaginação hellenica, Athena surgiu vestida e armada do craneo de Zeus. Estudos litterarios e sociaes, como este, não se improvisam — não se geram e criam como elaboração da phantasia. Analysam-se nos documentos, meditam-se sobre as paginas das narrações historicas, e escrevem-se com os textos fiel e largamente reproduzidos de grande copia de escriptores. É isso que temos feito, e mesquinha é, pois, a parte que nos pertence na organização d'este livro. É inteiramente nossa a ordem e a disposição das materias, e só nossa tambem a coordenação das idéas, que levam ás conclusões determinadas pelos nossos raciocinios. Fique isto assente como demonstração de probidade litteraria, e como explanação de todos os auxilios historicos a que temos de recorrer.

Proseguindo, diremos que foram incontrastavel-

mente os humanistas, os orgãos mais energicos de todas as deslumbrosas phases do seculo XVI, e attendamos a que na sua precaria e instavel situação, no meio de laboriosos e aturados estudos, viam-se a cada passo obrigados a disputar e defender a propria vida.

As cruezas d'aquella epocha corriam parelhas com os deslumbramentos de uma nova civilização. Era incerta e varia a sorte dos homens de lettras. Ora os cobriam de honras, de mercês e de favores emquanto a fortuna lhes sorria, ora se viam a braços com a miseria, nas vicissitudes de constantes perigos, ao sabor dos caprichos d'um protector ou entregues, inultos, á maldade dos seus inimigos.

Não era a influencia da antiguidade, como quer um historiador moderno, que arremessava aquelles espiritos para uma falsa orientação. Não era, a nosso ver, essa antiguidade que actuava n'elles pelo seu lado sceptico e negativo, por isso que, como diz o mesmo escriptor, não se podia pensar em adoptar seriamente o polytheismo do passado.

Ha n'estas phrases um desconhecimento total do modo por que operam as leis evolutivas. Os humanistas eram e foram homens do seu seculo. Livres pensadores, desprendidos de todos os vinculos que lhes escravizassem a razão, se não tinham a audacia de Spinoza para affirmar doutrinas arrojadas e riscosas, possuiam lucidez de sobejo para se enredarem nos systemas philosophicos da antiguidade, a fim de emmascararem com essas especiosas theorias as idéas positivas que lhes iam na mente.

Não concebiam as escholas antigas de uma maneira dogmatica, como modelo constante para o pensamento e para a acção. Apreciavam-nas como fonte perenne, de onde manavam em torrente caudal os principios que serviam de base ás suas proprias lucubrações.

Do polytheismo acceitavam, pressurosos, o respeito pelas leis do cosmos, embora personificadas em imaginosas e fabuladas lendas, sentiam-se attrahidos e captivados por esse amoravel culto prestado ás forças da natureza, que se revelam em todas as pompas e magnificencias do universo, e como que repelliam, confrangidos, toda a doutrina que lhes debuxava a alegria da existencia e a pujante acção vital de todos os organismos creados, como tentações diabolicas ou criminosas seducções do espirito do mal.

Acolhiam do christianismo a lei do amor e da caridade tão donosamente exposta por Jesus, e viam na emancipação das castas, affirmada na egualdade de todos os homens, o preceito supremo das modernas sociedades. Era este o seu credo. Se d'elle tiravam todas as illações, que a cultura e a sciencia d'aquella hora permittiam, reservavam-nas para si, e para os seus adeptos a quem occultamente as confiavam em escusos aposentos. Por isso se diz, e quanto a nós com innegavel verdade, que dos estudos da antiguidade, tão escrupulosamente feitos n'aquelle brilhante estadio da evolução, promanou o rapido desenvolvimento das sociedades.

Era o humanista da Renascença obrigado a pos-

suir uma vastissima erudição, e a saber dobrar-se ás situações mais varias, e aos mais diversos misteres. Nem se podem conceber aquelles caracteres sem um orgulho profundamente resistente. Careciam de o possuir de sobra, para se manterem superiores a todos os accidentes e a todos os revezes da sua trabalhada vida. O odio e a admiração que alternadamente infundiam, vigoravam necessariamente n'elles esse sentimento de desdem e de sobranceria que os acompanhava sempre. São sem duvida os modelos e as mais perfeitas victimas da subjectividade entregue a si e aos seus proprios esforços. Não era, pois, arrhepsia que os detinha nas suas vastas concepções — era receio de não serem comprehendidos pelo meio em que viviam.

Força é dizer que, além dos humanistas e do racionalismo, muitas outras causas favoreciam a propaganda das doutrinas theistas, avolumando-lhes a influencia com illustres proselytos.

A mais elevada expressão do espirito d'esta eschola, achamo-la na Academia platonica de Florença, e principalmente em Lourenço o Magnifico.

Ao passo que os homens da meia-edade reputavam o mundo um valle de lagrimas, onde os papas e os imperadores germanicos tinham a missão de velar até á chegada do Anti-Christo, emquanto os fatalistas da Renascença passavam alternadamente da mais intensa energia para os extremos de um enervante abatimento, e se elevavam nos arrobos da mais viva e esplendorosa fé para se despenharem,

pouco depois, no pungimento da duvida e nos ascos da superstição, via-se desabrochar alli, em um grupo de espiritos selectos, a idéa que o mundo visivel foi creado pelo Deus do amor, que o universo é uma reproducção do modelo n'elle preexistente, e que do seu creador recebe o movimento e a vida.

Foram as reminiscencias dos pendores mysticos da meia-edade, de envolta com doutrinas de Platão e com idéas essencialmente modernas, que maturaram esse maravilhoso fructo, esse conhecimento do mundo e do homem, onde as sciencias e as lettras modernas foram reatar o fio da evolução.

Todos os successos humanos estão sujeitos a uma acção lenta e latente, mas ao mesmo tempo energica e irresistivel. Fôra o papado favorecido pelo desenvolvimento anterior da historia, e essa mesma desenvolução em um momento determinado, buscou traças para o destruir. Como as nações não careciam todas da mesma força impulsiva do poder ecclesiastico, aprestaram-se sem demora algumas d'ellas para lhe oppôr uma tenaz resistencia. Sentiam-se já com vigor bastante para manterem a sua independencia, sem carecer de auxilios extranhos quasi nunca desinteressados. É esta a causa primordial dos successos da Reforma.

Quando no seculo XV a antiguidade começou a avassallar os espiritos, e a occupar um logar tão importante na vida social, a brecha que abriu no systema da edade-média tomou em breve trecho proporções formidaveis. Os estudos e as investigações ca-

minharam com desafogo. Verdade é que os humanistas chamando a si quasi todas as forças vitaes da Italia, prejudicaram até certo ponto o empirismo, applicado ás sciencias da natureza; mas não soffre duvida que a missão d'esses homens, pela sua grandeza e immediatas consequencias, devia preceder, como o fez, toda e qualquer outra ordem de indagações.

Mostrava-se a Egreja tolerante sempre que uma ou outra crença, não vinha affirmar-se publicamente com o escandaloso ruido de uma provocação ou de uma affronta.

O scepticismo ou a incredulidade não lhe perturbavam o seu socego, nem a arrancavam aos doces ocios do seu bem estar. Por isso o arrefecimento da fé não a alterava nem a pungia. Já S. Paulo tinha dito na primeira epistola aos Corinthios, capitulo XI, 19: «Pois é necessario que até haja entre vós heresias, para que os que são provados se manifestem entre vós.» E de feito as dissidencias e discordancias nasceram com a propria crença christan, sendo esta em si uma desenvolução revolucionaria da lei antiga, uma interpretação evolutiva do talmud.

Permittiu Deus, escreve Bergier, que houvesse hereges desde o começo do christianismo, e mesmo durante a vida dos apostolos, a fim de nos convencer que o evangelho não se creou nas trevas, mas sim á luz do dia. Observa o piedoso sacerdote, que os apostolos não tiveram sempre ouvintes doceis e tementes; mas que ao revez muitas vezes achavam estes dispostos a contrariar e refutar o doutrinamen-

to, e para mostrar quanto eram graves e de summa importancia taes collisões e disputas, relembra que os proprios apostolos se queixavam de que as contradicções e negativas dos hereges versavam todas sobre os dogmas, e não ácerca de factos ou de outros quaesquer incidentes.

As luctas do christianismo não eram uma novidade do seculo XVI. Começaram em Jerusalem depois do assombroso drama do Golgotha e iniciou-as Saulo. Continuaram depois com varia fortuna e maior ou menor ruido nos primeiros seculos da Egreja. Depois da quéda do imperio romano até aos fins do seculo XI as heresias e os hereges foram raros, e n'esses mesmos casos a Egreja limitou-se aos castigos espirituaes, ás vezes remidos por um systema de penitencias, que equivalia ás multas por delictos civis. No seculo XII rebentaram muitas discordias religiosas, originadas por varias causas, sendo as principaes a lucta dos imperadores com os papas, lucta nascida da desmesurada ambição de alguns pontifices, e da corrupção extrema a que haviam chegado os costumes da cleresia, consistindo, por isso, inicialmente a maior parte d'essas heresias na negação da auctoridade ecclesiastica. A opinião reagia contra os excessos do clero; mas, como succede em todas as reacções, ultrapassava não raro os limites do justo. Partindo de um sentimento de indignação legitima, quebrava-se frequentemente a unidade da crença. A propria corrupção ecclesiastica, de que o episcopado não era isento, afrouxando o zelo dos prelados, fazia

com que não mantivessem a severidade da disciplina. Ao passo que assim se facilitava o progresso das dissidencias, e augmentando-se as difficuldades do combate por esse motivo, a tibieza dos bispos achava desculpa no numero e poder dos dissidentes para dissimular com elles. As cousas tinham chegado a termos que as pessoas prudentes procuravam evitar as discussões em materias de fé.

Sentia-se, porém, a necessidade de acudir ao mal, tal era o estado de confusão em que se achavam as crenças. No terceiro concilio geral de Latrão, em 1179, decretaram-se providencias severissimas contra as heresias, que pelo seu incremento e pelas violencias dos seus sectarios, se tinham tornado mais perigosas. Taes eram as dos patarenos, catharos, publicanos e outras, que principalmente se espalhavam pelas provincias d'Alby, Tolosa, Aragão, Navarra e Vasconia, e que já empregavam violencias brutaes, ou para se defenderem, ou para reduzirem ao seu gremio os que se conservavam fieis á doutrina catholica.

A estes factos respondeu o concilio com a guerra.

Lançou o anathema sobre essas novas seitas, sobre os seus fautores e protectores, e negando até a estes a sepultura ecclesiastica, o concilio chamou ás armas os catholicos, auctorisou os principes a privarem de seus bens os culpados, e reduzil-os á servidão, e concedeu indulgencias por dois annos a todos os que combatessem pela religião, mandando negar o sacramento da eucharistia aos que, admoesta-

dos pelos bispos para tomarem as armas, recusassem obedecer-lhes.

Foi verdadeiramente no seculo XIII, diz um illustre escriptor, que começou a apparecer a Inquisição, como entidade até certo ponto independente; como instituição alheia ao episcopado. Altivo, persuadido, já antes de subir ao solio, dos immensos deveres e por consequencia dos immensos direitos do pontificado, resolvido a reconquistar para a Egreja a preponderancia que lhe dera Gregorio VII, e a restaurar a severidade da disciplina, meio indispensavel para obter aquelle fim, Innocencio III não se mostrou nem devia mostrar menos activo na materia das dissidencias religiosas do que nas questões disciplinares. Não se contentou com excitar o zelo dos bispos. No sul da França, e ainda nas provincias septentrionaes da Hespanha, apesar das providencias tomadas anteriormente, a heresia lavrava cada vez mais possante, favorecida por diversas causas. Em 1204 Innocencio enviou a Tolosa tres monges de Cister com plenos poderes para procederem immediatamente contra os hereges. Levavam commissão do pontifice para, nas provincias de Aix, Arles, e Narbonna, e nas dioceses vizinhas, até onde vissem que cumpria, destruirem, dispersarem e arrancarem as sementes da má doutrina. Estas faculdades extraordinarias deram a principio resultados contrarios ao intento. Os prelados, offendidos por semelhante intervenção em actos de jurisdicção propria, não só deixavam de favorecer os delegados pontificios, mas tambem lhes suscitavam

serios obstaculos, e por muito tempo os esforços d'elles foram em parte inutilizados pela má vontade dos bispos e ainda dos magistrados seculares. Apesar da auctoridade quasi illimitada de que se achavam revestidos, os tres monges teriam voltado para Roma desanimados, como mais de uma vez o pretenderam fazer, se não lhes houvesse occorrido inesperado auxilio. Foi este o de dois hespanhoes, o bispo de Osma e um conego da sua sé, Domingos de Gusmão, que o papa lhes enviou por collegas em 1206. Ambos elles mostraram maior tenacidade e energia do que os tres anteriores legados. Mas o homem proprio pelo seu zelo e actividade para desempenhar dignamente aquella espinhosa missão era Domingos. Sobre elle quasi unicamente ficou pesando o encargo de combater a heresia, desde que o bispo de Osma, passados dois annos, se recolheu á sua diocese. Foi então que o inquieto conego hespanhol buscou associar á empreza varios sacerdotes, que por fim estabeleceram uma especie de congregação em Tolosa, com a qual, sendo os seus estatutos approvados em 1216 por Honorio III, se constituiu a ordem dos frades prégadores ou dominicanos.

Apesar, porém, dos esforços empregados pelos inquisidores da fé, o incendio continuava a lavrar no meio-dia da França, e os albigenses (nome com que se designavam sem sufficiente distincção todas as seitas que n'aquellas provincias se afastavam mais ou menos da doutrina catholica) nem davam ouvidos ás predicas dos dominicanos e de outros controver-

sistas, nem cediam á violencia, onde e quando achavam em si recursos e força para a repellirem. A historia da guerra dos albigenses não é mais do que um tecido de atrocidades, e uma das paginas mais sombrias escripta pela intolerancia dos catholicos. Os albigenses tinham sido esmagados, e a lucta fôra demasiado longa para deverem contar com o exterminio.

Continuados os mesmos erros e a mesma devassidão do clero não pararam as dissidencias na Egreja câtholica, e assim depois de Jeronymo de Praga e de João Huss vieram até Luthero e Calvino.

Muitas pessoas houve, escreve Rosseeuw Saint Hilaire, que simularam não vêr na Reforma mais do que uma briga de sacristia, nascida da rivalidade de duas ordens mendicantes, e soprada por um pamphletario celebre. Taes asserções, accrescenta o referido escriptor, nem sequer se discutem. Se Roma não tivera abusado tanto do seu poderio, não seria a mão de um monge obscuro que teria força para o convellir; se a devassidão não tivera penetrado na Egreja, a voz que reclamava uma reforma teria encontrado um echo menos ruidoso no mundo christão. Se o papado, emfim, menos soberbo, tivesse sabido caminhar para essa reforma, que já não podia evitar, tornar-se-hia Luthero inutil, e a sua obra ter-se-hia feito antes d'elle e sem elle. Mas a este brado da consciencia publica, repetido até pelos proprios concilios, só com anathemas soube Roma responder. Desde então não podia haver meio de evitar um scisma, por

isso que a Egreja confessava a necessidade de uma reforma na mesma hora em que se negava a faze-la.

Todavia o livre exame e a liberdade de consciencia, como vimos por tudo que temos exposto, não eram um resultado immediato e necessario da Reforma.

Estavam no espirito, como dissemos, de todos os humanistas muito antes que o protestantismo erguesse o collo e se rebellasse contra a Egreja. A Reforma póde ser uma exaggeração da Renascença; mas não é, decerto, a origem das liberdades publicas, meditadas e formuladas pelos humanistas no estudo da antiguidade.

O individualismo, onde muitos querem ir buscar a primeira causa determinante da liberdade do pensamento, não dimanou da Reforma—avigorou-o, por meio da evolução, a Renascença.

As licções da antiguidade encarnadas em essa robusta e imaginosa geração dos homens do seculo XVI, rebentaram em expansões de individualismo, affirmado por todas as fórmas que o espirito podia então conceber, ainda mesmo n'aquellas que contrariaram profundamente a evolução religiosa, como foi sem duvida o protestantismo.

O accentuado perfil de Erasmo é a exemplificação mais frisante do que acabamos de expender.

Como litterato exerceu uma influição tão consideravel talvez como Luthero. Precursor involuntario do heresiarcha, o sceptico e timido Erasmo, pelas suas satiras contra a ignorancia e contra os vicios do clero, abrira o trilho a uma reforma mais arrojada, e

iniciara com a ironia a revolução que Luthero devia concluir pela fé.

Não falava ás paixões nem aos interesses mundanos como este, e por isso não actuou sobre tão grande numero de homens; mas impelliu porventura os espiritos n'uma direcção mais importante. Existia já, é certo, essa orientação, foi, porém, elle que a desenvolveu com maior intensidade, e que, precisando-a, accelerou a marcha e os esforços da humanidade.

Foi para o humanismo na linha progressiva da evolução, o mesmo que significa Luthero no caminho retroactivo das idéas religiosas.

Representam uma completa antithese estes dois vultos. Erasmo exprime a fórma evolutiva da Renascença, Luthero é a personificação do movimento retrogrado da Reforma.

É sabido que entre os multiplos caracteres da extraordinaria revolução do seculo XVI, ha dois que dominam e preponderam invariavelmente. Denomina-se um a Reforma — é a insurreição biblica contra a marcha evolutiva do catholicismo. É o outro a sublevação pagan contra o ascetismo e o desprezo das lettras que d'ahi promanava. Foi a esta ultima empresa que Erasmo metteu hombros com desusada energia. Abriu á erudição classica o Norte da Europa, os Paizes-Baixos, a Inglaterra e a Allemanha. Não foi só pela divulgação das linguas antigas, e pelo impulso dado á cultura das obras primas dos hellenos e dos romanos, que o seu poderoso influxo se fez

sentir, operou tambem, e, por singular maneira, no apuro do gosto com uma primorosa latinidade, e com a justa apreciação das bellezas litterarias e artisticas dos auctores, com as intensas fulgurações do seu vivo e lucidissimo espirito, com o enthusiasmo levantado pelos estudos reputados abstractos e de difficil alcance, e principalmente pela vulgarização permittida ás idéas e aos costumes, que jaziam como sequestrados em livros pouco conhecidos ou inaccessiveis aos leitores.

Menos valor teve Erasmo como philosopho, não pela inferioridade dos seus talentos—eram potentissimas as faculdades d'aquelle cerebro; mas pelas hesitações e receios que a cada hora o salteavam. Ainda assim transparecem de sobra as concepções do seu espirito, e o alvo a que pretendia attingir nos escriptos que deixou publicados.

Erasmo não era protestante nem catholico—era a expressão mais perfeita do meio illustrado e selecto em que viveu. Erasmo era a Renascença.

A sua moral está contida no *Elogio da Loucura*, nas suas cartas, nos seus livros sobre a educação, nos *Colloquios* e nas *Exhortações*. É o *Elogio da Loucura* uma especie de profissão de fé, sob a fórma de satira, onde theologos, escholasticos, frades, principes, grandes personagens, cardeaes e mesmo papas são verberados com uma inimitavel pujança de zombaria.

Seria porventura este homem protestante? Elle, a quem Luthero apodava de frouxo e de tibio, não

lhe poupando por vezes mordazes e grosseiras affrontas?

Seria acaso um asceta, um espirito piedoso e mystico, onde o fervor da crença vinha quebrar os vôos de um talento transcendente?

Não. Era o rejuvenescimento da humanidade aquecido ao lume da tradição hellenica. Era o prototypo d'essa pleiade de humanistas, que affirmavam o individualismo por meio da liberdade do pensamento e do livre exame.

Luthero, declarando formalmente que o seu racionalismo religioso não ia cercear sequer os extensos limites dos poderes magestaticos das coroas, Calvino, exemplificando a generosa tolerancia da sua heresia com a fogueira de Miguel Servet, podem ser tudo quanto a obcecação do fanatismo e o espirito de seita quizerem — o que não foram nem podiam ser, era os fundadores da verdadeira democracia, os apostolos das liberdades publicas.

Não eram os humanistas organismos nevroticos, nem espiritos allucinados. Creados á luz d'aquelle formoso sol da Renascença, sem que os cobrisse a cogula onde se reflectiam os extases e arrobamentos monasticos, foram elles os depositarios e interpretes das immunidades do povo atheniense, e das objurgatorias viris e tribunicias dos Gracchos.

O fulgido e intenso lume, acceso pelos seus laboriosos estudos, irradiou até ao seculo XVIII. Foi, então, que os philosophos e encyclopedistas francezes, acceitando esta valiosa herança, tão opulenta de tra-

dições e de glorias e tão harmonica e congruente com os exemplos praticos da livre Albion, prepararam o mais grandioso acontecimento dos tempos modernos—a Revolução franceza.

Foram elles, os humanistas, precursores e verdadeiros apostolos d'esta serie de reivindicações e de luctas em que andam empenhados os povos, e em que grande parte do protestantismo representa ainda hoje a reacção.

É na verdade extraordinario o papel que a Allemanha desempenhou no movimento intellectual d'aquella epocha. Acompanhou-o em parte, mas por uma maneira diversa. As abstracções e o transcendentalismo, que são como que apanagio dos povos germanicos, revelaram-se claramente em aquelle momento psychologico. Emquanto a Italia estudava as obras da antiguidade para aprender as sciencias, occupava-se a Allemanha em fundar escholas philosophicas. Buscavam os italianos resolver os grandes problemas do espirito humano, inspirando-se na licção dos antigos, e seduzidos pela belleza da fórma, iniciavam as suas futuras glorias artisticas e litterarias imitando os primeiros lavores da antiguidade.

O impulso, na Allemanha, encaminhou-se logo, sem hesitações nem demora, para os estudos religiosos, onde o idealismo mais exaggerado deparava com os seus dominios.

Os humanistas por então mais celebres e arredados depois de toda a sombra de mysticismo, encetaram a sua carreira por estes impidosos trilhos.

Reuchlin compôz uma grammatica hebraica, que reputava um monumento mais duradoiro do que o bronze. Por este meio facilitou vantajosamente o estudo do Velho Testamento. Erasmo occupou-se da Lei nova e fê-la primeiro imprimir em grego. A paraphrase e annotações produziram um effeito superior aos seus intentos.

Em breve trecho eram arrastados pela impulsão dos seus proprios estudos, e difficilmente a Egreja os poderia reputar orthodoxos.

Não eram só os humanistas que assim pensavam —pode-se dizer que era a Italia inteira.

De feito o povo, diz Taine, por temperamento é pagão, e as pessoas illustradas por educação são incredulas. Entendamo'-nos, porém: incredulas no sentido estricto de não acceitar humildemente todos os artigos de fé, todos os dogmas, todos os mysterios em que a Egreja manda crer, eram-no de certo. Mas nem por isso se devem reputar descrentes. Não lhes podemos chamar impios, nem infieis, nem tão pouco irreligiosos.

Concebe-se que lhes repugnasse o ascetismo christão e a doutrina das macerações da carne, na hora em que todas as fascinações da Renascença os estavam afastando da vida contemplativa, e os convidavam para os gosos do mais requintado sensualismo.

«Encontrareis nos poetas, observa um eminente critico, em Ariosto, em Ludovici o Veneziano, em Pulci as mais vivas investidas contra os frades, e as insinuações mais livres com respeito aos dogmas.»

Era grande effectivamente a animosidade dos italianos contra o clero, e desde Dante que se manifestava sem largas periphrases na litteratura e na historia. Nem a opinião publica usava de maior indulgencia com o proprio papado. Ha sobre estes assumptos trechos notaveis, em Machiavel e Francesco Guicciardini, que devem ser lidos e meditados por largas horas.

Houve bispos e numerosos presbyteros que inspiraram profundo respeito e extrema veneração, não sendo ignorados os nomes de muitos d'elles, ao passo que os conegos e os frades foram na generalidade suspeitos e assaz desconsiderados. Não raro davam causa á mais viperina maledicencia, e a justissimas accusações que iam ferir uma classe inteira.

Por isso Gil Vicente na Scena Segunda da *Rubena,* quando os Espiritos vão buscar o berço, trava entre Caroto e Draguinho o seguinte dialogo:

«CAROTO

Draguinho, tu a San Vicente de fóra.

DRAGUINHO

E tu?

CAROTO

Á Sé;
Por que crede que alli he
O feito mais commumente.»

E no *Auto da Barca do Inferno* diz o Diabo, Arrais do Inferno:

«Que cousa tão preciosa!
Entrae, Padre reverendo.

FRADE

Pera onde levaes gente?

DIABO

Pera aquelle fogo ardente,
Que não temeste vivendo.

FRADE

Juro a Deos que não t'entendo:
E este hábito me não val?

DIABO

Gentil padre mundanal,
A Berzebu vos commendo.

FRADE

Corpo de Deos consagrado!
Pola fé de Jesu Christo,
Qu'eu não posso entender isto:
Eu hei de ser condemnado?
Hum padre tão namorado,
E tanto dado á virtude!
Assi Deos me dê saude,
Que estou maravilhado.

DIABO

Não façamos mais detença;
Embarcae, e partiremos;
Tomareis um par de remos.

FRADE

Não ficou isso n'avença.

DIABO

Pois dada está ja a sentença.»

Desde o seculo XII se repetiam na Europa estas violentas censuras contra o clero. Não só hereges como os albigenses no seculo XIII, os discipulos de Wycleffe no seculo XIV e os hussitas no seculo XV, mas os proprios doutores da Egreja e os concilios até, declaravam que a maior parte dos prelados, padres e frades estava pervertida pela riqueza e ociosidade em que vivia. Exprobravam-lhes os pomposos trajos, o assombroso luxo, o orgulho desmedido, a corrupção desenfreada e a supina ignorancia. Á medida que a instrucção se diffundia entre os seculares, mais affrontoso se lhes antojava este reprehensivel e contumelioso espectaculo.

Entre os mais descontentes contavam-se os povos do Norte, como eram os allemaens e inglezes.

Por muito tempo o prestigio do pontificado, descolorido já por todas as outras regiões, se conservara na Allemanha em todo o seu fulgor. Mas os escandalos praticados durante a vida de Alexandre VI, essa congerie monstruosa de astucia, de depravação e de fereza, tinham por fim aberto os olhos até aos menos suspeitosos e mais confiados. Toda essa antiga moralidade que jazia no fundo dos corações allemaens, re-

voltara-se á vista d'esta perversão ao mesmo tempo cynica e sangrenta. Por mais atrazada que parecesse a Germania, o ultimo povo da Europa conquistado pelo christianismo e pela civilização, penetrara lá, dissipando-lhe a treva, a luz que irradiava da Italia. Tinha, pois, a Allemanha, como já dissemos, uma Renascença consoante a sua modalidade. Partindo o movimento das classes mais elevadas, desceu quedo e quedo até ás ultimas camadas sociaes. Entre um povo visionario e obstinado, logo que reboasse o vozear da Reforma, era evidente que ninguem poderia abafar esse clamor. Foi o que succedeu.

Certeiros iam seus odios ferir os italianos que governavam a Egreja, e dirigiam-nos principalmente contra o papa e contra a côrte de Roma.

Com a Renascença entrou a excitação no seu apogeu. Não podiam conceber, tal era a sua simpleza e fervor religioso, que o chefe da Egreja christan podesse extasiar-se na presença das estatuas e dos livros pagãos. No seu regresso á patria, depois de ter visto a Italia, Luthero que entrara alli cheio de escrupulos e de fé, dizia nos transportes da mais viva indignação: «São inacreditaveis os crimes que se commettem em Roma... Nós os allemaens abarrotamo-nos de bebidas até rebentar emquanto que os italianos são de uma temperança rara; mas tambem não ha impiedade que os possa egualar. Zombam da verdadeira religião, escarnecem-nos a nós christãos, porque cremos firmemente em tudo quanto a sagrada Escriptura contém... Quando vão á Egreja, dizem

na Italia: «Vamos lá accommodar-nos com as abusões populares. Se foramos compellidos, tambem dizem, a crer em tudo quanto Deus manda, seriamos demasiado infelizes, sem lograrmos sequer um momento de alegria...» São os italianos ou epicureos ou supersticiosos. Arreccia-se mais o povo de Santo Antonio ou de S. Sebastião do que teme o proprio Christo, e a rasão é por causa das chagas com que aquelles o podem flagellar. Vivem, pois, na mais extremada superstição, sem attenderem á palavra de Deus, e negando-se a acreditar na resurreição da carne e na vida eterna. Festejam o carnaval com inconveniencia e loucura sem limites, durante longas semanas, e não ha libertinagem com que não acompanhem estes folguedos, porque são homens sem consciencia, engolfados a cada hora em acções nefandas e peccaminosas.» Eram estes, em todo o seu exaggero, os sentimentos que, no seculo XVI, partilhava a maioria dos allemaens e inglezes.

Ora, Leão X, como nos diz um embaixador veneziano, era amador das lettras e das artes, erudito em humanidades e direito canonico, singularmente diserto, e musico distincto. Espelha-se n'estas breves phrases a Italia d'aquelles tempos, vista pelos olhos perspicazes de um solerte diplomata, que não obedecia ás suggestões pessimistas de um monge allucinado.

Para observar, em exame mais detido, o espirito que presidiu á protecção dispensada por este papa ás lettras e ás sciencias, convem ler algumas pagi-

nas do philosopho que foi seu mestre. Nunca um scepticismo absoluto, uma audaciosa e aggressiva incredulidade, nem um violento epicurismo formaram os traços geraes e dominantes da epocha. Deixemos vociferar o augustiniano. A feridade do Norte, por ser mais grosseira e brutal, não era menos fecunda do que os ardis e traças dos Borgias. O que reinava então na Italia era como que uma conciliação complacente e harmoniosa, uma tolerancia reciproca, uma especie de connubio de affeição e de conveniencia entre a antiguidade e os tempos modernos, entre a philosophia e o christianismo. A Leão x inspirava Marsilio estes generosos sentimentos. Pensava assim era estreito o parentesco entre a philosophia e a religião; sendo o coração e o entendimento, na phrase de Platão, as duas azas com que o homem vôa para a patria celeste, o padre chega lá pelo coração, e pelo entendimento o philosopho; todas as religiões encerram algum principio bom, por mais diffusa e menos correcta que se mostre a sua doutrina. Só servem a Deus devéras aquelles que a cada momento lhe estão rendendo homenagem pelos actos, pela bondade, pela veracidade, pela caridade, e pelos incessantes esforços tendentes a attingir ás fulgurações da sua intelligencia. Fazia mover as espheras celestes este neo-platonico, pelas almas que giravam perpetuamente; por baixo de um céo christão desenvolvia a astronomia pagan; e, reatando a philosophia, a fé e as sciencias, compunha um todo, onde a razão profana e o dogma revelado se completavam, expla-

nando-se reciprocamente. É por esta arte que a admiração de Leão x pelas obras primas do paganismo, não se sobresalta com os impulsos da fé, as praticas christans acceitam benevolentes o pendor de animo para a astrologia, assim como a litteratura e as artes alliam, sem esforço, a belleza pagan com a inspiração do mysticismo christão. N'estes devaneios era o céo o olympo, e Deus o *Sommo Giove,* assim como os santos e as santas eram *Dii* e *Deæ,* e S. Pedro e S. Paulo passavam pelos *Dii Tutelares Romæ.* Prosadores e poetas, ligeiramente imbuidos em um scepticismo elegante, foram secretarios apostolicos, conegos e bispos em uma Egreja onde os escrupulos não abundavam. A flexibilidade da consciencia e a complacencia do espirito, na avidez de uma vida facil e gososa, cobriam de rosas esta marcha festival.

Enxameavam em toda a litteratura os mais pungentes motejos e acerbos epigrammas contra os frades. Pode-se quasi assegurar, opina um illustre erudito, que não tardaria a Renascença a varrer sem dó nem piedade todas as ordens religiosas, se a Reforma alleman e a contra-Reforma não tivessem sobrevindo. Para expulsar os frades, accrescenta o mesmo escriptor, bastaria só que opportunamente se entendessem com qualquer papa, que tivesse em desprezo as ordens mendicantes, como era por exemplo Leão x. Se o espirito do seculo tinha os monges por odiosos e ridiculos, tambem a Egreja começava a consideral-os como pesado estorvo e grave embaraço.

A auctoridade que se arrogava, no fim do seculo xv, o padre inquisidor de um convento de dominicos, por uma fórma permanente, na cidade em que residia, se era bastante ainda para incommodar e indignar os homens illustrados, tornara-se, porèm, demasiado fraca para se temer na realidade, e para forçar a actos publicos de devoção. Já não era possivel, como no passado, punir meras opiniões, ao passo que não se considerava difficil evitar a accusação de heterodoxo, usando sem risco da maxima liberdade da palavra contra o clero.

A não acontecer que interviesse um partido poderoso, como succedeu a Savonarola, ou que se pretendesse reprimir um crime de maleficio, caso este que não raro se repetia nas cidades da alta Italia, só excepcionalmente se accenderam as fogueiras patibulares, nos fins do xv seculo e nos começos do xvi. Ao que parece, satisfaziam-se os inquisidores as mais das vezes com uma retractação superficial, e outras occasiões houve, em que o condemnado lhes era tirado das mãos quando o conduziam ao supplicio. A fereza e atrocidades da Inquisição estavam reservadas para Hespanha e Portugal.

De feito a Egreja, na Italia, foi tolerante e em certo ponto compassiva até ao momento da Reforma, sempre que as suas instituições não correram gravissimo risco, e sempre que escandalos ruidosos a não vieram affrontar publicamente.

Acceitava a evolução, que ia suavemente com a sua força de expansibilidade transformando o catho-

licismo; repellia, porém, energicamente a revolução, porque esta, perturbando-a na sua marcha, tendia á sua completa ruina.

Foi esta a causa da contra-Reforma, e d'aqui se originou a reacção.

Transes muito mais angustiosos teve a Egreja, heresias muito mais inquietadoras com relação á crença, no tocante aos dogmas, e soube e poude debellar todas essas ameaças.

Se no seculo XVI não teve um triumpho completo, é porque a lucta, iniciada no campo das idéas, transmudou-se em breve trecho para a arena dos interesses.

Detraz de Luthero ergueram-se os principes germanicos, avidos da secularização dos bens de que se pretendiam apossar.

Depois da collisão em que S. Paulo sahiu vencedor, o mais formidavel lance em que a Egreja se achou empenhada, preparou-lh'o a heresia de Ario —jogou-se ahi a sorte do christianismo.

Era Ario um presbytero de Alexandria, afamado de sciencia, de austeridade de vida, e não menos pela sua vigorosa dialectica. Se o Filho, dizia elle, é gerado do Pae como a Egreja ensina, existia o Pae antes do Filho, e não ha egualdade entre as duas primeiras pessoas da Trindade. Nada tinha de imperfeito o raciocinio, mas tentar com a razão resolver um mysterio, é destruil-o. Exalçava Ario o Deus do espirito, que os philosophos collocavam solitario sobre o throno da eternidade, mas expellia do adyto

sacrosanto o Deus do coração — aquelle que a imaginação via redivivo nas planuras da Galiléa, e nas relvosas margens do Jordão, cercado de creanças e de mulheres piedosas, fulgente e radioso na gloriosa transfiguração do Thabor, e hirto e sangrento pendido d'um madeiro, no horrente e infando drama do Golgotha.

Para crear uma religião força era possuir um Deus assim.

Os homens de governo, que innumeros teem sido sempre na Egreja, a par dos mysticos e dos ascetas, não erravam no seu proposito, sabiam de sobejo que o christianismo todo está em Christo, que a sua divindade era a grande innovação religiosa — a boa nova tão ardentemente esperada — e que se a enredassem, compromettendo-a, nos meandros de arrazoados sophisticos, todo aquelle edificio tão prudente e cautelosamente levantado, viria a terra n'um desmoronamento irreparavel. Ora, fazendo de Jesus a primeira das creaturas sómente, roubando-lhe a eternidade, cimentavam as crenças áquelles que não veriam n'elle mais do que um homem, como o haviam já ensinado Cerintho, os ebionistas e Paulo de Samosate. Mais perigosa consequencia manava d'aqui ainda: era uma satisfação dada a muitos pagãos e mesmo a convertidos a quem a Trindade inquietava, e que por meio do arianismo recobravam o seu Deus unico, aquelle mesmo que o proprio imperador adorava. Demais, que se diria a todos esses homens simples e crentes, muitos d'elles com as cicatrizes ainda arro-

xeadas dos tratos e do martyrio? Fôra por Christo que haviam sido postos a tormento, e que irmãos seus haviam padecido o supplicio extremo, e em todas as suas demoradas angustias e cruciantes provações só bradavam por Christo, Filho de Deus, sómente invocavam Jesus como sendo Elle o proprio Deus. Que se diria a estes obreiros, tão diligentes e tão convictos, que velavam e soffriam n'esta augusta empresa da redempção?

Attendamos aos tempos e ao meio, para nos compenetrarmos com exacção d'essas luctas de gigantes, em que, pospostos os interesses terreaes, visava a creatura a desvelar os segredos do céo.

Perturbavam-se os orthodoxos, por modo extranho, com a reapparição da tenaz e obstinada heresia, que sob o véo das expressões theologicas, era uma reproducção offensiva do racionalismo vencido, querendo arcar de novo com o christianismo triumphante.

Condemnou esta heresia o concilio de Nicéa. Foi a decisão no fundo mais uma questão de sentimento do que uma solução metaphysica. Mas o sentimento, por mais que o neguem, será sempre um poderoso motor na marcha da humanidade.

Como se vê, a Egreja caminhou sempre na linha da evolução. Com S. Paulo creou a religião universal, pelo concilio de Nicéa firmou o seu credo, quebrando com todas as tradições e systemas philosophicos que lhe embaraçavam e obstruiam a marcha.

No seculo XVI foram outros os pretextos e diver-

so o meio em que a peleja se feriu, e como era inteiramente differente a situação e representava variadissimos interesses, occasionou os mais extranhos successos.

O protestantismo foi em si, na sua essencia, uma retrogradação manifesta, e o catholicismo, avisado pelos prenuncios de uma grande catastrophe, na turbação do momento reagiu, recuou, para mais tarde se deter e immobilizar.

O lutheranismo, no intento abstruso de abluir a Egreja dos erros que lhe presuppunha, e de acendrar a seu talante as virtudes que a exornavam, retrocedeu.

A religião catholica, no proposito de anniquilar a formidavel heresia, e receosa de um irremediavel exicio, retrogradau.

Duas reacções, ambas ellas pertinazes e enduradas irromperam d'esta revolução religiosa: a Reforma e a contra-Reforma.

A evolução, que ia na sua marcha ininterrupta e suave, teve de se deter na presença de tamanhos odios, concitados por esta immensa rapsodia medieval.

«A marcha das idéas do seculo», diz um escriptor germanico e protestante, «levava directamente a esta lucta com a Egreja.» «Do outro lado dos Alpes», continúa o citado auctor, «ia essa marcha de envolta com a sciencia e com a litteratura; d'este lado sahia dos proprios estudos ecclesiasticos e dos trabalhos de uma theologia mais profunda. Do outro lado era negativa

e incredula, d'este era positiva e crente. Na Italia destruia os fundamentos da Egreja, na Allemanha restabelecia-os de novo. Lá era zombeteira, satirica e submettia-se ao poder—aqui ardia em zelo e em colera, e arrojou-se á referta mais ousada de que ha memoria na Egreja romana.»

Afigura-se-nos estar ouvindo o proprio Luthero. Aquelles cerebros do Norte, tão dispostos para se envolverem nas mais nubladas theorias que o espirito humano possa conceber, não mediram até hoje o despenhadeiro para onde iam arremessando o christianismo, e como contrariaram inconscientemente a marcha da evolução.

Nem a Reforma achanou a senda á liberdade, como quer um eminente escriptor da America ingleza, nem moralizou mais o homem, nem tão pouco lhe proporcionou meios para augmentar a sua instrucção.

Estabeleceu a lucta, desencadeou a perseguição e os rancores, e tanto lutheranos como calvinistas, presbyteranos como catholicos recorreram ás armas, aos supplicios e ao morticinio, como ao argumento supremo das suas crenças e dos seus mais nobres ideaes. Nem tem que ver a liberdade do pensamento com esta dolorosa phase da religião christan.

Os partidarios da Reforma não falavam, como philosophos, em nome da razão e do livre exame. Longe de convidar os fieis a examinarem livremente as suas crenças, para repellirem aquellas que tivessem por inverosimeis e irracionaes, mandavam-lhes ao revez que se acautelassem da razão. «A palavra

de Deus», diz Luthero, «é uma loucura aos olhos da razão... A razão não faz mais que blasphemar a Deus e criticar as suas obras, não comprehende Deus, é necessario mata-la. Deve o christão cerrar os olhos, os ouvidos, os sentimentos e nada mais pedir.»

O que os homens da Reforma lançavam em rosto á Egreja, não era a sobejidão da crença, era a pouquidade d'ella.

Nem a Reforma era tambem uma revolução politica, aprestada para libertar os povos do poder absoluto. Quando os rudos camponezes da Allemanha se revoltaram em nome da Escriptura sagrada, condemnou-os Luthero com inaudita violencia: «Sejam quaes forem os direitos dos aldeãos, só pelo facto de os reclamarem são culpados; devem soffrer e calar se pretendem ser christãos. Deixa-se o christão roubar, escorchar e matar, porque é um martyr sobre a terra. É pagan a doutrina da resistencia, usaram-na gregos e romanos, mas o Evangelho nada tem de commum com o direito natural.»

Não se empenhavam os partidarios da Reforma em libertar a razão, nem em reorganizar o Estado. Tinham o proposito de não innovar nada na religião, queriam apenas restabelecer a fé christan na sua pureza primitiva. Se rejeitavam a tradição, doutrinada pela Egreja, não era porque a achassem irracional, é porque a tinham por contraria á palavra de Deus. Pretendiam recuar quinze seculos para se encontrarem com os apostolos. Tinha a Egreja desenvolvido e ampliado a religião de Christo pela expansão evo-

lutiva, pois bem, iam elles muito depois tornar a beber a doutrina pura na Escriptura sagrada. Nem os contentava já o lê-la na versão latina, como até então se fizera, tomou-os n'esse momento a anciedade de ler os Evangelhos em grego, e em hebraico o Velho Testamento.

Voltaram para a antiguidade religiosa, como os litteratos da Renascença tinham volvido á antiguidade profana. E tão obcecados iam, impellidos pelo seu ardente fanatismo, que a este manifesto retrocesso denominavam restauração.

Mas esta supposta restauração não podia ser feita sem um abalo formidavel. Se tudo o que fôra estabelecido pela Egreja durante quinze seculos, não era mais do que uma constante alteração da verdade christan, tudo devia ser destruido e anniquilado. De feito, nada escapou aos sectarios da Reforma. Repudiaram todas as doutrinas e todas as praticas que não encontravam no Evangelho—o purgatorio e a doutrina do merito dos santos e das indulgencias, a auctoridade do papa e dos bispos, o celibato dos padres, os conventos, a missa, as imagens, os ornamentos das egrejas, as procissões, o culto dos santos e da Virgem, as reliquias, as romarias e a maior parte dos sacramentos.

Era destruir a religião antiga baseada na tradição, substituindo-a, sem que o percebessem, por uma religião nova, fundada sobre uma arbitraria interpretação da Escriptura.

Do antigo catholicismo conservavam apenas as

crenças, sem que nada subsistisse da organização do culto, nem dos exercicios espirituaes.

Supprimiu a Reforma clero, papa, bispos, presbyteros e frades. Os *pastores*, encarregados de ensinar a palavra de Deus, não se assemelham aos sacerdotes, por isso que, casando-se e vivendo no meio dos seculares, obedecem forçosamente a interesses mundanos, e deixam de ser uma classe especial.

Concebe-se uma religião em que não exista o padre, em que o crente não careça de intermediario entre o seu espirito e a divindade, em que a oração se eleve da sua alma sem auxilio extranho, sem intervenção de terceiro, e vá na pureza da sua fé echoar junto do throno do Eterno. Mas onde o sacerdote tiver de existir, onde o padre occupar um logar proeminente, o celibato impõe-se como um dever, faz-se acceitar como uma indeclinavel necessidade.

Obscuros como foram os homens que iniciaram a revolta, ter-se-ia ella dissipado á semelhança de tantas outras insurreições, levantadas algumas d'ellas com mais vigorosos esteios, se muitas e variadas causas alheias á fé a não estivessem excitando e promovendo.

Era Luthero um simples frade, doutor da pequena universidade de Wittenberg, Zwingle pastoreava uma modesta parochia em Glaris, e Calvino nascera em Noyon de uma familia modestamente abastada da Picardia.

Originou a sedição um assumpto de que nós já

nos occupámos. Foi a questão das indulgencias, o meio de obter quantiosas sommas para a edificação da basilica de S. Pedro. Contrariado por Luthero este facto como opposto á lettra da Escriptura, manteve o pontifice o proceder do seu enviado, e censurou as opiniões do exaltado monge.

Empenhou-se a lucta sob a fórma de disputas theologicas, e o que a principio se afigurava ser uma rivalidade monachal, tomou então o aspecto formidavel de insurreição religiosa.

Entregues ás suas proprias forças teriam sido os partidarios da Reforma esmagados, como o foram os hereges do decimo terceiro seculo, se, ateado o lume da discordia, não lhes surgissem alliados que interesses individuaes e politicos chamavam em seu soccorro.

Para a classe média das populações do Septentrião, foi irresistivel attractivo poderem por seus olhos seguir a leitura dos Livros sagrados, ouvir na vernaculidade dos seus idiomas a explicação d'elles, rezar na sua propria lingua as orações e os canticos sacros, e receber a communhão pelo calice. Tambem á nobreza lhe sorriu a esperança de se libertar do clero, que em muitos casos a opprimia e vexava. Não escasseavam aventureiros, que medissem as vantagens de tão espectaculoso pretexto, para á sua sombra espoliarem, impunes, innumeras preciosidades nas egrejas e mosteiros accumuladas.

Paizes houve em que o mesmo clero, no proposito de se tornar independente do papado e de eri-

gir uma Egreja nacional, sustentou ousadamente a Reforma. Não poucos soberanos, sendo um d'elles Henrique VIII, se mostravam, por motivos pessoaes, assaz descontentes da curia romana. Outros havia que não occultavam os seus intentos de usurparem o poder e as prerogativas papaes, assim como muitos nobres, semelhantes áquelles a quem o tutor do principe de Galles, em carta dirigida a sir W. Paget, denomina: «lobos importunos, capazes de devorar capellas, cathedraes, universidades e tudo o mais que appetecesse á sua insaciavel voracidade.» Sem nos occuparmos dos que attentavam em pôr a saque os estabelecimentos enriquecidos pela piedade de muitos seculos, e que por isso mesmo estavam promptos a dar toda a sua influencia ao serviço da revolução.

Não soffre duvida que os auxiliares mais poderosos da Reforma, foram os principes, e na Allemanha os corpos dirigentes das cidades livres. Tinham os bispos ainda tribunaes, onde corriam não só os processos referentes a clerigos, mas muitos outros puramente civis. Possuiam os bispados e abbadias vastissimos dominios, podendo-se dizer da Allemanha que a terça parte do territorio lhes estava enfeudado. N'estes termos, pode-se facilmente conceber o ardente enthusiasmo com que seriam recebidos os homens da Reforma, que começavam por sustentar, que devia o clero voltar á pobreza dos primitivos tempos da religião christan, e renunciar inteiramente a qualquer poder politico. Os principes e as auctoridades

das cidades que adoptavam a Reforma, supprimiam logo os conventos, despojavam os bispos e os abbades de todos os bens ecclesiasticos, de todo o poder e de toda a justiça como contrarios ao Evangelho, e empossavam-se a si mesmos n'esses gosos e beneficios. Localidades houve em que o mesmo principe prelado fez a Reforma, contrahiu matrimonio, transmudou-se em soberano secular, e com os dominios da sua egreja constituiu em proveito proprio um Estado secular. Foi por esta arte que o grão-mestre da ordem teutonica se transformou em duque da Prussia.

Pela adopção da Reforma augmentaram os principes os seus territorios e cresceram em auctoridade.

Como o clero catholico vivia na opulencia, e tinha por auxiliar constante a poderosa vontade dos pontifices, não podia haver confrontação com a humilhante situação dos pastores da Reforma, que, pobres e isolados, dependiam exclusivamente do governo que os mantinha e remunerava. Além dos seus antigos direitos assumiram os principes todos os poderes dos bispos e do papa, tornando-se ao mesmo tempo chefes do Estado e chefes da Egreja.

É innegavel, pois, o interesse directo e immediato que os principes tinham na Reforma. Foi um principe, o eleitor de Saxe, que em um dos seus castellos escondeu Luthero. Foram principes allemaens que apresentaram á Dieta as reclamações dos defensores da Reforma, e que *protestaram* contra as decisões d'aquella assembléa, e foram os reis da Suecia, da Dinamarca e de Inglaterra, que introduziram a

Reforma nos seus Estados. Exceptuando a Hollanda e a Escossia, onde o protestantismo entrou levado pela revolta, em todos os outros paizes em que a Reforma vingou, deveu-o tão sómente á acção e influxo dos governos. Assim succedeu em Inglaterra, na Suecia, na Dinamarca e nos Estados allemaens.

As mesmas causas produziram em França identicos resultados.

Adheriu a nobreza ao protestantismo, arrastada por ambições semelhantes e analogos interesses. Viu a aristocracia ingleza e a alleman apossarem-se dos vastos dominios confiscados á Egreja, e esperava, se o calvinismo triumphasse, enriquecer-se pela mesma maneira. Além d'isto, o repoiso obrigado e a obediencia constante, insoffridamente prestada, pesavam e humilhavam esta classe por natureza tão bellicosa e turbulenta. Presentia que, por meio das perturbações religiosas, poderia com facilidade convellir a auctoridade real e recobrar a antiga independencia.

Os litteratos, os philosophos, os humanistas finalmente, como então se appellidavam, embora não se convertessem ao protestantismo, nem por isso reagiam contra elle. Pretendiam libertar-se do jugo que a theologia lhes impunha, e como a desenvolução das idéas não corria tão veloz como precipitados eram os seus desejos n'um meio tão arredado ainda das suas proprias cogitações, azedava-os a Egreja com a sua intolerancia, com os estorvos que oppunha ás indagações scientificas, e com os rigores empregados contra os hereges. Podemos numerar entre esses espiri-

tos independentes Lefèvre d'Étaples, que publicou uma revisão da *Vulgata* ou texto latino das Escripturas, e que teve de se refugiar na côrte de Margarida de Valois, assim como Luiz Berquin e Dolet, que foram justiçados um em 1529 e o outro em 1546.

Em França as grandes massas populares, tanto nas cidades como nos campos, mostravam-se hostis á Reforma. Não era só como uma innovação impia que ella se lhes revelava, apparecia-lhes tambem desacreditada como sendo uma importação do extrangeiro, e suspeita, porque exprimia como que um rebate a fim de reunir a nobreza em um sentimento commum.

Pode-se asseverar que a nobreza na sua maioria abraçou o protestantismo, ao passo que a maior parte da burguezia se conservou catholica. E não é ocioso observar aqui, que esta classe média tão suspeitosa dos intentos da aristocracia, e que se negou a acompanha-la nas prolongadas luctas da Reforma, apparelhava sem descanço as futuras explosões das idéas democraticas.

Logo que o protestantismo obteve o apoio da classe militar, transmudou-se em um partido armado, e poude arcar sem desvantagem com os exercitos reaes. No reinado de Francisco II tentaram os huguenotes apoderar-se da pessoa do rei nos paços d'Amboise. Quatro guerras civis explodiram durante a vida de Carlos IX, outras quatro assolaram a França nos tempos de Henrique III, e prolongou-se a lucta com Henrique IV.

Quando os odios raivavam n'essas nefastas refertas, eram os catholicos alcunhados de papistas, e denominados huguenotes os protestantes (do vocabulo allemão *eidgenossen*, confederados). Note-se, porém, que todas as rebelliões, pelejas e recontros dos huguenotes tiveram o caracter manifesto de uma insurreição aristocratica, onde o livre exame em materia religiosa, entrava apenas como mero pretexto para escudar as mais insaciaveis e insoffridas ambições. No reinado de Henrique III houve um movimento revolucionario com todo o aspecto de sublevação democratica, mas foram os catholicos que o promoveram, e com elles conservou essa fórma indelevel das suas immanentes aspirações.

Em presença d'estes formidaveis rebates dados no campo catholico, seria para conjecturar que o papado tocara as raias da sua ruina. Mas os factos que obedecem, na sua marcha evolutiva, a leis inalteraveis e fataes, revelaram-se por diversa maneira e desvelaram outros horizontes. De trezentos milhões de christãos n'esta hora existentes, mais de metade obedecem a Roma. Como que se immobilizou a Reforma, ao passo que o catholicismo poude não só estorvar-lhe a diffusão, mas conseguiu até reconquistar uma parte do que perdera.

Anteviam os humanistas, os espiritos cultos d'aquella era, que o protestantismo vinha tolher a intensiva força de expansibilidade que impulsionava a Egreja, impedindo a marcha progressiva da doutrina e da crença. Viram claramente que se prestava um

serviço mais valioso á tranquillidade, á ventura e aos progressos da christandade, não animando nem auxiliando por modo algum idéas que tantas turbações haviam já causado, e que parecia encerrarem, na sua essencia, um principio inherente de desorganização social.

Na natureza intrinseca da Reforma, opina um illustre historiador, encontramos ainda uma causa, que paralysou de subito a sua força de expansão. O principio de decomposição que ella representava, e a que estava ligada por inextricaveis laços, implicava necessariamente opposição. Por algum tempo convergiram todas as attenções do protestantismo para a auctoridade papal. Estava alli o odiado antagonista, o poderoso adversario deante de quem se cavara um abysmo insuperavel, mas á medida que se foi robustecendo, e adquirindo maior grau de independencia, foi-se apagando pouco a pouco este alvo exclusivo de tão laboriosas preoccupações. Avolumaram-se então as divergencias ácerca de assumptos secundarios, e cada uma d'essas discordancias operou como fonte d'onde manaram outras seitas e incipientes desaccordos.

A violencia com que se combateu o papado, não perdeu na intensidade quando a lucta recomeçou com rivaes e inimigos mais proximos. Não foi só entre as grandes seitas que se feriram estas pelejas, como succedeu entre a egreja de Inglaterra e a egreja da Escossia, cujas dissenções e desavenças assentavam em pontos de doutrina, que a todos se patenteavam como

importantes e essenciaes. Em todos os grupos se manifestou o mesmo espirito de desintelligencia, emquanto que se iam reproduzindo e medrando, e por esta arte se geravam graves conflictos, entre as seitas que emparelhavam na força, e uma perseguição immane contra aquellas que as não podiam egualar na robustez e vigor. Tal foi a rapidez com que a decomposição operou, que não veio detençosa a desharmonia em questões meramente accessorias, originando-se d'aqui uma serie infinda de requestas e de porfias entre as pequenas communidades, sem que o odio e a acrimonia fossem em menor escala. Não se limitavam estas divergencias a assumptos religiosos, invadiram tambem as questões da vida civil, e cada seita tendeu a formar uma sociedade pelos seus proprios esforços, e a abster-se quanto fosse possivel de qualquer associação com as suas rivaes. Concebe-se qual seria a fraqueza que de tão desatinado proceder devia promanar, e ainda quando não houvesse outras causas, bastaria esta para arrancar ao protestantismo toda a sua força de aggressão. A discordia intestina foi sempre um poderoso auxiliar para adversarios vigilantes e cautelosos.

Demais, o protestantismo decompunha—não organizava. A sua propria natureza lhe negava as faculdades de construir. Não tinha em si nenhum elemento constitutivo, capaz de unir por laços indissoluveis communidades arredadas umas das outras por varias causas, e nações por indole e por costumes tão diversas. Nascera da dissenção e significava a

separação. Falleciam-lhe os meios para condensar e centralizar o seu poder, e vergar-se aos intentos indisputaveis de um homem apostolico, que possuisse prestigio para suffocar discussões, avassallar consciencias, equilibrar e harmonizar doutrinas, impondo-se a todos pela sua superioridade. Para lograr estes fins não possuia o protestante mais do que a aspiração, ao passo que o catholico tinha a vontade. Todas essas egrejas protestantes, disseminadas pelo Norte, preenchiam talvez a sua missão, mas eram apenas instituições locaes completamente insignificantes, se as compararmos com esta imponente, vetusta e veneranda Egreja, que viu nascer todos os governos e todas as instituições da Europa, contribuindo não raro para o seu prestigio e consolidação, que extirpou o paganismo do imperio romano, que coagiu os cesares a cumprir os seus mandados, e que arremessou com impulso omnipotente innumeraveis legiões sobre a terra onde surgira a crença. Ainda não havia muito que esta magestosa e venusta Egreja assumira poderes superiores aos de um imperio christão, e em face da qual as egrejas nacionaes eram infinitesimos fragmentos d'outro fragmento heretico, onde se crearam.

Outra era a situação do catholicismo. Organizado com a maxima superioridade, concentrava nas mãos de um unico homem poderes irresistiveis e prestigiosos, e abrangia todos os paizes do sul da Europa, onde não fluctuava o estandarte do crescente. Podia apoiar a sua politica sobre os exercitos e as armadas

de todos os reinos que reconheciam a sua auctoridade.

Do que fica exposto se deprehende, como a diffusão da Reforma se immobilizou logo depois do seu primeiro vôo, e como os homens que assistiram ao seu nascimento a poderam tambem contemplar no seu apogeu.

Bosquejámos a traços largos o seculo XVI, e fomos observa-lo na região onde se accumulavam todas as forças intellectuaes, que deviam produzir um assombroso movimento social. Alludimos a um grande numero de escriptores, de philosophos, de historiadores, de esculptores e sobretudo de pintores, alguns d'elles de tão extraordinario genio, que ainda até hoje não foram excedidos. Mostrámos como a sociedade, depois de um periodo de immobilidade apparente e de uma larga elaboração occulta, surgiu como de uma chrysallida radiosa e fulgente.

É a esse pasmoso conjuncto de successos e a essa florescencia esplendorosa de talentos, que nós chamamos a Renascença.

Foi esta a fórma deslumbrante da evolução.

Suppozeram os historiadores dos seculos seguintes, que a arte, morta durante a edade-média como então se dizia, renascera de improviso no decimo sexto seculo. Sabe-se hoje que nunca se partira o fio das tradições, e que o periodo da Renascença não é mais do que o momento psychologico em que a arte medieva, rejuvenescida pelo estudo da antiguidade, attingiu a sua perfeição.

Foi a Reforma o reverso d'este maravilhoso quadro.

Não era o protestantismo uma fórma da evolução — era a reacção.

Não houve nunca instituição social alguma, que reunisse no seu seio um tão grande numero de homens superiores, como alcançou o catholicismo. Intelligencias vastissimas e das mais variadas aptidões convergiram sempre para o mesmo fim. Com uma orientação habilmente determinada, conceberam sempre, que sem unidade na fé, na doutrina, na lingua e na exegese, não póde haver religião levantada e valiosa. O symbolo de Nicéa é a mais primorosa expressão d'esta verdade, e a mais concludente demonstração de que a Egreja, ao lado dos mysticos e dos ascetas, possuiu sempre homens de governo de um merito inimitavel e transcendente.

Teve o catholicismo até ao seculo XVI, uma marcha evolutiva por vezes lenta, mas com uma força de expansibilidade tal, que em varias phases alcançava a distancia que parecia perdida, e que era o labor latente e ininterrupto de uma instituição essencialmente progressiva e actuosa.

Não ha instituição social alguma que seja um exemplar mais perfeito da doutrina evolucionista, como foi até á Renascença o catholicismo.

Nascido do monotheismo hebraico desdobrou-se na Trindade christan. Baseado no mysterio da redempção, commemora em um sacrificio incruento o sublime poema do calvario. Transigindo com as tra-

dições do Oriente, transformou um culto semitico na mais grandiosa expressão da concepção aryana, e calcando aos pés a feridade dos tyrannos proclamou a egualdade perante Deus de todas as creaturas, e a emancipação da humanidade. Onde tem o protestantismo homens, que pela agudeza dos conceitos e pelos esplendores da fórma, se possam medir com os vultos gigantes de Byzancio e de Roma?

Os erros, as devassidões e os abusos, tão minuciosamente narrados pelos sectarios da Reforma, não eram obra das instituições, nem da degeneração da crença — eram e são sempre apanagio indeclinavel do homem, e conseguintemente das sociedades. Demais, o catholicismo approximava-se de uma das suas phases mais intensivas, de mais energico desenvolvimento, força era que se fossem delindo alguns elementos que maiores estorvos podiam oppôr á já prevista evolução.

A allucinação de Luthero e de Calvino era egualada pela sua intolerancia, e pelo exclusivismo absurdo com que reservavam só para si a liberdade de consciencia e a interpretação do dogma.

A verdadeira liberdade de pensar, pelos estudos da antiguidade, encontravam-na os humanistas nos prophetas de Israël — os primeiros tribunos da evolução religiosa, achavam-na nas philippicas de Demosthenes e nas apostrophes de Eschino, e enthusiasmavam-nos as orações de Cicero e as objurgatorias dos Gracchos.

São estas e muitas outras as fontes onde se sa-

ciavam os espiritos lucidos e cultos do seculo da Renascença, e d'ahi manou a philosophia nos periodos posteriores, de que foram herdeiros necessarios os encyclopedistas do seculo XVIII.

A Renascença foi especialmente uma expansão evolutiva da familia neo-latina, e só a ella aproveitaram sem demora algumas das suas mais vantajosas consequencias.

A Reforma foi uma reacção das nações do Norte, allucinadas por um abstruso mysticismo, e avidas de pela secularização se apossarem dos bens do clero. Produziu, porém, males até certo ponto irreparaveis. Detendo o catholicismo na sua marcha progressiva, provocou a lucta, e semeou entre a Egreja e a sciencia essa discordia que se nos afigura hoje insuperavel e perpetua.

Roma sentiu o perigo a que se expunha, e para luctar com vantagem, lançou mão de quatro armas aceradas e percucientes. Creou a contra-Reforma, redobrou o vigor e a energia da Inquisição, auxiliou a Companhia de Jesus, e augmentou consideravelmente as pompas e solemnidades do culto. Na turbação do momento lançou-se sem hesitar nos braços da reacção.

D'estes exaggeros na defesa nasceu o sombrio mysticismo, que poz em tão grave risco a civilização moderna. Diremos apenas, que successos extranhos á reacção religiosa, vieram reatar o fio que parecia perdido na treva do fanatismo e dos rancores monasticos.

A philosophia, apoiada nas aspirações da demo-

cracia, encontrou uma eschola pratica de liberdade, já tão desenvolvida e adaptada á existencia das sociedades, que poude, a despeito de todas as perseguições, de todos os supplicios e de todos os martyrios, dar á sciencia o primado que occupa hoje indisputado em todas as nações civilizadas.

Apesar dos innumeraveis desastres que o protestantismo occasionou á evolução religiosa, a despeito do fanatismo para onde arremessou o meio-dia da Europa, ainda assim, são hoje os povos catholicos que representam a verdadeira democracia européa, ao passo que o protestantismo teutonico é na actualidade a acropole da reacção.

Descrevendo o seculo da Renascença, vimos a Europa em toda a sua generalidade no tempo de Gil Vicente. Não ignorava elle muitos d'aquelles successos, mas não os podia observar com a lente do criterio moderno, porque lhe faltavam os methodos e processos de observação e de analyse que nós hoje possuimos. O individuo nascido em um certo meio, não tem as largas perspectivas e rasgados horizontes que a historia exige, para synthetizar com madureza uma epocha determinada. Só em um periodo historico posterior, se póde estudar com vantagem a phase social que o precedeu. Gil Vicente tinha conhecimento de uma parte d'estes factos com maiores ou menores minudencias, e se por um lado lhe faltava a critica moderna, tinha por outro a intuição d'esses acontecimentos, e por vezes como que previa o seu alcance. Não possuia, decerto, o assombroso genio de Shakespeare,

que é ainda hoje o colosso do theatro moderno, viera tambem quasi um seculo antes d'esse vulto gigante, e faltava-lhe aquella possante envergadura de inspiração com que o auctor do *Hamlet* se arrojava aos ares, librando-se, ousado, nos paramos do espaço infinito.

Comtudo, nos moldes da sua inspiração, foi em toda a sua pureza o representante da alma medieval. Não se deixou seduzir pelas imitações da antiguidade, encontrou sempre em si o genio da sua lingua e as tradições e os costumes da sua patria.

Não pretendeu guiar-se por Plauto nem por Terencio. Quiz ser o que foi: um escriptor portuguez.

III

A edade-média terminou em Portugal no fim do reinado de D. João II. Com D. Manuel abre-se o periodo historico denominado a Renascença.

A nossa evolução litteraria, scientifica e artistica, como todos sabem, não começara ahi, e os nossos caracteres ethnicos vinham tracejados e affirmados de longos evos, anteriores ao estabelecimento da nossa autonomia.

Horacio, diz um eminente escriptor, louva, sobre todos, aos poetas romanos que ousaram desviar-se do trilho batido dos gregos, e celebrar emfim as acções da sua propria gente, deixando em paz as Medeas e Jasons, a interminavel guerra de Troia e essa perpetua familia dos Attridos.

Os nossos primeiros trovadores e poetas, accres-

centa o mesmo escriptor, que mal sabiam talvez, se tanto, o latim musárabe dos bons monges de Lorvão ou de Cucujães, e que decerto nunca tinham lido Horacio — nem o entenderiam — seguiram comtudo melhor, por mero instincto do coração, as doutrinas do grande mestre que não conheciam, do que depois o fizeram os poetas doutos e sabidos que no seculo XVI nos transmudaram e corromperam todas as feições da nossa poesia.

O movimento litterario que começou a manifestar-se na Europa pelos fins do seculo XIV, e começo do XV chamava já a attenção dos homens de lettras portuguezes. Dos livros que os nossos sabios estudavam, n'estes dois seculos, dá-nos noticia Gomes Eannes de Azurara. É larga a copia de escriptores por este chronista citados, a começar pelos auctores sagrados e da antiguidade classica, e rematando com os que floresceram nos seculos medievos.

Alumiaram esta estreita orla do Occidente os clarões d'essa fulgente luz que a Italia esparzia. Tinha-se correspondido com os Médicis D. Affonso V. A sua educação litteraria fôra confiada aos cuidados do profundo latinista Matheus de Pisano, filho da celebre Christina de Pisano, chronista do rei de França Carlos V, e um dos homens mais afamados do seu tempo.

Quando os soberanos prezavam assim as lettras, e quando os seus cultores podiam soccorrer-se a subsidios tão valiosos como eram os livros que já possuiam, não era para admirar que homens eminentes

se distinguissem em varios generos, e que certa actividade intellectual, transcendendo os limites dos claustros, ainda então quasi os exclusivos depositarios da sciencia, viesse animar nas outras classes o amor do estudo. A carta de Affonso v a Gomes Eannes de Azurara, e a de D. João II a Policiano são monumentos preciosos para a historia litteraria, porque attestam a importancia concedida á penna d'aquelles escriptores, e o desejo ardente que tinham os dois principes, de verem perpetuadas as memorias gloriosas do seu tempo e do anterior.

No fim do seculo XV a revolução achava-se consummada, e D. Manuel, subindo ao throno, abriu uma nova era em Portugal no alvorecer do seculo XVI. Herdeiro feliz, como observa um escriptor moderno, de uma serie de principes emprehendedores e de navegantes arrojados, Vasco da Gama enflorou-lhe logo os primeiros annos do reinado, pondo remate ás audaciosas empresas de Diogo Cam, de João Affonso de Aveiro e de Bartholomeu Dias. Dobrado o cabo das Tormentas, e patenteado o caminho do Oriente, Lisboa recebeu com o sceptro dos mares o maior emporio commercial, de que ha memoria nas paginas de toda a historia. Vasco da Gama, pois, realizando as esperanças do infante D. Henrique e de D. João II, transferiu de Veneza e da Italia para Lisboa o commercio do mundo oriental. Pedro Alvares descobriu o Brazil, aonde o seguinte reinado, inconsciente, lançou as bases de um imperio mais solido e mais rico do que o da Asia. Uma floresta de mastros, diz

um historiador, e de antenas povoou a espaçosa bahia do Tejo, e os mercadores de todas as nações disputavam os sorrisos e favores da afortunada capital do reino mais invejado da Europa n'aquelle momento. Uma actividade incrivel e quasi febril devorou todas as classes.

Elementos tão poderosos de grandeza nenhum paiz os possuiu então como nós. Admirado pelos seus vastos descobrimentos maritimos e terrestres, senhor exclusivo do trato mercantil da Asia, e dominando os mares arados por suas quilhas até ás mais desviadas partes, não era para causar extranheza, que o deslumbramento de tão raro espectaculo exaltasse os animos, desvairasse as phantasias e excitasse o enthusiasmo.

É n'este periodo de maravilhas e de arrebatamentos, em que o ardor da fé mais viva alentava os brios e vencia o impossivel, é n'este periodo, diremos, que Gil Vicente fazia representar o *Auto da Fama*.

Recusa-se a Fama a seguir um italiano que insta para que ella o acompanhe, e diz-lhe:

«Perguntae ora a Veneza
Como lhe vai de seu jôgo:
Eu vos ensinarei logo
De que se fez sua grandeza.
Começae de navegar,
Ireis ao porto de Guiné;
Perguntae-lhe cujo he,
Que o não póde negar.

Com ilhas mil
Deixae a terra do Brazil;
Tende-vos á mão do sol,
E vereis homens de prol,
Gente esforçada e varonil.
  Aos commercios perguntareis
D'Arabia, Persia, a quem se derão,
Ou quando os homens tiverão
Este mundo que vereis.
E não fique
Perguntar a Moçambique
Quem he o Alferes da Fé,
E Rei do mar quem o he,
Ou s'ha outrem a que se applique.
  Ormuz, Quiloa, Mombaça,
Sofala, Cochim, Melinde,
Como em espelhos d'alinde,
Reluze quanta he sua graça.
E chegareis
A Goa e perguntareis
Se he ainda subjugada
Por peita, rôgo, ou espada?
Veremos se pasmareis.
  Perguntae á populosa
Próspera e forte Malaca,
Se lhe leixárão nem 'staca
Pouca gente mas furiosa.
E vereis de longe e de través
Se treme todo o sertão:
Vêde se feito Romão
Com elle m'igualareis.

Interrompe o Italiano:

«O Diu!

Redargue a Fama:

«Esperae vós,
Qu'inda eu agora começo;
Qu'este conto he de grau preço;
Bento seja o Deos dos Ceos!
Perguntae
Ao Soldão como lhe vae
Com todos seus poderios;
Que contr'elle são seus rios:
E esta nova lhe dae.
   Ide-vos pela foz de Meca,
Vereis Adem destruida,
Cidade mui nobrecida,
E tornou-se-lhe marreca.
E achareis
Em calma suas galés,
E as velas feitas em isca,
E bálhando á mourisca
Dentro gente Portuguez.
   Achareis Meca em tristeza,
Ainda mui sem folgança,
Renegando a vizinhança
De tão forte natureza.
Porque farão
Na ilha do Camarão
E no estreito fortalezas,
E as mouriscas riquezas
Ao Tejo se virão.

Observa-lhe um Castelhano que tambem pretende conquista-la:

«Decid, que bien os oiré,
Mi preciosa enamorada.

Pergunta-lhe a Fama:

«Não quereis que diga nada?

O Castelhano:

«Qué! no os responderé?
Por Veneza!
Hable vuestra gentileza,
Cuerpo de Dios consagrado,
Yo quiero estar callado:
Mostradme vuestra grandeza.

Diz-lhe a Fama:

«I-vos por aqui á Turquia,
E por Babilonia toda,
E vereis se anda em voda,
Com pezar de Alexandria.
E vos dirá
Damasco quantos lhe dá
De combates Portugal,
Com victoria tão real,
Que nunca se perderá.
Chegareis a Jer'salem,
O qual vereis ameaçado,
E o Mourismo irado,
Com pezar do nosso bem:
E os desertos
Achareis todos cubertos
D'artelharia e camelos
Em soccôrro dos castellos,
Que já Portugal tem certos.
Sabei em Africa a maior
Flor dos Mouros em batalha,

Se se tornárão de palha,
Quando foi na d'Azamor.
E, sem combate,
A trinta leguas dão resgate,
Comprando cada mez a vida:
E a atrevida Almedina
E Ceita se tornou parte.
  Tributarios e captivos
Elles com os seus logares,
Com camelos dez mil pares,
Por que os dèixassem vivos.
Pois Marrocos,
Que sempre fez dez mil biocos
Até destruir Hespanha,
Sabei se se tornou aranha,
Quando vio o demo em soccos.
  Bem: e he razão que me va
Donde ha cousas tão honradas,
Tão devotas, tão soadas?
O lavor vos contará.
I-vos embora.

Replica-lhe o Castelhano:

«Quedáos á Dios, señora:
No quiero mas porfias.»

Quando as Virtudes entram a *laurear esta Fama com huã coroa de louro* diz a Fé:

«Os feitos Troianos, tambem os Romãos,
Mui alta Princeza, que são tão louvados,
E n'este mundo estão collocados
Por façanhosos e por muito vãos,
Em o regimento de seus cidadãos,

E alguãs virtudes e moraes costumes,
Vós, Portugueza Fama, não tenhais ciumes,
Que estais collocada na flor dos Christãos.
  Vossas façanhas estão collocadas
Diante de Christo, Senhor das alturas:
Vossas conquistas, grandes aventuras,
São cavallarias mui bem empregadas.
Fazeis as mesquitas serem desertadas,
Fazeis na Igreja o seu poderio:
Portanto o que póde vos dá dominio,
Que tanto reluzem vossas espadas.
  Por que o triumpho do vosso vencer
E as vossas victorias exalção a fé,
De serdes laureada grande rezão he,
Princeza das famas, por vosso valer.
Não achamos outra de mais merecer,
Pois tantos destroços fazeis a Ismael.
Em nome de Christo tomae o laurel,
Ao qual Senhor praza sempre em vos crescer.»

Era por esta arte que o nosso poeta nos debuxava o quadro das nossas glorias — quadro de realidades, que faziam então empallidecer as proprias illusões. E tão portugueza é esta exposição no espirito, nas feições e na linguagem, que se explica a correcção com que um critico moderno, avaliando o poeta, nos diz: «O theatro de Gil Vicente constitue um dos brazões litterarios do seculo XVI. Não honrou só o paiz, grangeou em toda a parte o elogio dos criticos competentes.»

A evolução entre nós manifestara-se não esquecendo nenhum dos vivazes elementos da vida social de um povo.

A architectura e a pintura receberam grande impulso; Gonçalo Nuno, João Annes e Alvaro de Pedro são pintores d'essas eras. E Alvaro de Pedro viajou e pintou em Italia. Facto este asseverado por Taborda, fundando-se nas investigações de Frei Manuel do Cenaculo e de Barbosa. E até certifica serem de Gonçalo Nuno as pinturas da capella de S. Vicente, na Sé de Lisboa, no que é corroborado por Francisco de Hollanda e Bermudes. Gran Vasco, observa um escriptor contemporaneo, o famoso pintor que deu nome á eschola de pintura portugueza, que tanto floresceu nos reinados de D. Manuel e D. João III, faz lembrar em seu estylo, em tudo que são ornatos, o antigo modo florentino, o que de alguma sorte induz a crer que estudara com Perugino. Gonçalo Gomes tambem é do ultimo termo do seculo XV e chegou a ser pintor d'el-rei D. Manuel. As nossas relações haviam-se tornado constantes com a Italia. Os nossos pintores lá tinham ido estudar, e varios sabios e artistas d'ahi vinham, como Angelo Poliziano, para escrever as historias do reino em latim, e varios architectos para dirigir a construcção das fortalezas e castellos do reino, como os mandados vir pelo infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manuel. Dos estaleiros venezianos sahiram tambem muitos navios, encommendados pelos reis portuguezes, para as expedições mandadas aos mares do Oriente. Os primores da industria italiana tornaram-se conhecidos do nosso commercio, e veiu este facto influir poderosamente na nossa actividade industrial e artistica. Não

foram sómente a pintura e a esculptura que se desenvolveram á sombra d'estas relações, todos os officios e mesteres mechanicos, derivados d'estas artes, prosperaram tambem. A propria ourivesaria, esse esforço de paciencia e primor de cinzel do seculo XVI, e a esculptura em pedra e madeira haviam attingido tal grau de perfeição, que não encontravam competencia senão no paiz exemplo d'essa mesma perfeição. Até os proprios costumes não desdiziam n'esta corrente de influxo italiano, por isso que ainda nas danças e folguedos da epocha encontramos vestigios da acção directa d'este incessante impulso.

D. Manuel imitava no fausto e na sumptuosidade as côrtes de Leão X, e de Fernando e Isabel, e as representações tão predilectas d'aquelles soberanos, faziam parte das solemnidades da sua côrte.

Foi na presença d'este monarcha, em 1508, que se representou um dos mais elevados assumptos a que se entregou a inspiração de Gil Vicente: o *Auto da Alma*.

É um drama genuinamente hieratico. O pensamento primordial d'este *Auto* resume-se na lucta do homem com o genio do mal, vencendo o homem pela misericordia do Redemptor.

Vejamos o *argumento*: «Assi como foi cousa muito necessaria haver nos caminhos estalagens, pera repouso e refeição dos cansados caminhantes, assi foi cousa conveniente que nesta caminhante vida houvesse huã estalajadeira, pera refeição e descanso das almas que vão caminhantes pera a eternal morada

de Deos. Esta estalajadeira das almas he a Madre Sancta Igreja; a mesa é o altar, os manjares as insignias da paixão. E desta perfiguração tracta a obra seguinte.

«Está posta huã mesa com huã cadeira. Vem a Madre Sancta Igreja com seus quatro doctores, San Thomaz, San Jeronimo, Sancto Ambrosio, Sancto Agostinho.»

É a Santo Agostinho, o vulto mais extraordinario da Egreja latina, o que mais horizontes desvelou á imaginação na theologia, o que a escholastica mais exornou de eloquencia e de sentimento, a quem Gil Vicente entrega o prologo do seu drama tão repassado de mysticismo.

Este arrojado metaphysico, que tantas vezes nos relembra Platão, e de quem não raro acceitou Bossuet mais de uma idéa, enceta assim o preambulo. N'elle veremos condensados os elementos materiaes e symbolicos de toda a representação:

«Necessario foi, amigos,
Que nesta triste carreira
Desta vida,
Pera mui p'rigosos p'rigos
Dos imigos,
Houvesse alguã maneira
De guarida.
Porque a humana transitoria
Natureza vai cansada
Em várias calmas;
Nesta carreira da glória
Meritoria,

Foi necessario pousada
Pera as almas.
  Pousada com mantimentos.
Mesa posta em clara luz.
Sempre esperando
Com dobrados mantimentos
Dos tormentos
Que o Filho de Deos na cruz
Comprou, penando.
Sua morte foi avença,
Dando, por dar-nos paraizo,
A sua vida
Apressada, sem detença;
Por sentença
Julgada a paga em proviso.
E recebida.
  A sua mortal empresa
Foi, sancta estalajadeira
Igreja Madre
Consolar á sua despesa
Nesta mesa
Qualquer alma caminheira.
Com o Padre
E o anjo custodio aio.
Alma que lh'he encommendada,
Se enfraquece
E lhe vai tomando raio
De desmaio;
Se chegando a esta pousada
Se guarece.»

É d'este fundo mystico que surgem dois entes puramente ideaes—o Anjo e a Alma.

Com a maior doçura e uma suavidade harmoniosa exprime-se o Anjo d'esta maneira:

«Alma humana formada
De nenhuã cousa, feita
Mui preciosa,
De corrupção separada,
E esmaltada
Naquella frágoa perfeita
Gloriosa:
  Planta neste valle posta
Pera dar celestes flores
Olorosas,
E pera serdes tresposta
Em a alta costa
Onde se crião primores
Mais que rosas;
Planta sois e caminheira,
Que ainda que estais, vos is
Donde viestes.
Vossa patria verdadeira
He ser herdeira
Da gloria que conseguis:
Andae prestes.
  Alma bem-aventurada,
Dos anjos tanto querida,
Não durmais:
Hum ponto não esteis parada,
Que a jornada
Muito em breve he fenecida,
Se attentais.»

Ouvindo o Anjo, sentimos passar sobre nós o sopro de um grande espirito e cobrem-nos as azas de uma nobre intelligencia, mas o arrebatamento, o affecto, a commoção em que nos lança tem uma parte de divinal e de ethereo. Não se falla assim na terra.

A Alma timida e receosa implora-o:

«Anjo que sois minha guarda,
Olhae por minha fraqueza
Terreal:
De toda a parte haja resguarda,
Que não arda
A minha preciosa riqueza
Principal.
  Cercae-me sempre ó redor,
Porque vou mui temerosa
Da contenda.
Ó precioso defensor
Meu favor!
Vossa espada luminosa
Me defenda.
  Tende sempre mão em mim,
Por que hei medo de empeçar,
E de cahir.»

Ha um colorido encantador de modestia e de simplicidade n'esta supplica.

A este ingenuo e humilde rogo responde logo o Anjo:

«Pera isso sam, e a isso vim:
Mas emfim
Cumpre-vos de me ajudar
A resistir.
Não vos occupem vaidades,
Riquezas, nem seus debates.
Olhae por vós;
Que pompas, honras, herdades
E vaidades,
São embates e combates
Pera vós.

Vosso livre alvedrio
Isento, fôrro, poderoso,
Vos he dado
Polo divinal poderio
E senhorio,
Que possais fazer glorioso
Vosso estado.
Deu-vos livre entendimento,
E vontade libertada
E a memória,
Que tenhais em vosso tento
Fundamento,
Que sois por elle criada
Pera a glória.»

Esta lucta entre a vontade e a fatalidade, aqui reproduzida, é a historia de todos nós, é a historia da humanidade inteira. Temos a parte mystica de tão sublime espectaculo symbolizada n'este drama. A parte real, a sua acção n'esta guerra sem repoiso nem treguas empenhada entre o homem e essa fatalidade, vêmo-la desenhada em traços sombrios e com a suprema verdade na existencia de Hamlet. E por isso talvez será eterna a obra de Shakespeare.

A fatalidade, diz uma lucida intelligencia, tem alliados em todos os campos de batalha: na arte, tem por alliados o marmore tosco rebelde ao cinzel, a fórma rebelde á côr, a expressão rebelde ao pensamento. Na sciencia, tem por auxiliadores o atomo rebelde á analyse, a apparencia rebelde á evidencia, o problema rebelde á solução. Na politica, tem por instrumentos a ignorancia rebelde á luz, o exito rebel-

de á probidade e ao genio, a força rebelde á liberdade. Na vida, são seus cumplices as enfermidades, as paixões, os accidentes: o grão de areia que causa a morte de Cromwell, a formosura que enlouquece Antonio, a corrente que gela Alexandre.

Ousa um ente arcar com esta potencia infinita que apoia a coalisão de todos os obstaculos. Imaginemo-lo só, a esse ente qualquer que fôr, humilde, miseravel, desnudo, fraco, sem agasalho, sem abrigo, e sem ninguem que o soccorra ou mantenha. Tem só uma arma; não, nem isso, nem uma arma é, tem apenas uma ferramenta—a vontade. Pois bem! com esse instrumento só, lança-se o homem n'uma lucta desesperada, e eis que o formidavel inimigo começa a recuar. Quer o homem com proposito firme? Pois se quer devéras, ahi temos a trolha a edificar, eis o tear a tecer, vêde a charrua a lavrar, attentae na manivella que se move, reparae no vacuo que aspira, observae o vapor que se condensa, e olhae para o fluido que se dilata! Eis ahi está o pedaço de marmore transformado em estatua, a tela demudada em imagem, e a idéa que se materializou em phrase. Eis as pedras que se removem, as cidades que se formam, as cathedraes que se edificam, as pyramides que se erguem, vem depois os livros, e surgem as revoluções! Nascem os artistas, os sabios, os heroes e os martyres! Chega a hora de Homero, depois a de Phidias, a de Fulton, a de Bruto, vem Giordano Bruno, e virá tudo o que a concepção humana puder crear.

N'esta lucta immemorial, ha momentos em que a

humanidade victoriosa pára na sua marcha, exgottada pelos proprios triumphos. Aproveita-se então a fatalidade implacavel d'esta extenuante fadiga: volta aos campos de batalha abandonados, trazendo comsigo essas hyenas sinistras—a ignorancia e a mentira—é n'essa hora que as reacções resurgem, refundem-se os tenebrosos dogmas, as artes desfallecem, immobilizam-se as sciencias e restauram-se os despotismos. Começam por duvidar das suas proprias forças as gerações que assistem a estas transições dolorosas. Renunciam aos trabalhos que as gerações precedentes tinham emprehendido, passam a não confiar na sua iniciativa, no seu querer, na sua mesma subjectividade, abandonam-se á torva melancholia dos descrentes, e não embargando o passo ao inimigo e não ousando até combate-lo, rojam-se a seus pés, devotadas ao mais torpe fatalismo.

Para debellar estas ephemeras reacções da materia contra o espirito, do erro contra a verdade, do despotismo contra a liberdade ha um talisman maravilhoso—é a comprehensão do dever.

Voltemos a ouvir o Anjo:

«E vendo Deos que o metal
Em que vos poz a estillar,
Pera merecer,
Que era muito fraco e mortal:
E por tal
Me manda a vos ajudar
E defender.
Andemos a estrada nossa;

Olhae não torneis atraz,
Que o inigo
Á vossa vida gloriosa
Porá grosa.
Não creiais a Satanaz,
Vosso perigo.
Continuae ter cuidado
Na fim de vossa jornada,
E a memória
Que o spirito atalaiado
Do peccado
Caminha sem temer nada
Pera a glória.
E nos laços infernaes,
E nas redes de tristura
Tenebrosas,
Da carreira que passais
Não caiais:
Siga vossa fermosura
Ás gloriosas.»

É esta a primeira scena. Ha, decerto, affectação e artificios pucrilmente rudimentares em alguns pontos d'este trecho, quaesquer, porém, que sejam as manchas que empannem o crystal, concebe-se o vivo interesse que taes effeitos scenicos despertavam no auditorio. Sentiam-se todos viver no meio d'esta luz tão suavemente esparzida, e a cada um se lhe afigurava ser elle aquella alma, exposta ás seducções de Satan.

Ao afastar-se o Anjo approxima-se o Diabo:

«Tão depressa, ó delicada,
Alva pomba, pera onde is?

Quem vos engana,
E vos leva tão cansada
Por estrada.
Que somente não sentis
Se sois humana?
Não cureis de vos matar,
Que ainda estais em idade
De crescer.
Tempo ha hi pera folgar,
E caminhar:
Vivei á vossa vontade,
E havei prazer.
  Gozae, gozae dos bens da terra,
Procurae por senhorios
E haveres.
Quem da vida vos desterra
À triste serra?
Quem vos falla em desvarios
Por prazeres?
Esta vida he descanço
Doce e manso,
Não cureis d'outro paraizo:
Quem vos põe em vosso siso
Outro remanso.»

Diz a Alma:

«Não me detenhais aqui,
Deixae-me ir, que em al me fundo.»

Insiste o Diabo:

«Oh descansae neste mundo,
Que todos fazem assi.

Não são embalde os haveres,
Não são embalde os deleites.
E fortunas:
Não são de balde os prazeres
E comeres:
Tudo são puros affeites
Das criaturas.
   Pera os homens se criárão.
Dae folga á vossa passagem
D'hoje a mais:
Descansae, pois descansárão
Os que passárão
Por esta mesma romagem
Que levais.
O que a vontade quizer,
Quanto o corpo desejar,
Tudo se faça.
Zombae de quem vos quizer
Reprender,
Querendo-vos marteirar
Tão de graça.
   Tornára-me, se a vós fôra.
Is tão triste, atribulada,
Que he tormenta.
Senhora, vós sois senhora
Imperodora,
Não deveis a ninguem nada:
Sède isenta.

Começa a tentação. São evidentes as analogias do *Auto* de Gil Vicente com o *Fausto* de Gœthe. Conheceria o poeta allemão este trabalho do fundador do nosso Theatro? É possivel. Não lhe faltavam tradições para o não desconhecer. Erasmo aprendera portuguez para poder avaliar com perfeição o ho-

mem que elle appellidava o Plauto de Portugal, e estas investigações do philosopho do seculo XVI podiam ter despertado a curiosidade de tão lucido espirito.

Gil Vicente, porém, não encerrou o seu assumpto em um quadro concreto e tão realista, como usou o poeta allemão na primeira parte da sua notavel tragedia. Idealiza-o logo, esboça-o com subita inspiração, tracejando-o em contornos vagos, ethereos, sem o naturalismo da existencia. Não apresenta o homem tal qual é, essa situação força-lo-hia a baixar, a enredar-se nos accidentes da vida real. Não procede assim o poeta. Simplifica o effeito engrandecendo-o. Põe em scena a alma, e é ella a celeste viajante que se encaminha para a sua verdadeira patria — para a bemaventurança. Guia-a o seu anjo da guarda, e a cada passo lhe relembra o divinal destino que a espera. É então que Satan espreita a hora da tentação, e busca insinuar-se com todo o cortejo de seducções que possa entontecer a simplicidade d'aquelle espirito. Não é menos ardiloso o Mephistopheles de Gœthe, mas é vulgar e grosseiro na fórma. Dissoluto e desboccado dirige-se a Margarida com esta inconveniencia:

> «Mereceis casar quanto antes. Sois uma joven muito amavel.»

Observa-lhe Margarida:

> «Ah! não, ainda é cedo.»

Vêde a brutal resposta d'elle:

> «Se não fôr um marido, ao menos que seja por emquanto um amante. É um dos maiores favores do céo ter nos braços uma pessoa tão formosa.»

Ainda Margarida lhe replica:

> «Isso não é uso aqui.»

Insiste então Mephistopheles:

> «Quer seja uso quer não, pode-se arranjar.»

Aqui Satanaz é insolente e libertino. Outras são as traças do Espirito do mal como o debuxa Gil Vicente. Baralha o erro com a verdade, redobra as interrogações, e busca despertar a duvida na ingenuidade d'aquella alma.

Diz-lhe o Anjo:

> «Oh! andae: quem vos detem?
> Como vindes para a glória
> Devagar!
> Oh meu Deos! oh summo bem!
> Ja ninguem
> Não se préza da victoria
> Em se salvar.
> Ja cansais, alma preciosa?
> Tão asinha desmaiais?
> Sêde esforçada!
> Oh como virieis trigosa
> E desejosa,

Se visseis quanto ganhais
Nesta jornada!
Caminhemos, caminhemos:
Esforçae ora, alma sancta
Esclarecida!»

Aparta-se o Anjo e abeira-se da Alma Satanaz:

«Que vaidades e que extremos
Tão supremos!
Pera que he essa pressa tanta?
Tende vida.
Is mui desautorisada,
Descalça, pobre, perdida
De remate:
Não levais de vosso nada.
Amargurada.
Assi passais esta vida
Em disparate.
Vesti ora este brial,
Mettei o braço por aqui:
Ora esperae.
Oh como vos vem tão real!
Isto tal
Me parece bem a mi:
Ora andae.
Huns chapins haveis mister
De Valença: — ei-los aqui.
Agora estais vós mulher
De parecer.
Ponde os braços presumptuosos:
Isso si.
Passeae-vos mui pomposa,
Daqui pera alli, e de lá pera ca,
E fantasiae.

Agora estais vós fermosa
Como a rosa;
Tudo vos mui bem está.
Descansae.»

Torna o Anjo á Alma e diz-lhe:

«Que andais aqui fazendo?»

Já aqui a Alma responde com uma irresolução e uma timidez manifestas. Tem-se como que o presentimento de que o Espirito das trevas vae triumphar:

«Faço o que vejo fazer
Pelo mundo.»

Não tem criterio proprio—obedece á suggestão do meio em que se acha. Margarida, tambem, quando Mephistopheles a aconselha a que se dê a um amante, não se indigna, não enrubesce, não se cobre de pejo, responde simplesmente:

«Não é uso aqui.»

O Anjo vae porfiando no seu intento de a salvar:

«Ó Alma, is-vos perdendo;
Correndo vos is metter
No profundo.
Quanto caminhais avante,
Tanto vos tornais atraz

E atravez.
Tomastes ante com ante
Por mercante,
O cossairo Satanaz,
Porque querês.»

Aqui já o Anjo encontra palavras severas: se te perderes, não o fazes inconsciente — a responsabilidade, a culpa imputa-a toda a ti, quizeste confiar em Satanaz.

«Oh! caminhae com cuidado,
Que a Virgem gloriosa,
Vos espera.
Deixais vosso principado
Desherdado!
Engeitais a glória vossa
E patria véra!
Deixae esses chapins ora,
E esses rabos tão sobejos,
Que is carregada:
Não vos tome a morte agora
Tão senhora:
Nem sejais com taes desejos
Sepultada.»

É a condemnação das pompas e vaidades do mundo que o Anjo claramente exprime, e d'esta arte pretende incutir-lhe o receio de que essas loucas frivolidades a conduzam á sua ruina.

A Alma como que desfallecida, quer ainda obedecer a este esforço supremo em que o Anjo se em-

penha, para a arrancar da beira do abysmo. E quasi exanime diz-lhe:

> «Andae, dae-me ca essa mão;
> Andae vós, que eu irei,
> Quanto puder.»

Prende-se a este fraco alento a sua salvação. Nas profundezas mysteriosas d'aquella consciencia houve um lampejo de arrependimento. A fé viva d'esse instante robusteceu a vontade já abalada e perplexa, e com a crença manou a graça acompanhada da benção do Eterno. Com duas ou tres phrases creou o poeta uma situação esplendorosa.

Estas duas personificações que estão em scena, no mesmo plano em que vemos a alma, conservam sempre durante a acção os predicados inalteraveis dos seus caracteres. Ha como que uma placidez celeste, uma serenidade divina na compostura do anjo, ainda nos lances mais ardentes. Afigura-se-nos alumiado por uma luz sideral. Satan é a antithese d'esta donosa magestade. Turbulento, astuto, e sinistro dá-nos a noção do que deve ser o espirito das trevas. Vae agora tentar o ultimo assalto.

Diz elle:

> «Todas cousas com razão
> Tem sazão.
> Senhora, eu vos direi
> Meu parecer.
> Ha hi tempo de folgar,
> E idade de crescer;

E outra idade
De mandar e triumphar,
E apanhar
E acquirir prosperidade
A que puder.
Ainda he cedo pera a morte;
Tempo ha de arrepender,
E ir ao ceo.
Ponde-vos á fór da côrte,
Desta sorte
Viva vosso parecer,
Que tal nasceo.
O ouro pera que he,
E as pedras preciosas,
E brocados?
E as sedas pera que?
Tende por fé,
Que p'ra as almas mais ditosas
Forão dados.
Vêdes aqui um collar
D'ouro mui bem esmaltado,
E dez anneis.
Agora estais vós p'ra casar
E namorar:
Neste espelho vos vereis,
E sabereis
Que não vos hei de enganar.
E poreis estes pendentes,
Em cada orelha seu:
Isso si;
Que as pessoas diligentes
São prudentes.
Agora vos digo eu
Que vou contente daqui.»

Desvanece-se a Alma, e ao contemplar-se com a

riqueza e a elegancia de tão luzidos adornos solta subito estas phrases:

> «Oh como estou preciosa,
> Tão dina pera servir,
> E sancta pera adorar!»

Irá a alma n'esta vertigem de formosura, de altivez e de opulencia precipitar-se nos abysmos? Sobretudo, que sorriso de triumpho não passaria nos labios de Satanaz ao escutar as ultimas palavras da alma:

> «E sancta pera adorar.»

Era mais do que a vaidade, mais do que a avidez, mais do que o esquecimento de todos os preceitos do Anjo: era a soberba, o orgulho desmedido e hediondo — era como que um lampejo do fogo infernal. Assemelhava-se por um instante ao principe da treva quando fôra arremessado dos céos.

No confronto de toda esta situação com a scena identica do *Fausto* de Gœthe, custa a crêr que o poeta allemão desconhecesse o *Auto* de Gil Vicente. Ha uma paridade extraordinaria entre a Alma e Margarida. Só existe a differença que resulta do meio onde as duas scenas se passam. No *Fausto*, a vida suppõe-se real, os personagens existem. No *Auto* do nosso poeta, tudo é ethereo, allegorico, manifesta-se como se fôra uma visão do espirito.

A scena do cofre das joias é admiravel no *Fausto*. Sente-se uma commoção profunda quando vemos a

innocencia dar o primeiro passo na senda da perdição. Presume-se já que a pobre Margarida vae succumbir.

Margarida abre o armario para guardar os vestidos e depara com o cofre das joias. Fica absorta e diz:

> «Como viria este cofre tão bonito aqui parar? Eu decerto tinha fechado o armario. É notavel! Mas que terá elle dentro? Talvez alguem o trouxesse como penhor, e minha mãe deu dinheiro sobre elle. Cá está a chavinha presa a uma fita. Creiu que o posso abrir. Que é isto! Oh! meu Deus! Que belleza! Nunca na minha vida vi uma coisa assim! Um adereço!... Com isto poderia a mais gentil dama ir ao mais apparatoso baile. Como me ficaria este collar? De quem serão tão ricas joias? *(Põe todo o adereço e contempla-se ao espelho)* Se só estes brincos fossem meus! Tem-se logo outro ar com isto. Para que nos serve a belleza, a mocidade? É muito bom, mas deixa-se ficar onde está. Ouvem-se uns singellos elogios, quasi por favor. Corre tudo atraz do oiro, só o oiro seduz. Ah! como nós somos infelizes!»

A scena da *Alma* tem uma fórma totalmente diversa. Satanaz á medida que a vae adornando não lhe poupa os sarcasmos nem as zombarias. É uma situação tensa, rapida e essencialmente dramatica, em que o anjo das trevas termina cheio de esperança:

> «Agora vos digo eu
> Que vou contente daqui.»

Como já dissemos, na Alma surgiu um pensamento em que a soberba trasborda e com que Satan exulta:

«E sancta pera adorar!»

Mas a paciencia aqui é angelica e a *Alma* ainda não está perdida. Por isso diz o Anjo:

«Oh alma despiedosa
Perfiosa!
Quem vos devesse fugir,
Mais que guardar!
Pondes terra sobre terra;
Qu'esses ouros terra são.
Ó Senhor,
Porque permittes tal guerra,
Que desterra
Ao reino da confusão
O teu lavor?
Não ieis mais despejada,
E mais livre da primeira
Pera andar?
Agora estais carregada
E embaraçada
Com cousas que, á derradeira,
Hão-de ficar.
Tudo isso se descarrega
Ao porto da sepultura.
Alma sancta, quem vos cega,
Vos carrega
Dessa van desaventura?»

A Alma julga-se no pendor da sua perda, e com a vertigem que a tomou das paixões terrestres, sente apagar-se-lhe a noção que tinha da misericordia suprema:

«Isto não me pesa nada,
Mas a fraca natureza

Me embaraça.
Ja não posso dar passada
De cansada:
Tanta he minha fraqueza,
E tão sem graça!
Senhor, ide-vos embora,
Que remedio em mim não sento:
Ja 'stou tal...»

O Anjo com a mais doce mansidão:

«Sequer dae dous passos ora
Até onde mora
A que tem o mantimento
Celestial.
Ireis alli repousar,
Comereis alguns bocados
Confortosos:
Porque a hóspeda he sem par
Em agasalhar
Os que vem attribulados
E chorosos.»

A Alma como hesitante interroga:

«He longe?»

O Anjo em termos carinhosos e suaves:

«Aqui mui perto.
Esforçae, não desmaieis:
E andemos,
Que alli ha tódo concêrto
Mui certo:
Quantas cousas querereis
Tudo tendes.

A hóspeda tem graça tanta,
Far-vos-ha tantos favores...»

A Alma em um assomo de esperança pergunta anciosa:

«Quem he ella?»

Diz-lhe o Anjo:

«He a Madre Igreja Sancta,
E os seus sanctos Doutores
Hi com ella.
Ireis d'hi mui despejada,
Cheia do Spirito Sancto,
E mui fermosa.
Ó Alma, sêde esforçada!
Outra passada:
Que não tendes de andar tanto
A ser esposa.»

Quer Ducarme ver aqui na voz do Anjo a severidade da justiça. Suppõe que o enviado celeste escarnece n'este ponto, como Deus zombou de Adão depois da desobediencia commettida. «E disse o Senhor Deus: Eis que está feito o homem como hum de nós, conhecendo o bem e o mal.» No *Fausto,* é o Espirito das trevas que persegue com os seus sarcasmos Margarida já culpada, para a arremessar á extrema desesperança.

É, de feito, imponente a scena da cathedral. Margarida offegante brada com extrema angustia:

«Ai! ai! Podesse eu livrar-me dos pensamentos que me assaltam e se erguem contra mim!»

E o coro reboa ao som plangente do orgão soluçando os horrentes threnos:

«Dies iræ, dies illa
Solvet sæclum in favilla.»

No *Auto* de Gil Vicente, o desespero da Alma mal se divisa no fundo da tela. O perdão e a esperança inundam-na de luz.

Calcula o anjo mau que lhe vae escapar a presa, e em novo impeto busca segura-la. Os enredos dos seus sophismas são n'este lance mais positivos e ardilosos:

«Esperae, onde vos is?
Essa pressa tão sobeja
He ja pequice.
Como! vós, que presumis,
Consentis
Continuardes a igreja,
Sem velhice?
Dae-vos, dae-vos a prazer,
Que muitas horas ha nos annos
Que lá vem.
Na hora que a morte vier,
Como se quer,
Se perdoão quantos damnos
A alma tem.
Olhae por vossa fazenda:
Tendes huãs escripturas
De huns casaes,
De que perdeis grande renda.
He contenda
Que leixárão ás escuras
Vossos paes;

He demanda mui ligeira,
Litigios que são vencidos
Em hum riso.
Citae as partes terça-feira,
De maneira
Como não fiquem perdidos:
E havei siso.»

A Alma repelle Satanaz, alcança a victoria e triumpha de todos os seus artificios:

«Cal'-te por amor de Deos,
Leixa-me, não me persigas;
Bem abasta
Estorvares os hereos
Dos altos ceos:
Que a vida em tuas brigas
Se me gasta.
Leixa-me remediar
O que tu, cruel, damnaste
Sem vergonha:
Que não me posso abalar,
Nem chegar
Ao logar onde gaste
Esta peçonha.»

Penetra a Alma na morada da paz e da bemaventurança. Aponta-lhe o Anjo:

«Vêdes aqui a pousada
Verdadeira e mui segura
A quem quer vida.»

N'esta segunda parte do *Auto,* onde tudo é symbolico, a fórma deve causar extranheza. É, como diz

um illustre critico, a arte do seculo XV e a arte hespanhola. Devemos observar estas representações dramaticas, como contemplamos as vetustas cathedraes e os quadros byzantinos, em que o ideal e a vida saltam d'um fundo phantastico e informe.

Diz a Igreja:

«Oh como vindes cansada
E carregada!»

Responde-lhe a Alma:

«Venho por minha ventura
Amortecida.»

A Igreja pergunta:

«Quem sois? pera onde andais?»

A Alma:

«Não sei pera onde vou:
Sou salvagem,
Sou huã alma que peccou
Culpas mortaes
Contra o Deos que me creou
Á sua imagem.
Sou a triste, sem ventura,
Creada resplandecente
E preciosa,
Angelica em fermosura,
E per natura,
Como o raio reluzente
Luminosa.
E por minha triste sorte,
E diabolicas maldades

Violentas,
Estou mais morta que a morte,
Sem deporte,
Carregada de vaidades
Peçonhentas.
  Sou a triste, sem mézinha,
Peccadora obstinada,
Perfiosa;
Pola triste culpa minha
Mui mesquinha,
A todo o mal inclinada,
E deleitosa.
Desterrei da minha mente
Os meus perfeitos arreios
Naturaes:
Não me prezei de prudente,
Mas contente
Me gosei c'os trajos feios
Mundanaes.
  Cada passo me perdi:
Em logar de merecer,
Eu sou culpada.
Havei piedade de mi,
Que não me vi;
Perdi meu innocente ser,
E sou damnada.
E, por mais graveza, sento
Não poder-me arrepender
Quanto queria;
Que meu triste pensamento,
Sendo isento,
Não me quer obedecer,
Como soïa.
  Soccorrei, hóspeda senhora,
Que a mão de Satanaz
Me tocou,

E sou ja de mim tão fóra,
Que agora
Não sei se avante, se atraz,
Nem como vou.
Consolae minha fraqueza
Com sagrada iguaria,
Que pereço,
Por vossa sancta nobreza,
Que he franqueza;
Porque o que eu merecia
Bem conheço.
 Conheço-me por culpada,
E digo diante vós
Minha culpa.
Senhora, quero pousada,
Dae passada;
Pois que padeceo por nós
Quem nos desculpa.
Mandae-me ora agasalhar,
Capa dos desemparados,
Igreja Madre.»

Esta confissão é primorosa. Vê-se que em todo este *Auto* é a Alma que occupa o primeiro plano. Tudo o mais fórma como que um fundo com gradações successivas de luz e de sombras.

Acena-lhe a Igreja:

«Vinde-vos aqui assentar
Mui devagar,
Que os manjares são guisados
Por Deos Padre.
 Sancto Agostinho doutor,
Jeronimo, Ambrosio e Thomaz,
Meus pilares,

Serás aqui por meu amor,
A qual melhor.
E tu, Alma, gostarás
Meus manjares.
Ide á sancta cozinha,
Tornemos esta alma em si,
Por que mereça
De chegar onde caminha,
E se detinha:
Pois que Deos a trouxe aqui,
Não pereça.»

Como se fôra necessario dar um repoiso aos espectadores, depois de tão intensiva e vehemente impressão, intercala aqui o auctor uma nova scena para o Espirito do mal: «Emquanto estas cousas passão, Satanaz passeia, fazendo muitas vascas, e vem outro Diabo, e diz:

«Como andas dessocegado!

PRIMEIRO DIABO

Arço em fogo de pezar.

SEGUNDO DIABO

Que houveste?

PRIMEIRO DIABO

Ando tão desatinado
De enganado,
Que não posso repousar
Que me preste.
Tinha huã alma enganada,
Ja quasi pera infernal
Mui accesa.

SEGUNDO DIABO

E quem t'a levou forçada?

PRIMEIRO DIABO

O da espada.

SEGUNDO DIABO

Ja m'elle fez outra tal
Bulra como essa,
Tinha outra alma ja vencida,
Em ponto de se enforcar
De desesperada,
A nós toda offerecida,
E eu prestes pera a levar
Arrastada;
E elle fê-la chorar tanto,
Que as lagrimas corrião
Pola terra.
Blasphemei entonces tanto,
Que meus gritos retinnião
Pola serra.
Mas faço conta que perdi,
Outro dia ganharei,
E ganharemos.

PRIMEIRO DIABO

Não digo eu, irmão, assi:
Mas a esta tornarei.
E veremos.
Torna-la-hei a affagar,
Depois que ella sair fóra
Da Igreja
E começar de caminhar:
Hei de apalpar
Se vencerão ainda agora
Esta peleja.»

Entra a Alma com o Anjo.

Já o Espirito das trevas nada póde contra esta Alma arrependida. Diz ella:

> «Vós não me desempareis
> Senhor meu anjo custodio.
> Ó increos
> Imigos, que me quereis,
> Que ja sou fóra do odio
> De meu Deos?
> Leixae-me ja tentadores,
> Neste convite prezado
> Do Senhor,
> Guisado aos peccadores
> Com as dores
> De Christo crucificado,
> Redemptor.»

É formosissima a scena em que Mephistopheles vê um coro de anjos arrebatar-lhe o corpo de Fausto. Ao approximar dos mensageiros divinaes irrompe uma luz fulgente, luz sideral que dissipa a treva satanica. emquanto os espiritos celestes bradam:

> «Do que não é da vossa esphera, deveis abster-vos, tudo o que turba o vosso coração, não deveis soffre-lo. Se o mal nos apprema com ardideza, arquemos com elle: o amor só abre o céo aos que amam.»

Vocifera Mephistopheles:

> «Ardem-me a cabeça, o coração e o figado. Elemento mais que diabolico! — cem vezes mais cruciante que as chammas do inferno!...»

O coro dos anjos diz finalmente:

> «Está o ar purificado: póde a alma respirar.»

E elevam-se subito levando Fausto.

Mephistopheles como aturdido, olha em redor de si e exclama:

> «O que é isto? Para onde foram elles? Legião de creanças, tomastes-me de improviso! Voaram para o céo com a sua presa.»

O Diabo de Gil Vicente clamando:

> «Ando tão desatinado
> De enganado,
> Que não posso repousar
> Que me preste»

está em uma situação semelhante á do Mephistopheles de Gœthe. Mas a conversão e a morte de Fausto estão envoltas em nuvens. Falta-lhes verdade na descripção, como observa um critico moderno, ao passo que o nosso poeta é de uma precisão e clareza admiraveis. É uma scena menor, sem duvida, póde mesmo até certo ponto parecer algum tanto trivial, mas tal qual é, preenche o seu fim e ajusta-se optimamente ao desenlace final. Demais, Gil Vicente tem a prioridade da creação.

Era o homem que, nas suas *Confissões,* traça com uma mestria incomparavel as luctas intimas da alma, narrando-as com uma profundeza e uma ingenuidade de emoção rarissimas na antiguidade, era esse homem evidentemente que devia receber a Alma, e fa-lo assim:

«AGOSTINHO

Vós senhora convidada,
Nesta cea soberana
Celestial,
Haveis mister ser apartada
E transportada
De toda a cousa mundana
Terreal.
Cerrae os olhos corporaes,
Deitae ferros aos damnados
Appetitos,
Caminheiros infernaes;
Pois buscaes
Os caminhos bem guiados
Dos contritos.»

Diz a Igreja:

«Benzei a mesa vós, senhor,
E pera consolação
Da convidada,
Seja a oração de dor
Sôbre o tenor
Da gloriosa paixão
Consagrada.
E vós, Alma, rezareis,
Contemplando as vivas dores
Da Senhora:
Vós outros respondereis,
Pois que fostes rogadores
Até 'gora.»

Oração para Sancto Agostinho

«Alto Deos maravilhoso,
Que o mundo visitaste

Em carne humana,
Neste valle temeroso
E lacrimoso
Tua glória nos mostraste
Soberana;
E teu filho delicado,
Mimoso da Divindade
E natureza,
Per todas partes chagado,
E mui sangrado,
Pela nossa infirmidade
E vil fraqueza.
  Oh Imperador celeste.
Deos alto mui poderoso
Essencial,
Que polo homem que fizeste,
Offereceste
O teu estado glorioso
A ser mortal!
  E tua filha, madre, esposa,
Horta nobre, frol dos ceos,
Virgem Maria,
Mansa pomba gloriosa;
Oh quão chorosa
Quando o seu Deos padecia!
Oh lagrimas preciosas
De virginal coração
Estilladas!
Correntes das dores vossas
C'os olhos da perfeição
Derramadas!
  Quem huã só podéra haver,
Vira claramente nella
Aquella dor,
Aquella pena e padecer,
Com que choraveis, donzella,

Vosso amor.
  E quando vós amortecida,
Se lagrimas vos faltavão,
Não faltava
A vosso filho e vossa vida
Chorar as que lhe ficavão
De quando orava.
Porque muito mais sentia
Polos seus padecimentos
Ver-vos tal;
Mais que quanto padecia,
Lhe doïa,
E dobrava seus tormentos,
Vosso mal.
  Se se podesse dizer,
Se se podesse rezar
Tanta dor;
Se se podesse fazer
Podermos ver
Qual estaveis ao cravar
Do Redemptor!
Oh fermosa face bella,
Oh resplandor divinal,
Que sentistes,
Quando a cruz se poz á vela,
E posto nella
O filho celestial
Que paristes!»

A espontaneidade de todo este trecho, que faz escuras algumas vulgaridades da scena, pinta em todo o seu primor a inspiração christan de Gil Vicente.
Continua a oração:

«Vendo por cima da gente
Assomar vosso confôrto

Tão chagado,
Cravado tão cruelmente,
E vós presente,
Vendo-vos ser mãe do morto,
E justiçado!
Oh rainha delicada,
Sanctidade escurecida,
Quem não chora
Em ver morta debruçada
A avogada,
A força da nossa vida!»

«É a musa dolorosa do *Stabat*», diz Ducarme. «que inspirou esta sublime oração.» Accrescenta mais: «Raras vezes a poesia christan se elevou a tão donosos accentos. A força, a gentileza, a tristura santa produzida pela cruz, os arrobos da crença, tudo isto se desfaz, se funde na prece e nos soluços plangentes. Bastaria só que houvesse esta perola no *Auto da Alma*, para determinar a superioridade de Gil Vicente n'este ramo da litteratura hespanhola e portugueza. O imprevisto d'este mimoso trecho, que irrompe aqui com tão brilhante colorido, dá-nos a medida do que foi, e do que em outro meio podera ser Gil Vicente.»

Refere-se de Santo Ambrosio, n'uma pia lenda, como já em remotas eras se narrava de Platão, que dormindo um dia, exposto ao ar livre no seu berço, viera um enxame de abelhas voejar-lhe em torno do rosto, chegando algumas d'ellas a penetrar na bocca entreaberta. Assustou-se a ama. Não quiz o pae, que passeava proximo com os seus, consoante o credulo

chronista, interromper o prodigio, e logo que viu subir o enxame e perder-se nos ares, exclamou: «Se esta creança vive, espera-o um grandioso destino!»

Diz Ambrosio:

«Isto chorou Hieremias
Sôbre o monte de Sion
Ha ja dias;
Porque sentio que o Messias
Era nossa redempção.
E chorava a sem ventura,
Triste de Jerusalem
Homecida,
Matando, contra natura,
Seu Deus nascido em Belem
Nesta vida.»

Não encontraremos, decerto, nos fastos oratorios do christianismo, nome mais afamado e que mais seduza a imaginação do que o nome de S. Jeronimo. E, comtudo, afastado de todos os cargos ecclesiasticos, n'uma epocha já em que essas honras tinham partilha nas dignidades do imperio, nunca a Jeronimo se lhe deparou hora propicia para avassallar os espiritos, como succedeu a Ambrosio e a Chrysostomo. Sempre errante ou solitario, sem outro titulo na Egreja mais que o de presbytero, coube-lhe em sorte um lavor immenso: a traducção dos livros sagrados.

Diz Jeronimo:

«Quem vira o sancto cordeiro
Antre os lobos humildoso,
Escarnecido,

Julgado pera o marteiro
Do madeiro,
Seu rosto alvo e fermoso
Mui cuspido!

AGOSTINHO *(benze a mesa)*

A benção do Padre eternal,
E do Filho, que por nós
Soffreo tal dor,
E do Spirito Sancto, igual
Deos immortal,
Convidada, benza a vós
Por seu amor.

IGREJA

Ora sus, venha agua ás mãos.

AGOSTINHO

Vós haveis-vos de lavar
Em lagrimas da culpa vossa,
E bem lavada.
E haveis-vos de chegar
A alimpar
A huã toalha fermosa,
Bem lavrada
C'o sirgo das veias puras,
Da Virgem, sem mágoa nascido
E apurado,
Torcido com amarguras
Ás escuras,
Com grande dor guarnecido
E acabado.
Não que os olhos alimpeis,

Que o não consentirão
Os tristes laços;
Que taes pontos achareis
De face e envés,
Que se rompe o coração
Em pedaços.
Vereis seu triste lavrado
Natural,
Com tormentos pespontado,
E figurado
Deos creador em figura
De mortal.»

«Esta toalha de que aqui se falla, he a Veronica, a qual S. Agostinho tira d'antre os bacios, e amostra á Alma; e a Madre Igreja, com os Doutores, lhe fazem adoração de joelhos, cantando: *Salve, sancta Facies*. E acabando diz a Madre Igreja:

«Venha a primeira iguaria.

JERONIMO

Esta iguaria primeira
Foi, Senhora,
Guisada sem alegria
Em triste dia,
A crueldade cozinheira
E matadora.
Gosta-la-heis com salsa e sal
De choros de muita dor;
Porque os costados
Do Messias divinal
Sancto, sem mal,
Forão pelo vosso amor
Açoutados.»

«Esta iguaria em que aqui se falla, são os Açoutes; e em este passo os tirão dos bacios, e os presentão á Alma, e todos de joelhos adorão, cantando: *Ave flagellum;* e despois diz Jeronimo:

«Est'outro manjar segundo
He iguaria,
Que haveis de mastigar,
Em contemplar
A dor que o Senhor do mundo
Padecia,
Pera vos remediar,
Foi um tormento improviso,
Que aos miolos lhe chegou:
E consentio,
Por remediar o siso,
Que a vosso siso faltou;
E pera ganhardes paraizo,
A soffrio.»

«Esta iguaria segunda de que aqui se falla, he a Coroa de espinhos; e em este passo a tirão dos bacios, e de joelhos os sanctos Doutores cantão: *Ave corona espiniarum;* e acabando diz a Madre Igreja:

«Venha outra do theor.

JERONIMO

Est'outro manjar terceiro
Foi guisado
Em tres logares de dor,
A qual maior,
Com a lenha do madeiro
Mais prezado.
Come-se com gran tristura,

Porque a Virgem gloriosa
O vio guisar:
Vio cravar com gran crueza
A sua riqueza,
E sua perla preciosa
Vio furar.»

«E a este passo tira S. Agostinho os Cravos, e todos de joelhos os adorão, cantando: *Dulce lignum, dulcis clavus*. E acabada a oração, diz o Anjo á Alma:

«Leixae ora esses arreios,
Qu'est'outra não se come assi
Como cuidais.
Pera as almas são mui feios,
E são meios
Com que não andão em si
Os mortaes.»

«Despe a Alma o vestido e joias que lh'o Inimigo deu, e diz

AGOSTINHO

«Ó Alma bem aconselhada,
Que dais o seu cujo he;
O da terra á terra:
Agora ireis despejada
Pola estrada,
Porque vencestes com fé
Forte guerra.

IGREJA

Venha ess'outra iguaria.

JERONIMO

A quarta iguaria he tal,
Tão esmerada,
De tão infinda valia
E contia,
Que na mente divinal
Foi guisada,
Por misterio preparada
No sacrario virginal,
Mui cuberta,
Da divindade cercada
E consagrada,
Despois ao Padre eternal
Dada em offerta.»

«Apresenta S. Jeronimo á Alma hum Crucifixo, que tira d'antre os pratos; e os Doutores o adorão, cantando: *Domine Jesu Christo;* acabando, diz a

ALMA

«Com que fôrças, com que sprito,
Te darei tristes louvores,
Que sou nada,
Vendo-te, Deos infinito,
Tão afflicto,
Padecendo tu as dores,
E eu culpada?
Como estás tão quebrantado,
Filho de Deos immortal!
Quem te matou?
Senhor, per cujo mandado
És justiçado,
Sendo Deos universal,
Que nos creou?

AGOSTINHO

A fruita deste jantar,
Que neste altar vos foi dado
Com amor,
Iremos todos buscar
Ao pomar
Aonde está sepultado
O Redemptor.»

«E todos com a Alma, cantando *Te Deum laudamus*, forão adorar o moimento.»

Termina por esta fórma o *Auto da Alma*, e por esta arte deleitava e edificava talvez Gil Vicente uma das mais sumptuosas e luzidas côrtes da Europa. «*Où il s'élève, il a d'admirables accents*», diz um illustre critico, «*Il a le secret des grâces qui sont restées l'apanage de son peuple; la sève poétique circule abondante dans sa langue, libre, souple, éclatante.*»

Pelo confronto que fizemos entre Gœthe e Gil Vicente, vêmos que no *Fausto* ha como que um echo do pensamento inicial do *Auto da Alma*. Acaso ou não, cabe a primazia da concepção ao nosso poeta. «Eu prefiro, opina um escriptor illustre, o symbolismo singello, despretencioso, embora trivial por vezes do *Auto da Alma*, á fantasmagoria nubelosa da segunda parte do *Fausto*.»

Foi o *Auto da Alma* representado na noite de endoenças de 1508 nos paços da Ribeira.

Estas diversões e passatempos levam-nos a conceber, sem largo exame, o fausto, a magnificencia e

a grandeza que existiam na côrte do monarcha appellidado o Venturoso.

Chegara Portugal á culminação de um prestigio deslumbrante e do seu grandioso poderio. Empunhava o sceptro dos mares e possuia o commercio do mundo.

As artes foram-se erguendo até tocar o livel d'estes uniformes primores. Teve a musica nos seculos XV e XVI notavel desenvolvimento, devido inquestionavelmente ao uso hespanhol dos poetas se acompanharem com instrumentos, emquanto improvisavam ou cantavam seus poemas. Era Gil Vicente quem compunha a solfa para os villancicos e chacotas dos seus autos; Manoel Machado primava no toque do alaude; D. João de Menezes compunha para orgão a musica das suas coplas; Garcia de Resende era celebrado como tocador de guitarra; e Sá de Miranda acompanhava-se, com enlevo de quem o ouvia, á viola de arco. O metro admittido n'estas composições era a redondilha maior, por mais adequada ao rhythmo musical das toadas nacionaes. Porém a poesia lyrica da eschola hespanhola, n'esta dependencia da musica, perdeu a sua categoria litteraria, e ficou valendo unicamente como *cantigas*. Quasi que, destituida de pensamento poetico, valia pela cadencia do rhythmo. Foram os serões do paço que offereceram o unico meio de publicidade a este genero de composições, vulgarizadas depois por se terem multiplicado em grande copia. Colligidas mais tarde, e por se chamarem ordinariamente *canções*, foram de-

nominados *cancioneiros* os volumes em que as foram reunindo.

Estava em uso, nas côrtes de D. Affonso v e D. João II, a chamada dança moirisca, que os poetas d'essas eras descrevem de meneios lubricos, como esses bailes sensuaes e provocadores trazidos do Oriente, ou originarios da compleição ardente dos habitantes da Mauritania; mas com a influencia italiana vieram a *pavana* e a *galharda*. A pavana era uma dança grave e de posições garbosas e senhoris. Só a dançavam rainhas, as principaes damas da côrte, e os gentishomens da mais illustre linhagem que podiam receber essas honrarias. Era considerada especialmente como dança de etiqueta cortezan. Dançava-se com roupas talares e roçagantes, e, nas voltas, os mantos enfunando-se, muito concorriam para a solemnidade dos passos e magestade das attitudes. Tornara-se de uso pôr n'estas occasiões as melhores joias, e até os soberanos se ornavam com os distinctivos da realeza, e os nobres com a capa e espada. A *galharda* era outra dança que se executava a tres tempos, com movimento vivo e animado, de que pouca noticia nos resta.

Nunca as fascinações de uma grande civilização foram tão fulgurantes como n'este periodo historico.

O que eram as nações do Norte ante este primado do Occidente, em presença da indisputavel supremacia da raça latina?

Artes, lettras e sciencias floresciam robustas e vivazes em Italia, França, Hespanha e Portugal. As

maravilhosas descobertas e conquistas couberam em partilha a hespanhoes e portuguezes. O commercio em toda a sua actividade e opulencia, esse era nosso, porque fizemos de Lisboa o caes e emporio do mundo.

O imperio portuguez no seu apogeu comprehendia em 1553, sem falarmos da America do Sul, as seguintes possessões, que as distancias de umas a outras e a larga jornada, que as separava da mãe-patria, tornava cada anno mais difficeis de defender e de sustentar. Na costa de Africa Oriental Sofala, o Monomotapa, Moçambique, Quiloa, Melinde e a ilha de Socotorá; na bocca do golfo Persico a cidade de Ormuz com uma cidadella e uma feitoria, as ilhas de Bahrein situadas no mesmo golfo, e o excellente porto de Mascate na Arabia Feliz. Obedecia-nos a costa do Indostão como tributaria, ou como alliada desde o golfo de Cambaya até ao cabo Comorim. Uma linha de fortalezas subjugava Ceylão. Nas costas de Coromandel Negapatan e Meliapor reconheciam o nosso dominio. Malaca, chave do trafico maritimo do su-sueste da Asia, era nossa. Nos reinos do Pegú e de Siam não tinhamos estabelecimentos mercantis, nem presidios, mas exerciamos grande influencia. Nas ilhas de Sonda possuiamos algumas feitorias, e nas Molucas exerciamos auctoridade plena. Na China depois da perda de Liampó, colonia portugueza rica, fôra-nos cedida a cidade de Macau em premio de serviços contra os piratas. Haviamos alcançado entrada no Japão e trato mui lucrativo.

As riquezas do Oriente, refluiam em torrentes das margens do Ganges para as praias do Tejo, e milhares de navios extrangeiros, tributarios da nossa opulencia, acudiam ao porto de Lisboa, carregando para os vastos mercados de Flandres, de Inglaterra, de França e da Italia.

Versava o nosso commercio sobre productos variadissimos, e era com o oiro de Sofala que se pagavam em parte as mercadorias asiaticas. Os metaes preciosos entravam como artigo principal nos carregamentos das naus de Lisboa, e cada uma levava de ordinario quarenta a cincoenta mil cruzados para empregar em pimenta e outras especiarias.

Tivemos, pois, o monopolio da exportação das especiarias, e de todas as riquezas da Asia. Traziamos o cravo das Molucas, a noz e a massa de Banda, a pimenta e o gengibre do Malabar, a canella de Ceylão, o ambar das Maldivas, o sandalo de Timor, o beijoim do Achem, as tecas e couramas de Cochim, o anil de Cambaya, o pau de Solor, os cavallos da Arabia, as alcatifas de Schiraz, as sedas, damascos, almiscar, lavores e porcelanas da China, os estofos de Bengala, as perolas de Kalckar, os diamantes de Narsinga, os rubís do Pegú, o oiro de Sumatra e dos Lequios e a prata do Japão. Moçambique, ponto aonde todos os annos nos mezes de agosto e setembro vinham aportar as armadas, trocava pelos productos da India, que lhe vendiamos, o oiro colhido nas vizinhanças de Sofala, ou nos rios de Monomotapa, os escravos negros do sertão, o marfim e o ebano.

Todas estas grandezas passaram. Esmagou-nos o colosso com o seu peso. «Entre as acclamações de 1499, diz um escriptor illustre, e o estertor da monarchia moribunda em 1580 poucas gerações se interpozeram: mas que espectaculo admiravel o d'esses annos de esperanças infinitas, e de grandezas invejadas!»

A decadencia não tardou, e com ella surgiram todas as vilezas que nos teem opprimido e esmagado.

A esta lugubre derrocada não escapou o theatro. «Como o senhor rei D. Manuel deixou pouco vividoura descendencia, diz Garrett, tambem o seu poeta Gil Vicente deixou morredoiros successores. Outros pendões foram fazer a *conquista, navegação e commercio* dos altos mares que nós abandonámos; outras musas occuparam o theatro que nós deixámos. E d'esta ultima gloria perdida, nem sequer memoria ficou nos titulos de nossos reis.»

E todavia, Gil Vicente, como relembra o proprio Garrett, tinha lançado os fundamentos de uma eschola nacional.

Porto — Typographia Elzeviriana